

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

O “Sistema de Vogais” no *Mémoire*
de Ferdinand de Saussure (1879):
Uma Proposta de Tradução

Versão corrigida

Edgard Santana Bikelis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Semiótica e Linguística Geral,
do Departamento de Linguística, da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, como requisito
para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Cristina Altman
De acordo

São Paulo

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B594" Bikelis, Edgard
O "Sistema de Vogais" no Mémoire de Ferdinand de Saussure (1879): Uma Proposta de Tradução / Edgard Bikelis ; orientadora Cristina Altman. - São Paulo, 2017.
207 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Linguística. 2. Historiografia. 3. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 4. Linguística indo-europeia. I. Altman, Cristina, orient. II. Título.

與人書十

嘗謂今人纂輯之書。正如今人之
 鑄錢。古人采銅於山。今人則買舊
 錢。名之曰廢銅。以充鑄而已。所鑄
 之錢。既已粗惡。而又將古人傳世之
 寶。舂剉碎散。不存於後。豈不兩失
 之乎。

Décima carta, a um amigo

Eu sempre disse que o modo como os livros são compilados pelos homens de hoje é como nossos contemporâneos cunham moedas. Os homens de antigamente extraíam cobre nas montanhas; os de hoje compram moedas antigas, chamam de refugo e as usam para encher os moldes. As moedas que cunham são feias e grosseiras, e eles também destroem os tesouros legados pelos antigos, que assim deixarão de existir. Não é isto uma dupla perda?

顧炎武 Gù Yánwǔ (1613-1682).

Agradecimentos

Agradeço primeiro aos meus diletos pais, Angela e Eduardo, pelo amor, apoio irrestrito, e paciência enorme e inexaurível.

À minha orientadora Cristina, que é um facho de alegria por onde quer que vá, e um exemplo acadêmico muito inspirador.

Ao Departamento de Linguística (DL/USP), pela confiança dada ao conceder-me a bolsa, e por toda ajuda administrativa; às professoras Olga Coelho e Margarida Petter, além do professor Paulo Chagas, que me enriqueceram com suas aulas e convivência.

Aos professores José Luiz Fiorin e José Marcos de Macedo, pelas sugestões e observações argutas e abundantes na minha banca de qualificação.

Aos colegas do CEDOCH, que me acolheram tão prontamente.

À Lilian, por me mostrar o *Bráhma*n.

À Cibele, pelos passeios bucólicos.

A Arcangelo Corelli e Alessandro Striggio, pela companhia.

Resumo

BIKELIS, Edgard Santana O “Sistema de Vogais” no *Mémoire de Ferdinand de Saussure (1879): Uma Proposta de Tradução*. 2017. 208f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é conhecido especialmente por ser o autor do Curso de Linguística Geral de 1916, obra vista, pelas gerações que o sucederam, como a fundadora tanto do chamado ‘estruturalismo’ linguístico, como também da Linguística contemporânea. O *Curso*, como se sabe, foi editado a partir das notas feitas por seus alunos dos três cursos de linguística geral, proferidos por ele, entre 1907 e 1911, na Universidade de Genebra, e é como autor dessa obra que Saussure é reconhecido no movimento estruturalista do século XX. Em vida, no entanto, seu reconhecimento se deu em grande parte pela publicação do *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, em 1879. Buscamos neste trabalho investigar, pelo viés da Historiografia Linguística, o contexto e o conteúdo do *Mémoire* de Saussure, ao reconstruir os desenvolvimentos da Linguística Histórica a partir do século XIX e ao traduzir o primeiro capítulo dessa obra, com vistas a recuperar-lhe o sentido do termo *sistema*, que viria a ser de grande importância para a história da Linguística no século XX.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Saussure; Linguística Histórica; Sistema

Abstract

BIKELIS, Edgard Santana **On the “Vowel System” in the *Mémoire* of Ferdinand de Saussure (1879): A Translation Proposal.**

Ferdinand de Saussure (1857-1913) is mainly known for being the author of the *Course in General Linguistics* of 1916, a work that was to be regarded, by the future generations, as both the foundation of the linguistic ‘Structuralism’ and also of the modern Linguistics. The *Course*, as it is well-known, was edited from the annotations of his students in the three courses in General Linguistics that he lectured, from 1907 to 1911, in the University of Geneva, and it is as the author of this work that Saussure is acknowledged in the Structuralist movement of the 20th century. During his life, however, his renown was due mainly to the publication of the *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, in 1879. We strived, in this this dissertation, to investigate the context and content of this work through the method of the Linguistic Historiography, by reconstructing the development of Historical Linguistics from the start of the 19th century, by translating the first chapter of his book, aiming to recover the sense of the term *system* being used therein, and which would come to grow in importance for the future history of Linguistics in the 20th century.

Key-words: Linguistic Historiography; Saussure; Historical Linguistics; System.

Lista de Tabelas

3.1	Oclusivas dentais sob a Lei de Grimm	24
4.1	Vogais do sânscrito	30
4.2	Ditongos do sânscrito.	31
4.3	As cinco séries de oclusivas do Sânscrito	31
4.4	Gradação vocálica em sânscrito.	32
4.5	Conjugação de <i>vi</i> , <i>vvac</i> , e <i>vas</i> no presente da voz ativa.	34
4.6	Declinação de <i>váktar</i> - ‘proclamador,’ <i>śvan</i> - ‘cão’	35
4.7	Ocorrências de <i>sistema</i> no <i>Mémoire</i>	40
4.8	Séries de vogais em Schleicher (1856)	44
4.9	Inventário Consonântico em Schleicher (1876:10).	44
4.10	Correspondências entre consoantes dorsais	45
4.11	Reflexos do <i>ablaut</i> de $*a_1r$ e $*a_1m$	47
4.12	Reflexos do <i>ablaut</i> de $*a_1A$ e $*a_1Q$	50

Conteúdo

Agradecimentos	v
1 Apresentação	1
2 Bases Teóricas e Metodologia	5
3 História Externa	9
3.1 Duas Tradições Gramaticais	9
3.1.1 Gramática Ocidental	9
3.1.2 Gramática Sânscrita	11
3.2 O Sânscrito Chega ao Ocidente	12
3.3 <i>Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos</i> (1808)	16
3.4 Franz Bopp	18
3.5 Jacob Grimm	20
3.6 Alunos de Ritschl: Curtius, Schleicher, Brugmann . . .	21
3.7 Ferdinand de Saussure	25
4 História do Problema	29
4.1 Influência do Sânscrito	29
4.1.1 Vogais, Ditongos e a sua União (<i>sandhi</i>)	29
4.1.2 As Cinco Séries de Consoantes Oclusivas . . .	31
4.1.3 Alternância Vocálica: <i>Gouna</i> e <i>Vridhhi</i>	32
4.2 Conceitos Operativos	36
4.2.1 ‘Orgânico’ versus ‘Mecânico’	36
4.2.2 ‘Sistema’	38

4.2.3	<i>Ablaut</i> e a Tríade Vocálica	41
4.3	A Reconstrução de Schleicher	43
4.4	O Problema das Palatais: Ascoli	45
4.5	Líquidas e Nasais Soantes	46
4.6	O <i>Mémoire</i> de Saussure	47
5	Tradução do Capítulo 1 do <i>Mémoire</i>	53
5.1	Fontes, Critérios, e Metodologia	53
5.2	Tradução	56
	Análise de diversas opiniões formuladas sobre o sistema dos <i>a</i>	59
0.1	As líquidas e nasais soantes.	71
0.1.1	§1. Líquidas soantes	71
0.1.2	1. Sílabas Radical	75
	a. Formações Verbais	79
	b. Formações Nominais	91
	2. Sílabas Sufixais.	103
0.1.3	§ 2. Nasais soantes.	103
0.1.4	§ 3. Complemento aos parágrafos precedentes.	167
	Considerações Finais	181
	Bibliografia	182

Capítulo 1

Apresentação

A tradição¹ ocidental de História (ἱστορία, *historía*) começou entre os gregos, com as *Histórias* do escritor Heródoto, com o sentido de ‘investigação’ e de ‘narrativa’ dessa investigação (LIDDELL, SCOTT e DRISLER 1894: *sub voce*).

No entanto, os textos de história sempre estiveram longe de ser somente a narrativa dos acontecimentos. Ao contrário, os textos de cunho historiográfico buscam ser um instrumento de coerção ideológica, quer pelo tratamento dos acontecimentos, quer pela seleção desses acontecimentos em detrimento de outros, estabelecendo assim a versão *autorizada* dos fatos. Daí que os textos historiográficos dizem, ao leitor atento, além do que nos querem dizer, também o modo com quem dizem e o que deixaram de dizer.

Tomem-se como exemplo os *Comentários sobre a Guerra Gálica* de Gaio Júlio César (100 a.C.-44 a.C.), texto que pretende ser somente as anotações rápidas (*commentarii*), factuais, de seu autor, escritas ainda durante a campanha que fizera pela Gália e, assim, um texto imparcial e isento dos artifícios retóricos comuns à literatura mais

¹De acordo com SWIGGERS (2010) há quatro modos de se entender a noção de *tradição*: (1) como tradição nacional, étnica, ou definida geograficamente; (2) como tradição de um paradigma científico, ou modo de investigação científica; como tradição de “investimento linguístico,” em função de um objetivo “cultural, ideológico e/ou político,” como a linguística missionária; e finalmente (4) como tradição num sentido mais amplo, definida pelo foco em um subgênero linguístico, como a lexicografia ou o estudo de certa língua. Usamos o termo mormente nos primeiros dois sentidos.

bem cuidada. Mas, ao contrário, o autor se vale da *criação* dessa simplicidade como artifício retórico a fim emular uma imparcialidade que transparecia, até mesmo, no uso da terceira pessoa do singular quando o autor se refere a si mesmo. O objetivo principal dos *Comentários*, ao invés de ser apenas narrativa dos acontecimentos, é o de demonstrar a extrema habilidade militar de seu autor, obscurecendo a sua própria autoria a fim de elevar a credibilidade do texto.

Assim, o estudo de textos historiográficos, desde os da Antiguidade, sugere-nos que tenhamos grande cautela em sua leitura quer sejam os textos modernos ou não quer tratem de Linguística ou de outra área. Ao lerem-se os textos de historiografia linguística que tratam do período do século XIX, salta os olhos a homogeneidade da narrativa que se construiu, já desde a primeira obra dedicada à historiografia dessa época, na “História da Linguística e da Filologia oriental na Alemanha desde Começo do Século XIX, com uma Revisão do período passado”² publicada por Theodor Benfey (1809-1881) em 1869 (DAVIES 1998: 16, AUROUX 1992: 12).

A homogeneidade tanto se apresenta no que se diz, como a narrativa que também nós adotamos, começando pela presença inglesa na Índia, mas também pelo que não se diz, a saber, a pouca atenção dada aos antecedentes dos séculos anteriores. HOENIGSWALD (1963) refere-se a essa versão da história como uma ‘fábula acordada,’ *fable convenue*. Notamos que esta ‘fábula’ é imprecisa, em especial porque, no mais dos casos, ela ignora os desenvolvimentos do século XVIII que permitiram que a linguística histórica surgisse, tal como as mudanças que houve na educação (RÜEGG 2004), e a influência de filósofos como Johann Gottfried Herder (1744-1803) e Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) na busca da *Ursprache*, da língua original (SEUREN 1998: 74-5, JESPERSEN 1922: 27), e o surgimento do Romantismo.

Quanto à História, ademais, há aqueles que defendem a excelência do passado, e aqueles que argumentam que o presente é superior. Esta dicotomia ocorre já na Antiguidade, entre os Alexandrinos (c.

²*Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland seit dem Anfange des 19. Jahrhunderts mit einem Rückblick auf die früheren Zeiten.*

séc. III a.C.– séc. I d.C.), e os Romanos desde Marco Túlio Cícero (106 a.C– 43 a.C.), e seguiu pela Idade Média até culminar, mais recentemente, no episódio chamado de “Querela entre os Antigos e os Modernos” (NORTON 1999: 417).

A *Querela* se deu entre escritores franceses do século XVII, sendo os antigos (*ie.* os que defendiam os Antigos e a Antiguidade) liderados por Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711), e os modernos sendo liderados por Charles Perrault (1628-1703). O argumento dos modernos era de que as grandes invenções da época, em especial a prensa, as armas de fogo, e a bússola náutica, eram evidência de que os contemporâneos haviam ultrapassado os Antigos. À luz disso, Perrault escreveu, em 1687, um poema dedicado ao rei Luís XIV da França, intitulado *Le Siécle de Louis le Grand*, que consta como estopim da *Querela*, e onde se lê:

*La docte Antiquité dans toute sa durée
A l'égal de nos jours ne fut point éclairée.*
[A douta Antiguidade, em toda a sua duração
Não foi *iluminada* como os nossos dias.]

Este poema é tido como o iniciador do processo de radicalização entre essas visões distintas que será “o precursor de uma ideia de modernidade que se concluirá no século XX” (MATEUS 2012: 7).

Mencionamos estes acontecimentos, recuados em relação ao *Mémoire*, porque a ‘descoberta’ do sânscrito pelo Ocidente parece-nos ter sido recebida com um sentimento semelhante a este, dado que os estudiosos do século XIX passaram a poder vislumbrar não só o início da civilização ocidental, nas obras de Homero (c. séc. VIII) e Hesíodo (c. séc. VII), mas ir *além* deles no tempo, e reconstruir os seus antepassados linguísticos. Como sintoma disso podem-se ver, por exemplo, duas obras publicadas pelo filólogo John William Donaldson (1811-1861): numa, intitulada *O Novo Crátilo* (*The New Cratylus*, DONALDSON 1839) o autor busca, fundamentando-se em Bopp, aplicar os princípios da linguística comparada à gramática do grego antigo, cujo título alude ao *Crátilo* de Platão, em que o filósofo investiga as origens da linguagem. Decerto Donaldson cria ser possível, tendo em

vista as novas descobertas, revisar e superar Platão ele mesmo. Não contente, Donaldson publicou em 1844 outra obra, a que chamou *Varronianus*, onde aplica o mesmo método à língua latina, desta vez aludindo a Varrão, famoso como fundador da tradição gramatical do latim (TURNER 2014: 133).

Nosso primeiro objetivo, neste estudo, foi o de investigar a noção de *sistema* no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de Ferdinand de Saussure. Saussure procurou, nesta obra, resolver várias questões ao redor do vocalismo do indo-europeu, que giravam em torno de uma vogal *a* que se reconstruía na língua original. Para entender tanto o contexto dessas questões como em que elas consistem exatamente, dividimos este trabalho em duas grandes seções: uma que trata da *história externa*, isto é, dos agentes históricos e os produtos envolvidos no programa de investigação em que Saussure se inseriu ao publicar o *Mémoire*, e uma seção de *história interna*, que busca esclarecer o problema no seu aspecto estritamente linguístico, já à luz do capítulo anterior. Valêmo-nos, assim, da distinção feita por Robins:

Changes in scientific thinking and in scientific attitudes may arise from outside or from inside the science whose history is being traced. The existing state of a science, the starting point for any change is the product both of external and internal factors.

[Mudanças no pensamento linguístico e nas atitudes científicas podem surgir de fora ou de dentro da ciência cuja história está sendo traçada. O estado presente da ciência, o ponto de partida para qualquer mudança, é o produto tanto de fatores externos como de internos.]

(ROBINS 1997: 7)

Por fim, convocamos Saussure ele próprio para ilustrar, iluminar, e exemplificar o que dissemos, aditando o primeiro capítulo do *Mémoire*, com o texto original e sua tradução, de que nos valem, ao longo de todo o estudo, como ponto de apoio.

Capítulo 2

Bases Teóricas e Metodologia

Swiggers, ao definir o campo de estudos da Historiografia Linguística, caracteriza-a como o estudo da produção e da evolução de ideias linguísticas, propostas por agentes que interagem entre si, estando inseridos em certo contexto socio-cultural e político, além de estarem relacionados ao seu passado cultural e científico. (SWIGGERS 2004: 105-6).

Segundo Swiggers, o estudo da Historiografia Linguística deve-se constituir como uma disciplina científica, tendo assim padrões metodológicos e epistemológicos claros. Quanto a isto, ele propõe três níveis para a organização do trabalho historiográfico, cada um com tarefas próprias: a historiografia linguística ela mesma, a *epi-historiografia*, e a *meta-historiografia*.

A *historiografia linguística* é a narrativa que descreve e explica as reflexões e descrições linguísticas no passado.

A *epi-historiografia* trata da edição e da tradução de textos, e da publicação de fontes primárias, além da documentação biográfica e bibliográfica, mapeando a história dos agentes e de seus produtos (SWIGGERS 2004: 116, SWIGGERS 2010: 5).

A *meta-historiografia* tem por objetivo a reflexão das práticas e

produtos historiográficos, com três tarefas básicas: a construtiva, a crítica, e a contemplativa. A meta-historiografia construtiva busca desenvolver modelos para “a narrativa da história da reflexão e descrição linguísticas”, além da articulação de uma metalinguagem coerente e precisa. A meta-historiografia crítica busca avaliar, quer quanto à documentação empírica como nos princípios metodológicos e epistemológicos, os produtos da prática historiográfica. A meta-historiografia contemplativa almeja definir o objeto e o *status* da historiografia linguística, os fundamentos e a justificativa dos formatos e dos perfis historiográficos, além de problemas como a definição de “fato histórico” e a “verdade” na história da linguística (SWIGGERS 2010: 5).

Buscamos investigar neste trabalho, como dissemos no capítulo anterior, a noção de *sistema* no *Mémoire* de Saussure. Para tanto, tivemos uma tarefa epi-historiográfica considerável, na transcrição e tradução do primeiro capítulo do *Mémoire* para o português. Escolhemos este capítulo pelo fato de Saussure tratar, nele, dos *sistemas* propostos pelos estudiosos anteriores a ele, a que ele critica (WATKINS 1978: 63), e no lugar de que ele proporá seu próprio *sistema*.

Ademais, buscamos reconstruir a história externa deste campo de investigação, bem como a história do problema específico que Saussure ataca em seu *Mémoire*, a saber, o vocalismo do indo-europeu. Para tanto pareceu-nos necessário reconstruir o processo de surgimento da *gramática comparada*, e dos conceitos que operavam nesse programa de investigação (SWIGGERS 2004: 130), pois, naturalmente, eles permearam tanto a articulação dos problemas, como o procedimento para a sua solução. Buscamos cumprir, assim, uma tarefa genuinamente *historiográfica*, na definição de Swiggers, acima.

Veremos, por exemplo, como o pressuposto de que a proto-língua, de que descenderiam todas as línguas indo-europeias, possuía apenas três vogais, *a i u*, era tão antigo quanto a própria gramática comparada, restando praticamente inabalada até a década de 1870, quando, então, foi questionada por aqueles que seriam chamados de

neogramáticos. Saussure se valerá dos argumentos dos neogramáticos, da ‘divisão’ do *a reconstruído em *a₁ e *a₂, que hoje seriam escritos *e *o, para a construção de seus argumentos no *Mémoire*.

Reconstruir esta história exigiu, além, obviamente, da leitura atenta do *Mémoire* mesmo, a consulta de várias fontes primárias e secundárias. Não encontramos nenhuma fonte secundária recente que narrasse a história do problema com detalhes suficientes, nem, até mesmo, o estado exato do problema à época da publicação do *Mémoire*. Além do horizonte de retrospecção que Saussure mesmo explicita no *Mémoire*, obras como a de DAVIES (1998) e AMSTERDAMSKA (1987) serviram-nos como mapas para buscar informações mais minuciosas. Das fontes secundárias mais antigas, obras como a de OERTEL (1901), JESPERSEN (1922), PEDERSEN (1931), e mesmo DWIGHT (1859), foram de grande utilidade, porque descrevem as descobertas ou como recentes, ou seja, quer como uma ‘crônica contemporânea,’ ou como um passado recente. Parece-nos que esta proximidade promove uma descrição mais minuciosa das análises que, na literatura posterior, tornou-se extremamente condensada. Usar tais fontes secundárias antigas, no entanto, implica nas precauções quanto ao propósito desse tipo de obra, que pode se tratar ou de uma *historiografia complacente*, que valoriza o passado justamente por ser passado, ou de uma *historiografia polêmica*, em que se busca retratar o passado apenas como a serviço do presente. (KOERNER 1999, SWIGGERS 2004, SWIGGERS 2012).

Textos como KOERNER (1985) serviram-nos também como referência, mas por tratarem mais da recepção do *Mémoire* que do argumento propriamente desta obra de Saussure, não foram especialmente esclarecedoras em nossa pesquisa.

De fato, valêmo-nos do horizonte de retrospecção, que Saussure nos fornece nas primeiras páginas do *Mémoire*, para reconstruir a história do problema. Saussure faz uma breve revisão histórica já nos primeiros parágrafos dessa obra, e nos pareceu apropriado, de fato seguir pelo mesmo caminho. Assim fizemos ao tratar dos autores

das obras que fundamentaram os desenvolvimentos posteriores, não porque sejam “heróis,” mas porque foram aqueles que fixaram os conhecimentos da época em obras escritas. Temos em mente, de certo, que a obra deles depende de complexas circunstâncias sociais e históricas, e valêmo-nos deles mais como emblema da *cinosura* de que faziam parte (HYMES 1983: 354).

Capítulo 3

História Externa

3.1 Duas Tradições Gramaticais

3.1.1 Gramática Ocidental

Em um sentido muito amplo, a Linguística moderna, tendo pouco mais de um século de existência, ocupa-se dos ‘fenômenos linguísticos,’ orais ou escritos, sincrônicos ou diacrônicos. No entanto, como vizinha da Gramática Ocidental (tradicional), uma tradição que persiste desde a Antiguidade clássica, a Linguística herdou dela boa parte de seus pressupostos, visíveis mesmo hoje, e ainda mais no seu nascimento, no século XIX. Dado que a Gramática tem, já no nome, a ver com *letras* (γράμματα *grámmata*, em Grego antigo), o texto escrito sempre teve primazia, quer como objeto de estudo, quer como veículo de suas obras.

O objetivo da Gramática tradicional sempre foi o de estudar o modo como os grandes escritores se expressavam, para emulá-los (em obras de retórica e estilística) e entendê-los (em obras de exegese), especialmente os autores das línguas clássicas, o grego antigo e o latim. Um *corpus* especial neste caso é a poesia homérica, que no início foi transmitida oralmente, por *aedos* que recitavam trechos dos épicos em ocasiões especiais. O texto foi eventualmente escrito registrado em escrita por encomenda de Pisístrato (†528 a.C.), governante

de Atenas (FINKELBERG 2011: 668-9). Desde então a poesia de Homero foi intensamente estudada já pelos gregos antigos, tanto por ser um texto formador de sua identidade, como por sua antiguidade, que tornava já à época difícil a sua compreensão. Essa tradição gramatical foi importada para Roma, e eventualmente seria transmitida até nós.

Na Antiguidade clássica, havia uma grande sensibilidade ao papel da história, da cronologia relativa entre os textos, e da mudança linguística; em parte pela transmissão desses textos ser por via escrita, epigráfica ou em manuscritos. Assim pode-se ler que Cícero, o famoso orador e jurista romano, tenha tentado com pouco sucesso ler as Leis das Doze Tábuas, porque o texto tinha-se corrompido ao longo dos séculos, e já era demasiado distante da língua corrente em Roma. Como veremos a seguir, tal percepção não se dava entre os indianos.

Durante a Antiguidade Clássica não havia uma teoria consensual sobre a origem das línguas humanas. O filósofo Platão (c. 425-347 a.C.), em seu diálogo intitulado *Crátilo*, investiga as possíveis origens das línguas e não chega a nenhuma conclusão, tratando-se assim de um de seus diálogos aporéticos. No entanto, com a chegada do Cristianismo, o Ocidente adotou a explicação bíblica para a origem das línguas humanas (THOMAS 2004: 37) – Deus teria apresentado todas as criaturas a Adão e este dado nome a elas (Gênesis 2:19), “*e o nome que Adão desse a cada ser vivo, esse precisamente seria seu nome.*” Essa língua adâmica teria sido então tornada heterogênea, “confundida” por Deus e seus anjos, a fim de que a humanidade não mais se entendesse, e que assim não pudessem prosseguir com a construção da cidade da Babilônia (Gênesis 11). A humanidade ter-se-ia, então, dispersado pela terra, descendendo, depois do dilúvio (Gênesis 7-8), da descendência dos três filhos de Noé, Sem, Cam, e Jafé, que se “*dividiram em seu território, conforme sua língua, cada um segundo os clãs de suas nações.*” (Gênesis 10:5, 10:20, 10:31.)

3.1.2 Gramática Sânscrita

Paralela à tradição Ocidental há outra, surgida na Índia, e preocupada em descrever a língua litúrgica e de cultura daquela civilização, equivalente assim ao que o latim é para o Ocidente, chamada *sânscrito*.

A Gramática Sânscrita, que tem Pāṇini (*fl. c. séc. VI a.C.*) como maior gramático, junto de seus comentadores, Vararuci (*c. séc. IV a.C.*) e Patanjali (*c. séc. II a.C.*), é diametralmente oposta à Gramática Ocidental em vários aspectos. Nela há outros pressupostos, dado que a sua gramática, chamada *Āṣṭādhyāyī* ‘[Gramática] de Oito Capítulos,’ ocupa-se mormente em *descrever* o modo de *fala* da casta mais elevada da sociedade da Índia, os brâmanes.

A descrição da língua é feita por meio de *regras* (ou aforismos, *sūtra*-) formuladas em sentenças extremamente sucintas, e que não têm exceção. Ao contrário, cada regra tem certo escopo, que pode ser bloqueado por outra regra, necessária ou opcionalmente. Assim, o que chamaríamos de exceção está contemplado por regras especiais que, podendo ser opcionais, descrevem também as diferentes variedades da língua, nos limites da variação dentro da casta dos brâmanes.

Tal como os gregos, que herdaram um texto oral antigo e difícil como formador de sua identidade, os brâmanes ocupavam-se de transmitir, entre outros textos, uma coleção de hinos religiosos chamada de *Ṛgveda*, “o Conhecimento (*veda*-) das Estrofes (*ṛc*-),” que é a base em que a religião védica, de que os brâmanes eram os sacerdotes exclusivos, assenta-se. Diferentemente de Homero, no entanto, o *Ṛgveda* nunca foi transmitido por via escrita; ao contrário, o texto todo, cuja recitação contínua leva cerca de dez horas ininterruptas, é até hoje transmitido *oralmente*, por meio de várias técnicas mnemônicas. Dado que a eficácia ritual desses hinos exigia a sua pronúncia correta, os brâmanes desenvolveram a fonética (*śikṣā*), que descreve a articulação dos sons do da variedade mais antiga do sânscrito, chamada de sânscrito védico. Textos dessa forma de descrever a pronúncia

chegariam ao Ocidente e suscitariam o estudo da Fonética como parte da Linguística.

Nada parecido com a visão histórica Ocidental houve na tradição sânscrita: desde que a língua foi codificada por Pāṇini, define-se o sânscrito (*saṃskṛta*- ‘refinado, perfeito’) como a língua que segue a sua gramática; todo o mais, todas as línguas e variedades das línguas da Índia, parentes ou não do sânscrito, são chamadas de *prākṛitas* (*prākṛta*- ‘natural, imperfeito’), vistas como graus variados de corrompimento da língua verdadeira. Não houve entre os indianos antigos um conceito paralelo ao de História dos gregos. Aos textos antigos foram-se acrescentando continuações e textos novos, a ponto de se tornarem verdadeiras bibliotecas, com textos de diversas épocas, recebidos pela tradição como homogêneos e coetâneos. Aos ocidentais, a partir do século XIX, é que caberia a tarefa de fazer a estratigrafia desses textos.

3.2 O Sânscrito Chega ao Ocidente

Poucos europeus tiveram notícia do sânscrito desde as incursões jesuítas no século XVI, que resultaram em textos como a *Grammatica linguae Sanscretanae Brachmanum Indiae Orientalis*, manuscrita (ROTH 1988), composta em 1660 pelo jesuíta Heirich Roth (1620-1668), de que só a explicação da escrita *devanāgarī*¹ foi publicada, por Athanasius Kircher, também jesuíta, no seu *China Illustrata* (Amsterdã, 1667 pg. 162-3). Este foi provavelmente o primeiro espécime dessa escrita publicado na Europa. Outra foi a *Grammatica Grandonica*, escrita entre 1712 e 1732 pelo jesuíta Johann Ernst Hanxleden (1681-1732), publicada apenas em 2013. Esses textos não repercutiram entre os estudiosos da época, em boa parte pela sua utilidade restrita aos propósitos dos missionários jesuítas (KOERNER e ASHER 2014: 188).

¹O sistema de escrita usado no Norte da Índia para a língua sânscrita, e ainda hoje usado para várias línguas desse país.

No final do século XVIII houve outra chance de contacto com o sânscrito, desta vez suscitada pela invasão inglesa na Índia (DAVIES 1998: 62) A Companhia Britânica das Índias Orientais se estabeleceu na Índia em três pontos principais: o Forte Saint George em Madras, o Fort William em Calcutá e no Forte de Bobaim, ainda no século XVII. A partir daí os britânicos buscaram aliar-se com os principados vizinhos, recebendo concessões em troca da promessa de segurança contra rebeldes e usurpadores.

A região do Fort William fazia parte do território do Nababo de Bengala, à época, com quem os britânicos tiveram vários conflitos, que culminaram na Batalha de Plassey, em 27 de Junho de 1757. Tendo vencida esta batalha, a Companhia Britânica das Índias Orientais passou a dominar a cidade de Calcutá e o seu entorno, e tratou de reconstruir o Fort William, destruído durante a batalha, terminando-o em 1781. Essa fortificação tornou-se a capital do domínio inglês na Índia, para onde o estadista Warren Hastings (1733-1818) foi enviado, em 1773, como o primeiro governador-geral, ocupando posto até 1785.

Confrontado pelo problema de como governar a população local, Hastings decidiu que o domínio inglês precisaria aceitar, até um ponto, os costumes sociais e religiosos dos indianos. “*Procuramos*”, diz Hastings “*adaptar nossos Regulamentos aos Modos e Acordos do Povo, e às Exigências do País, seguindo tão fielmente quanto possível os seus antigos usos e Instituições*”². Assim o conhecimento dos indianos passou a ser visto como útil para o domínio inglês, suscitando inclusive que estudiosos nativos aconselhassem os juízes ingleses sobre as leis indianas, codificadas em sânscrito, para que as considerassem em suas decisões (COHN 1996: 45).

Dez anos depois da chegada de Warren Hastings na Índia, em 1783, Sir William Jones (1746-1794) foi nomeado para ser um dos juízes da *Majesty’s Supreme Court of Judicature* no Fort William. Jones foi um

²*We have endeavoured to adapt our Regulations to the Manners and Understandings of the People, and the Exigencies of the Country, adhering as closely as we are able to their ancient uses and Institutions* (COHN 1996: 26).

prodígio linguístico, que aprendeu latim, grego antigo, persa, árabe, hebraico, e os rudimentos da escrita chinesa perto dos vinte anos de idade. Ele passou a estudar a língua sânscrita assim que chegou à Índia. No ano seguinte, Jones fundaria a *Royal Asiatic[k] Society of Bengal*, que inspirou a fundação de sociedades semelhantes no Ocidente.

Foi no discurso de 1786, em comemoração ao terceiro aniversário da *Royal Asiatic Society of Bengal*, que o famoso “trecho sobre o *philologer*”, tido por fundador da linguística comparada (CANNON 1991: 361), foi proferido:

“The *Sanscrit* language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure; more perfect than the Greek, more copious than the Latin, and more exquisitely refined than either, yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs and the forms of grammar, than could possibly have been produced by accident; so strong indeed, that no philologer could examine them all three, without believing them to have sprung from some common source, which, perhaps, no longer exists; there is a similar reason, though not quite so forcible, for supposing that both the *Gothic* and the *Celtic*, though blended with a very different idiom, had the same origin with the *Sanscrit*; and the old Persian might be added to the same family”.

[A língua Sânscrita, não importa o quanto antiga seja, tem uma estrutura maravilhosa; mais perfeita que a Grega, mais variada que a Latina, e mais elegantemente refinada que ambas, e ainda assim mostrando uma proximidade maior a elas, tanto nas raízes dos verbos como nas formas gramaticais, do que poderia ter surgido por acidente; realmente tão grande, que nenhum filólogo poderia examinar as três sem crer que elas tenham surgido de alguma origem comum, que talvez não exista mais; há razão similar, ainda que não tão forte, para supor que as línguas Germânicas e Célticas, ainda que amalgamadas com palavras muito diferentes, tenham tido a mesma origem que o Sânscrito; e o Persa antigo talvez possa ser incluído na mesma família.]

(JONES e FRANKLIN 1995: 361)

Neste texto, William Jones, dado que tinha o conhecimento linguístico necessário para fazer essa observação, teve também um veículo por meio de que divulgá-la, ainda que para um público restrito.

Em 1805 Henry Thomas Colebrooke (1765-1837) foi nomeado professor de Direito Hindu e Sânscrito no Colégio de Fort William. Ele havia sido mandado pela Companhia em 1782, e onze anos depois,

em 1793, havia começado a estudar o sânscrito. Ainda em 1805 ele publicou, em Calcutá, *A Grammar of the Sanscrit Language*, o volume que deveria preceder um segundo que nunca foi publicado (R. ROCHER e L. ROCHER 2012: 67). Esta seria a primeira gramática do sânscrito publicada em inglês. Nela, Colebrook descreveu a morfologia verbal do sânscrito seguindo o sistema gramatical de Pāṇini, o gramático sânscrito mais influente da tradição indiana. De fato, Colebrook foi o primeiro Ocidental a ter um conhecimento sólido da gramática pāṇiniana.

O escocês Alexander Hamilton (1762-1824) foi para a Índia em 1873, como tenente da esquadra da Companhia das Índias Orientais e, tendo estudado as línguas locais por longo tempo, entrou na Sociedade Asiática de Calcutá pouco depois de sua fundação (DAVIES 1998: 66). Ele iria para a França pouco depois da Paz de Amiens de 1802, a fim de consultar manuscritos na *Bibliothèque Nationale* em Paris, sendo ajudado por Louis-Mathieu Langlès (1763-1824), o curador da coleção oriental dessa biblioteca. A coleção de manuscritos em sânscrito havia sido trazida da Índia por Jean François Pons (1688-1752), um jesuíta francês.

Declarada a guerra entre França e o Reino Unido em 1803, Hamilton foi detido naquela cidade, mas solto a pedido de Constantin de Volney (1757-1820). De fato, ele terminou hospedado na casa de Friedrich Schlegel (1772-1829), que esteve em Paris de 1802 a 1805, dando-lhe aulas regulares de sânscrito. Além de Schlegel, Hamilton ensinou sânscrito a de Volney e a um pequeno círculo, mormente de parisienses, interessados nos estudos do Oriente, entre eles Jean-Louis Burnouf, e também Friedrich von Schlegel, incentivando-os a usar o material que a *Bibliothèque* abrigava.

Findas as Guerras Napoleônicas, Hamilton volta para a Inglaterra em 1806 e se torna “*Professor of Sanscrit and Other Hindoo languages*” [Professor de Sânscrito e Outras Línguas Indianas] no Colégio Hertford, tornando-se, assim, o primeiro professor de sânscrito na Europa. Ele é especialmente conhecido por introduzir o conhecimento

dessa língua na França e, indiretamente, na Alemanha, pelo papel que teve ao ajudar Othmar Frank e Franz Bopp entre 1814 e 1819. No trabalho de Hamilton é possível perceber que, já antes de 1816, o campo de trabalho estava já preparado para o desenvolvimento dos estudos de comparação do Indo-Europeu (R. ROCHER 1968: 124).

3.3 *Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos* (1808)

Karl Wilhelm Friedrich Schlegel (1772-1829), estudou sânscrito como aluno de Alexander Hamilton, como dissemos acima, sendo o primeiro ocidental a aprender sânscrito sem ter ido à Índia. Como poeta, filólogo, filósofo e crítico literário, ele é conhecido como uma das principais figuras do Primeiro Romantismo Alemão, junto de seu irmão August Wilhelm Schlegel (1767-1845). Friedrich Schlegel foi a Paris em 1802 para coligir poemas do Provençal, que segundo escreveu em 1803, eram *die Quellen der romantischen Poesie* [a Fonte da Poesia Romântica] (RONCAGLIA 1991: 23). Seus interesses logo migraram para o persa, no entanto, e eventualmente para o sânscrito. Como resultado, ele publicou em 1808 o livro intitulado *Über die Sprache und Weisheit der Indier* [Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos] em que parte das conclusões de William Jones em 1786, a que deve ter sido apresentado por Hamilton, e propõe pela primeira vez um programa de pesquisa que seria seguido até o fim do século XIX, o estudo de uma *gramática comparada*³:

Mais le point décisif qui éclaircira tout c'est la structure intérieure des langues ou la grammaire comparée, laquelle nous donnera des solutions toutes nouvelles sur la généalogie des langues, de la même manière que l'anatomie comparée a répandu un grand jour sur l'histoire naturelle plus élevée.

³De acordo com KOERNER (1989: 274-5), a expressão é usualmente creditada a Schlegel ainda no século XIX, mas ela ocorre já em 1801, no *Ensaio de uma Gramática Universal* (*Versuch einer allgemeinen Sprachlehre*) de Johann Severin Vater (1771-1826). No entanto é a proposição de Schlegel que é seguida por Bopp e os demais estudiosos do século XIX (LEHMANN 1967: 21-22).

[O ponto decisivo, no entanto, que esclarecerá tudo aqui é a estrutura interna das línguas, ou a **gramática comparada**, que nos proverá com pistas completamente novas sobre a genealogia das línguas, similar ao modo como a anatomia comparada esclareceu a história da natureza mais elevada.]

(SCHLEGEL et al. 1837: 35)

Schlegel dá exemplos, ao comparar o sânscrito com o grego e o latim, tanto de palavras como de terminações, defendendo que o sentido das palavras, derivadas de raízes, não é definido por partículas ou verbos auxiliares, mas pela flexão das raízes, isto é, pela mudança interna da raiz⁴. É de se notar que Schlegel creia que a família de línguas hipotetizada por William Jones tivesse o sânscrito como a língua mãe (DAVIES 1998: 71).

A partir disso Schlegel propõe uma dicotomia que será duradoura: um grupo de línguas opera de forma verdadeiramente “orgânica”⁵, por meio dessa flexão interna das raízes; outro grupo indica as relações gramaticais por meio de uma *agregação mecânica* das palavras e o uso de partículas e palavras adicionais.

Este livro, ainda que não tenha tido grande impacto estritamente linguístico, serviu como divulgação da importância do sânscrito, e como influência para os eruditos que obtiveram as primeiras cadeiras de sânscrito em universidades europeias, como Antoine-Léonard de Chézy, que estudou sozinho a língua e se tornou professor do Collège de France em 1814, e de seu irmão August Wilhelm Schlegel, para quem foi criada uma cadeira de sânscrito, na então nova Universidade de Bonn em 1818, depois de ter estudado com Franz Bopp na França, em 1815. Outro erudito a ser influenciado a estudar sânscrito, e que posteriormente dedicou-se ao comparatismo, foi Franz Bopp mesmo, sobre quem veremos a seguir.

A influência do *Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos* foi tripla, dessa forma: ele articulou pela primeira vez o programa de pesquisa da gramática comparada; serviu de exemplo de método, com seus dados e a comparação deles, para estudiosos subsequentes; e ajudou

⁴Veja-se a seção sobre *Ablaut* na página 41.

⁵Veja-se a seção sobre *organismo* na página 36.

a criar as bases institucionais para o fomento dessa linha de pesquisa (DAVIES 1998: 75).

3.4 Franz Bopp

Franz Bopp⁶ (1791-1867) nasceu em Mainz e estudou em Aschaffenburg, primeiro no *Gymnasium* local e depois na Karls-Universität, onde passou a se interessar por línguas orientais, mormente por influência de seu professor Karl Joseph Windischmann (1775-1839), amigo de Friedrich Schlegel (PAULIN 2016: 449). Em 1812 ele foi a Paris estudar sânscrito, em parte ajudado por de Chézy, que viria a se tornar professor no Collège de France dois anos depois, por Langlès, então curador da *Bibliothèque Nationale*, e por Alexander Hamilton. No entanto, ele trabalhou sozinho a maior parte do tempo (AMSTERDAMSKA 2012: 33, DAVIES 1998: 129). Na *Bibliothèque Nationale* Bopp teve acesso aos manuscritos da coleção oriental, e também aos livros publicados na Índia, pelos esforços dos ingleses. Ele passou cinco anos estudando arduamente nessa biblioteca, abstraído do tumulto político da época.

Em 1816, Windischmann preparou o primeiro trabalho de Bopp para publicação, o *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenen der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* [Sobre o Sistema de Conjugação da língua Sânscrita em Comparação com a da língua grega, latina, persa, e germânica], a que proveu também o prefácio, além de três seções com traduções do sânscrito. Este livro é amplamente celebrado, não só como a primeira obra sobre as línguas Indo-Europeias, mas também como texto fundador da Linguística “como a conhecemos” (DAVIES 1998: 129, DOLEZAL 1997: 261, BENWARE 1974: 22), a ponto ser pos-

⁶Contamos doze citações de Bopp ao longo do *Mémoire*, a primeira já no quarto parágrafo, p. 4 (do *Recueil*), quando Saussure começa a narrar a história do problema das vogais no indo-europeu, fornecendo-nos assim seu horizonte de retrospectiva. As demais ocorrências estão nas páginas seguintes: 20, 30 e 36, estas no primeiro capítulo que temos traduzido, e as demais, 85, 88, 119, 191 duas vezes, 234, 246, e 254.

sível, segundo Koerner, que os editores do *Cours* de Saussure tenham escolhido a data de 1916 para publicá-lo, exatos cem anos depois, para marcar “a primazia da sincronia frente à diacronia” (KOERNER 1999: 88).

Bopp se esforçou para divulgar esta obra, chegando até mesmo a publicar uma ‘auto-resenha’ (*Selbstanzeige*) em 1819 e, no ano seguinte, a revisar e ampliar o texto, publicando-o desta vez em inglês (BOPP 1989). O *Conjugationssystem* foi bastante influenciado pelo *Über die Sprache und Weisheit der Indier* de Schlegel, tanto pela proposta comparatista como pela organização da obra (DAVIES 1998: 129), por conter traduções do sânscrito, por exemplo; mas difere num ponto crucial, em não considerar o sânscrito como a língua mãe da família de línguas identificada por William Jones, mas somente uma das descendentes de uma língua mais antiga. No ano seguinte, em 1821, Bopp tornou-se professor extraordinário em *orientalische Literatur und allgemeine Sprachkunde* [Literatura oriental e Linguística geral] na Universidade de Berlim. Seu *magnum opus* é a *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Litthauischen, Gothischen und Deutschen* [Gramática Comparada do Sânscrito, Avéstico, Grego, Latim, Lituano, Gótico e Alemão], com a primeira edição publicada entre 1833 e 1852, e a segunda entre 1857 e 1861, que foi traduzida por Bréal entre 1866 e 1872. Bopp também publicou duas gramáticas de sânscrito, uma em alemão, de 1827, e outra em latim, de 1834⁷, esta que alcançou quatro edições, além de um *Glossarium Sanscritum* entre 1828 e 1830, em três edições. Sua lista de publicações demonstra a especialização e institucionalização que a disciplina da linguística passava a adquirir (DAVIES 1998: 130).

⁷Foi usando essa gramática do sânscrito, publicada em latim por Bopp, que Saussure começou a estudar a língua (JOSEPH 2012: 165).

3.5 Jacob Grimm

Jacob Grimm (1785-1863) é conhecido como o fundador da Germanística (DAVIES 1998: 136). Ele e seu irmão mais novo, Wilhelm Grimm (1786-1859), com quem viveu e colaborou por quase toda a vida, nasceu na cidade de Hessen. Estudaram Direito em Marburg, onde conheceram Karl Friedrich von Savigny (1799-1861), professor dessa matéria que estava associado à ‘Escola Histórica’. Na biblioteca de Savigny foi que Jacob deve ter tido o primeiro contato com textos alemães medievais, com que se ocupou pelo resto da vida. Esteve em Paris em 1805, como assistente de pesquisa de Savigny. Tornou-se bibliotecário na biblioteca de Kassel, posto que ocupa até 1829, e depois professor de Gramática do Alemão e Literatura em Göttingen, onde Wilhelm também receberá posto similar. Em 1837 eles voltam a Kassel, e vão a Berlim em 1840 para tornarem-se membros da Academia de Berlim, e lecionarem na universidade desta cidade. Jacob morre em 1863, menos de quatro anos depois de seu irmão Wilhelm.

Jacob Grimm editou textos medievais até 1818; depois publica coleções de lendas (*Deutsche Sagen*), trabalhos sobre a *Hildebrandlied* e os *Edda*, coleções de romances espanhóis e finalmente os famosos Contos de Grimm (*Kinder- und Hausmärchen*). Após ter sido repreendido por Wilhelm Schlegel por causa de etimologias “fantásticas” que havia publicado em seu *Altdeutsche Wälder* [Florestas Alemãs Antigas] de 1813, ele passa a ter interesse maior no estudo cuidadoso das línguas. Jacob Grimm narra, em uma carta endereçada ao filólogo Georg Friedrich Benecke (1762-1844), sobre a descoberta que fez pouco depois, ao comparar o Alto Alemão Antigo ao Alto Alemão Médio, notando que as formas mais antigas da língua possuíam uma vogal *i* que, nas formas mais recentes, alterava a vogal da sílaba anterior, então ou se elidindo ou transformando-se em *e*. Assim, por exemplo, em alto alemão antigo há a forma verbal *wari* ‘ele era’ que se tornou *wäre* em alto alemão médio; a este fenômeno ele deu o nome de *Umlaut*, que também se tornou o nome do trema, o

sinal gráfico com que se escrevem as vogais assim alteradas. Rasmus Kristian Rask (1787-1832) havia feito a mesma descoberta anos antes, no seu *Vejledning til det Islandske eller gamle Nordiske Sprog* [Guia para a Língua Islandesa e a Nórdica Antiga] (RASK 1811), ao postular que a vogal do tema de certos substantivos do islandês tinha sido afetada pela vogal da sílaba seguinte. Grimm havia resenhado o trabalho de Rask negativamente já em duas ocasiões, em 1812 e mesmo em 1816 (BENWARE 1974: 18, DAVIES 1998: 137). Rask, por ter feito tal descoberta cinco anos antes de Grimm, pode então ser considerado o pioneiro do estudo da fonologia Indo-Europeia, dado que foi o primeiro a dar uma razão linguística para uma mudança fonética em uma língua Indo-Europeia.

Grimm publica o primeiro volume da *Deutsche Grammatik* [Gramática Germânica⁸] em 1819, publicando pouco depois, em 1822, a segunda edição que, em parte pela influência de Rask, inclui uma descrição nova da fonologia das várias línguas germânicas. Mais três volumes se seguiram, em 1826, 1831, e 1837 respectivamente.

3.6 Alunos de Ritschl: Curtius, Schleicher, Brugmann

Grande parte dos linguistas alemães do século XIX tinha algum ‘parentesco acadêmico’ com o latinista Friedrich Wilhelm Ritschl (1806-1876). Depois de estudar um ano na Universidade de Leipzig, transferiu-se para a Universidade de Halle, onde tornou-se professor em 1834. Mudou-se para Bonn em 1839, e passou a administrar lá um seminário filológico de onde surgiram vários estudiosos de renome.

Ele, junto de Franz Siegfried Lehrs (1806-1843), compôs dez mandamentos, em parte como um chiste, para os classicistas. O quarto deles é *Du sollst den Namen Methode nicht unnützlich im Munde führen* (Não

⁸O termo *Deutsch* ‘alemão, germânico’ só passou a ter sentido gentílico, designando o país a que se pertence, a partir da Unificação da Alemanha, que se deu a dezoito de janeiro de 1871. Antes disso o termo tem um sentido mais amplo, de ‘germânico.’

deves dizer o nome Método em vão). Dentre seus alunos há nomes como Georg Curtius, Schleicher, Schuchard, Sievers, Johannes Schmidt, Clemm, Windisch, Meister, Brugmann, Cauer. Nota-se, assim, a relação entre a filologia e a linguística comparada que então nascia. Segundo DAVIES (1986: 157), “se juntarmos a eles a lista de alunos de Curtius, obteríamos uma escalação quase completa* dos linguistas alemães da segunda parte do século XIX.”

Destes o mais velho é Georg Curtius (1820-1885). Nascido em Lübeck, estudou em Bonn e em Berlim. Tendo sido professor em Dresden, tornou-se *privatdocent* na Universidade de Berlim, em 1845. Em 1849 ele se transferiu para Praga, gerindo lá um Seminário Filológico. Em 1852 mudou-se para Praga, e em 1862 finalmente se estabeleceu em Leipsig. Curtius é o autor mais citado no *Mémoire*, sendo mencionado setenta vezes (VALLINI 2013: 31).

Dele Saussure cita, em especial, os Estudos para a Gramática Grega e a Latina (*Studien zum Griechischen und Lateinischen Grammatik*) de 1868 (v.g. nas páginas 13, 106 e 148) e os Rudimentos da Etimologia Grega (*Grundzüge der griechischen Etymologie*), publicados entre 1858 e 1862 (v.g. nas páginas 16, 30, 34, 46, 61 duas vezes, 77 *et passim*). Interessa em especial que, na retrospectiva que Saussure faz nas primeiras páginas do *Mémoire*, seja de Curtius o primeiro sistema de vogais a ser discutido.

Ao morrer, seu posto em Leipzig passou a ser ocupado por Karl Brugmann, sobre quem veremos a seguir. Antes, no entanto, trataremos do contemporâneo e amigo de Curtius, August Schleicher.

August Schleicher (1821-1868) nasceu em Meiningen, estudou na Universidade de Bonn, e lecionou em Praga e em Jena. Seu *magnum opus*, o Compendio da Gramática comparada das Línguas indoeuropeias (*Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*) teve um sucesso imenso, tendo tido quatro edições em apenas quinze anos, além de ser traduzido para o italiano e o inglês. O *Compendium* tornou-se o texto básico sobre linguística indoeuropeia, e serviu de modelo para os textos futuros dessa natureza;

além disso, a Schleicher costumam serem atribuídas várias inovações metodológicas: a reconstrução do sistema fonológico do indo-europeu, o modelo de árvore⁹ de famílias linguísticas (HOENIGSWALD e WIENER 1987: 111), a insistência em leis regulares de mudança sonora (DAVIES 1998: 167), e o uso do asterisco (*) para marcar as formas reconstruídas da língua ancestral.

Karl Brugmann¹⁰ (1849-1919) estudou nas Universidades de Halle e Leipzig. Lecionou em Wiesbaden e em Leipzig, onde se tornou professor de filologia comparada. Em 1884 transferiu-se para a Universidade de Freiburg, e voltou a Leipzig em 1887, sucedendo Georg Curtius; lá ele passou o resto da vida como professor de sânscrito e linguística comparada (DAVIES 1986: 152).

Brugmann fez parte de um grupo de jovens estudiosos alemães, chamados de “neogramáticos” (*Junggrammatiker*) por Curtius. O grupo incluía Brugmann, Hermann Osthoff (1847-1909), Berthold Delbrück (1842-1922), e Eduard Sievers (1850-1932). Saussure, tendo nascido em 1857, era novo demais para fazer parte dessa geração, cujos membros já lecionavam em Leipzig na época em que foi estudar lá, em 1876 (JOSEPH 2012: 184).

Saussure se vale de vários conceitos desenvolvidos pelos neogramáticos ao longo do *Mémoire*. O mais importante é o de que é possível ter regras sem exceção, o que só foi possível afirmar depois da solução das exceções à lei de Grimm. A Lei de Grimm, que estipula que as oclusivas do indo-europeu, no ramo germânico, passaram por uma mudança em que todas as consoantes aspiradas perdiam a aspiração e tornavam-se sonoras simples, as sonoras simples tornavam-se surdas, e as surdas tornavam-se fricativas (COLLINGE 1985: 63). Vejamos por exemplo a série¹¹ dental:

⁹Saussure menciona Schleicher, associando-o ao modelo de árvores linguísticas, já na terceira página do *Mémoire*. Contamos, além dessa, treze menções a ele, nas páginas: 4 duas vezes, 75, 85, 92, 125, 132, 136, 144, 160, 286, 287.

¹⁰Brugmann é o segundo autor mais citado no *Mémoire*, sendo mencionado 67 vezes (VALLINI 2013). Dessas, trinta e três estão no primeiro capítulo, a começar pela página 6 duas vezes.

¹¹Sobre o conceito de série, v. p. 31 abaixo.

Tabela 3.1: Oclusivas dentais sob a Lei de Grimm

$/d^h/ \rightarrow /d/$
$/d/ \rightarrow /t/$
$/t/ \rightarrow /θ/$

Assim, equivalente ao sânscrito *madhu* ‘mel’ há o inglês antigo *medu* ‘hidromel’; ao sânscrito *daśa* ‘dez’ há o gótico *ṭaihun*; e ao sânscrito *bhrātar*- ‘irmão’ há o gótico *broþar*.

Essa foi uma das primeiras leis a serem propostas, possuindo, no entanto, várias exceções que resistiam a qualquer explicação. Tendo sido proposta por Jacob Grimm já em 1822, ela teve de esperar até 1876 por sua explicação completa, quando Karl Adolf Verner (1846-1896) publicou um artigo, no volume 23 da Revista de Kuhn¹², explicando que as exceções vêm da acentuação das palavras. Isto se deve, ao menos em parte, ao fato de que em sânscrito clássico o acento tonal se perdeu, e o sânscrito aprendido pelos primeiros Ocidentais, tal como vimos, raramente tinha alguma marca de acentuação.

Somente ao estudar o estrato mais antigo da língua, chamado védico, foi possível saber, com precisão, a posição do acento nas formas das palavras, ainda que Bopp já tivesse alguns exemplos na sua gramática, que foi os que Verner usou. Se o acento cai na sílaba precedente à de uma consoante surda, como no sânscrito *bhrātar* que vimos logo acima, a lei de Grimm se aplica normalmente; mas se essa sílaba é átona, a consoante torna-se sonora, como entre o sânscrito *pitár* ‘pai’ e o inglês antigo *fæder* (COLLINGE 1985: 204).

Dessa forma, a Lei de Verner foi uma descoberta essencial para que a proposição de que as leis fonéticas não tinham exceção (a chamada “‘Inexcepcionalidade’ das leis fonéticas,” *Ausnahmslosigkeit der Lautgesetze*), um dos marcos fundamentais da escola dos neogramáticos.

¹²I.e. Adalbert Kuhn (1812-1881), que fundou a Revista de Linguística comparada (*Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*) em 1852, também chamada de “Revista de Kuhn”, *Kuhns Zeitschrift*. Este era o periódico de maior prestígio à época.

3.7 Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure (1857-1913), que viria ser conhecido pela autoria do *Cours de linguistique générale* [Curso de Linguística Geral] e como pai da Linguística moderna (CULLER 1986: 104, CHAPMAN e ROUTLEDGE 2005: 241), nasceu em Genebra, na Suíça, em uma família proeminente, parte da elite aristocrática da cidade. Sua família, tendo emigrado da região francesa da Lorena para a Suíça no século XVI, mantinha naquela cidade, já por várias gerações, a tradição de formar filósofos, médicos, naturalistas, e geógrafos (BOUISSAC 2010), de que a maior parte lecionou na Academia e na Universidade de Genebra. Sua casa, que pertencia à família desde o começo do século XVIII, possuía dessa forma um grande acervo de livros, assim como várias coleções científicas acumuladas pelos seus habitantes.

O pai de Saussure, Henri Louis Frédéric de Saussure (1829-1905), foi um mineralogista e entomologista¹³, tendo viajado para os Estados Unidos e a América Central em busca de exemplares de rochas e insetos. Sua mãe, Louise-Elisabeth de Pourtalès (1837-1906?), vinha de outra família aristocrática, originária do sul da França, e foi educada nas artes, tocando piano com distinção (BOUISSAC 2010: 37).

Ferdinand de Saussure foi uma criança brilhante, cujo talento decerto terá sido estimulado pelo seu círculo familiar e convivência social. Aos nove anos Saussure foi matriculado no Hofwyl Institute, junto de seu irmão Horace, afastando-se da família pela primeira vez. É possível que essa escola operasse de modo semelhante às *boarding schools* inglesas, em que os alunos mais novos são forçados a servir aos alunos mais velhos, situação que favorecia todo tipo de abuso.

O efeito dos dois anos em que passou em Hofwyl foi profundo, a ponto de seu pai, Henri, chocar-se com a intensidade da introversão de Saussure. Segundo JOSEPH (2012: 117), o abuso que Saussure

¹³Talvez daí venha o comentário entomológico da nota de rodapé da página 17 do *Mémoire*, o único que encontramos na obra, em que Saussure menciona “*ce capricorne, ce coléoptère à grandes antennes*” [o capricórnio, este coleóptero de grandes antenas], em conexão à uma etimologia do grego e do sânscrito.

sofreu deve tê-lo convencido de que tanto as pessoas como as instituições que deveriam protegê-lo poderiam, eventualmente, traí-lo, e que sua melhor proteção seria “construir uma muralha ao redor de si.”

Saussure foi matriculado em 1873 no *Gymnase de Genève*. É provavelmente no final desse ano que ele terá lido o primeiro volume, publicado em 1859, do *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs* [As origens indo-europeias ou os Árias primitivos], de Adolphe Pictet (1799-1875). Pictet era amigo da família de Saussure, com quem tinha também laços de sangue através de uma das tias de Saussure, Adèle. Neste livro Pictet se vale da reconstrução da língua ancestral das línguas indo-europeias, o (proto-¹⁴)indo-europeu, para reconstruir o contexto histórico e etnográfico do povo que falava essa língua. Para tanto, ele se vale de toda a literatura relevante da linguística comparada, desde Bopp. Neste livro, Saussure teve o primeiro contato mais intenso com o sânscrito. O livro teve um efeito imenso sobre ele, que teria descoberto, ao lê-lo, a sua vocação.

Ao fechar o primeiro volume, um linguista havia nascido, e havia sido exposto, em segunda mão, ao trabalho de todos os Indo-europeanistas comparativos, de Bopp a Schleicher, Curtius e aos outros escritos sobre o assunto até o fim dos anos de 1850.

By the time he closed the first volume, a linguist was born, and has been exposed, at second hand, to the work of all the comparative Indo-europeanists from Bopp to Schleicher, Curtius and other writing on the subject up to the end of the 1850s.

(JOSEPH 2012: 150)

No ano seguinte, em julho de 1874, Saussure, tendo sido inspirado por Pictet, começou a escrever o seu primeiro texto sobre linguística, um *Essai pour Reduire les Mots du Grec, du Latin & de l'Allemand a un Petit Nombre de Racines*¹⁵ [Ensaio para Reduzir as Palavras do Grego, do Latim e do Alemão a um Pequeno Número de raízes]. Nele, Saussure,

¹⁴A literatura de antes de 1950 costuma dizer *indo-europeu*, a mais recente proto-indo-europeu, especialmente em inglês. Em alemão ainda se usa *Indogermanische Ursprache*, e em francês *Indo-Européen*.

¹⁵A.MS.s; [n.p., ca. 1872]. 12 s. (41 p.) env. Publ. Cahiers Ferdinand de Saussure 32 (1978), 73-101.

que contava então dezessete anos, buscou explicar a origem dessas línguas a partir de apenas nove raízes, formadas pela combinação consoante + vogal + consoante, onde as consoantes seriam apenas *p t k*, e a vogal, *a*.

Um mês depois, a 17 de agosto de 1874, Saussure enviou seu ensaio a Pictet, que respondeu em apenas três dias, e negativamente. Apesar dos esforços de Pictet em ser encorajador, Saussure sentiu-se humilhado e, de acordo com os *Souvenirs* que escreveu, ele teria abandonado os estudos linguísticos por dois anos, “estando bem aborrecido com seu ensaio fracassado” (JOSEPH 2012: 158).

Saussure estudou, em 1875, na Universidade de Geneva. Lá, segundo seus *Souvenirs*, ele estudou, por conta própria, a gramáticas comparada e a sânscrita de Bopp e os *Princípios* de Curtius. Foi nessa época que Saussure começou a amadurecer como linguista (JOSEPH 2012: 175). Depois de estudar por um ano na Universidade de Geneva, o pai de Saussure, Henri (1829-1905), determinava que seu filho estudasse na Universidade de Leipzig, em 1876.

Nesse mesmo ano Saussure passou a integrar a *Société de Linguistique de Paris*, para quem enviou um artigo sobre o sufixo *-t* nas línguas indo-europeias. Já no seu primeiro artigo publicado, Saussure, não sem alguma arrogância, *corrige* um artigo de Bréal sobre o mesmo assunto, defendendo ainda que havia tido antes de Bréal a ideia de reduzir o sufixo do particípio presente em indo-europeu, à época reconstruído como *-ant-*, a um composto com a oclusiva do sufixo do particípio perfeito passivo, *-ta-*. O *Mémoire* de 1879 seria, ao menos em parte, uma continuação dessa atitude. No entanto, sua entrada na *Société* foi aceita, tendo sido proposta por Abel Bergaigne, um famoso sanscritista, e por Michel Bréal ele mesmo (JOSEPH 2012: 181).

Já matriculado em Leipzig, Saussure vai ter com Henrich Hübschmann, com quem pretendia ter aulas de persa antigo. Ao encontrá-lo, Hübschmann comenta sobre a publicação recente de Brugmann (BRUGMANN 1876), proponto que havia consoantes nasais que po-

deriam ser núcleo silábico, isto é, funcionar como vogais. A essas nasais Brugmann deu o nome de ‘nasais soantes.’ Saussure lembrava-se de ter feito a mesma descoberta anos antes, enquanto estudava Heródoto, e permaneceu amargo pelo fato de Brugmann, para ele, ter-lhe roubado a precedência dessa descoberta (JOSEPH 2012: 132).

Usando o artigo de Brugmann como ponto de partida, Saussure publica, em 1877, um pequeno *Essai d'une distinction des différents *a indo-européens*¹⁶ [Ensaio sobre uma distinção dos diferentes *a indo-europeus] tratando do mesmo problema das vogais do indo-europeu. Ele revisitou o assunto e, no final do ano seguinte, publicou o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européenes*, em que cita este artigo anterior, ao retirar o que havia afirmado nele, no fim da página 4.

¹⁶MSLP 3 fasc. 5 359-70; Recueil 379-90.

Capítulo 4

História do Problema

4.1 Influência do Sânscrito

A descoberta do sânscrito proveu aos estudiosos do Ocidente, além do conhecimento da língua como dado para a comparação entre as línguas, ao menos duas informações que viriam a ser necessárias no desenvolvimento da disciplina da linguística histórica, a saber: o conhecimento de fonética e fonologia; e a técnica de descrição morfológica. Veremos, a seguir, cada um desses itens.

4.1.1 Vogais, Ditongos e a sua União (*sandhi*)

Os sons do sânscrito são enumerados, tradicionalmente, de acordo com o seu modo de articulação e, dentro de cada modo, de acordo com o ponto articulatorio, sendo os pontos articulatorios mais posteriores enunciados antes dos posteriores, nesta ordem: sons velares, palatais, retroflexos, dentais, e (bi)labiais.

A lista de sons (*varṇa-mālā*-, lit. ‘guirlanda dos sons’) começa com os sons vocálicos, vogais e ditongos, na ordem seguinte:

Tabela 4.1: Vogais do sânscrito

Série	IAST	IPA
Vogais simples	<a ā i ī u ū>	[a a: i i: u u:]
‘Semiconsoantes’ ¹	<ṛ ṝ ḷ ḹ>	[ɾ ɾ: ɻ ɻ:]

Primeiro têm-se as vogais simples, breves e longas²: <a ā i ī u ū>³ que são, duas a duas, consideradas velares, palatais, e labiais, respectivamente. Seguem-se as líquidas que operam como núcleo silábico: <ṛ ṝ ḷ ḹ>, consideradas, duas a duas, retroflexas e dentais⁴. Estas dez vogais são chamadas *simples*, pois o som delas é homogêneo, sem a passagem por timbres diferentes, como num ditongo como [aj].

Uma característica dessas vogais é que, ao se encontrarem em sequência com outra vogal de mesma qualidade, ou ‘cor’ (*varṇa-*), elas se unem em uma só vogal longa⁵. Dessa forma, <ā + ā = ā>, <ī + ī = ī>, <ū + ū = ū>, e assim por diante. A mudança de sons que se encontram em sequência chama-se *saṃdhi* ‘união’, e acontece tanto na fronteira de morfemas, chamado de ‘*saṃdhi* interno’ como na fronteira de palavras, chamado de ‘*saṃdhi* externo’.⁶

¹Este conjunto de sons não parece ter nome próprio na tradição gramatical sânscrita. Adotamos o nome de ALLEN (1962).

²Na transliteração convencional do sânscrito, o IAST (*International Alphabet of Sanskrit Transliteration*) [Alfabeto Internacional de Transliteração do Sânscrito], usa-se sempre o sinal gráfico chamado *mácron* <->, sobre uma vogal, para indicar que esta é longa e, facultativamente, a *braquia* <◡>, para indicar que a vogal é breve. Assim temos <ā> para uma vogal longa e <a> ou <ḁ> para uma vogal breve. Estes sinais podem-se unir para indicar que uma vogal pode ser tanto breve como longa: <ā̄>.

³A ortografia do sânscrito não é fonêmica, e mesmo esta distinção entre fonética e fonologia não existe na sua tradição gramatical. A fim de adotar uma grafia neutra, então, transcrevemos o sânscrito usando os grafemas, e não os fonemas, da língua.

⁴Seguimos aqui, por conveniência, a descrição de um tratado tardio de fonética do sânscrito, chamado de *Pāṇiniya-sikṣā*, “fonética Pāṇiniana”. Há variações diatópicas e diacrônicas registradas em vários tratados deste tipo, como a de <ṝ̃> serem dentais e não retroflexos (no *Taittirīya-prāṭiśākhya*).

⁵Dizemos aqui apenas no sentido geral, ignorando as vogais de certas formas verbais e nominais que são imunes a essas mudanças, chamadas *pragṛhya*.

⁶Saussure se vale desse conceito e o reconstrói para o indo-europeu, nas páginas 26-7.

Tabela 4.2: Ditongos do sânscrito.

Série	IAST	IPA
Ditongos	<e ai o au>	[e: a:j o: a:w]

Em seguida, tem-se os ditongos <e ai o au>, todos longos. Os ‘ditongos’ <e o> são homogêneos, dado que não há transição de som na sua produção, mas são considerados ditongos, ainda assim, porque <e> é resultado da união de <ă> breve com <ĩ> breve ou longo, e <o> da união do mesmo <ă> breve com <ũ> breve ou longo. Semelhantemente, <ai au> vêm da união de <ā> longo com <ĩ> e <ũ>, respectivamente (WHITNEY 1879: §127).

Dessa forma, todas as vogais longas <ā ī ū>, e também os ditongos, <e ai o au>, podem ser considerados como resultado do *sam̐dhi* vocálico, entre vogais.

4.1.2 As Cinco Séries de Consoantes Oclusivas

As oclusivas em sânscrito são organizadas em *séries* (*varga-*), havendo uma série para cada ponto articulatorio. Em cada série há cinco consoantes: as primeiras duas surdas, as demais sonoras; a primeira, a terceira, e a quinta são não-aspiradas, a segunda e a quarta são aspiradas; a quinta e última é nasal.

Tabela 4.3: As cinco séries de oclusivas do Sânscrito

Série	IAST	IPA
Velares	<k kh g gh ñ>	[k k ^h g g ^h ŋ]
Palatais	<c ch j jh ñ>	[c c ^h ʃ ʃ ^h ɲ]
Retroflexas	<ṭ ṭh ḍ ḍh ṇ>	[ṭ ṭ ^h ḍ ḍ ^h ṇ]
Dentais	<t th d dh n>	[t t ^h d d ^h n]
Labiais	<p ph b bh m>	[p p ^h b b ^h m]

Além de usar essa nomenclatura para a descrição dos sons, também o conceito de *série* era importante, na medida em que a reconstrução do indo-europeu exigia a definição de quantas séries a língua original possuía e, para isso, era necessário reconstruir uma fonologia que pudesse explicar o inventário fonológico de todas as línguas descendentes.

4.1.3 Alternância Vocálica: *Gouṇa* e *Vṛiddhi*

Dentro da descrição morfológica, com a descrição da formação das palavras a partir de raízes, afixos, e desinências, há ainda um conceito especial, o de *alternância vocálica*, que permeia toda a morfologia daquela língua. A alternância, essencialmente, constitui-se no fato de que um mesmo morfema pode assumir três estados, ou *graus*, diferentes: pode ou conter a vogal <a> breve, ou a vogal <ā> longa, ou elidir essa vogal. Os dois primeiros graus chamam-se *guṇa* ‘qualidade’ e *vṛiddhi* ‘crescimento’ na tradição gramatical Pāṇiniana, enquanto o último não parece ter nome.

Guṇa e *vṛiddhi* servem como nome técnico de alguns sons da língua, importantes o suficiente para serem definidos já nas duas primeiras regras da gramática de Pāṇini: *guṇa* é o nome técnico de <a, e, ar, al, o>, enquanto *vṛiddhi* é o nome técnico de <ā, ai, ār, āl, au>.

Tabela 4.4: Gradação vocálica em sânscrito.

grau-zero	- ⁷	ĩ	ṝ	ṝ	ũ
<i>guṇa</i>	a	e	ar	al	o
<i>vṛiddhi</i>	ā	ai	ār	āl	au

Dado que, como vimos na página 31, <e o> vêm da união de <ā + ĩ> e <ā + ũ>, o *guṇa* pode ser entendido como o acréscimo de <ā> antes das demais vogais; da mesma forma, dado que <ai au> vêm da união <ā + ĩ> e <ā + ũ>, a *vṛiddhi* pode ser vista ou como o acréscimo de

⁷Isto é, a ausência de vogal, também escrita <∅> ‘zero.’

um <ā> longo antes das mesmas vogais, ou um segundo acréscimo de <ā> já ao *guṇa*, porque o <ā> do *guṇa* se une ao segundo <ā> da *ṽṛddhi*, tornando-se um <ā> longo.

Isto é fácil de ver em <ṛ>, por exemplo. O *guṇa* se faz acrescentando um <ā> breve antes dele, de onde temos <ar>.

A *ṽṛddhi* pode ser entendida como o acréscimo de outro <ā> breve que, unindo-se ao <ā> do *guṇa*, torna-se o <ā> longo, resultando em <ār>.

No caso dos ditongos ocorre o mesmo: o *guṇa* <e> resulta de <ā + i>, a *ṽṛddhi* <ai> resulta de <ā + e>, que é o mesmo que <ā + ā + i>.

Este foi o raciocínio usado por Schleicher ao reconstruir o seu sistema de vogais, como veremos na página 44.

A importância desses grupos está em que, ao longo de toda a morfologia da língua, as vogais simples <a, ī, ṛ, ḷ, ū> devem ser substituídas pelo item correspondente a elas nesses grupos. Assim, um morfema que tenha <u> pode ter essa vogal substituída por <o> se o *guṇa* dessa vogal for exigido; similarmente, se a *ṽṛddhi* de <u> for exigida, ela será substituída por <au>. Assim, diz-se que o *guṇa* de <u> é <o>, e a *ṽṛddhi* de <u> e de <o> é <au>.

Os morfemas em sânscrito são enunciados da forma mais concisa possível, dado o princípio de economia⁸ que governa essa tradição gramatical. Dessa forma, as raízes verbais, por exemplo, são elencadas da forma mais breve possível, preferindo-se enunciar a raiz *vi*⁹ ‘ir’ ao invés de *e* (o *guṇa*) ou *ai* (a *ṽṛddhi*). Esta forma em que a raiz é enunciada não tem nome em sânscrito, mas recebeu o nome de *grau-zero* no Ocidente. Há ao menos três casos em que o *guṇa* é usado ao invés do grau-zero: quando o grau-zero é impronunciável, como *pt* da raiz *√pat* ‘cair,’ porque carece de núcleo silábico; quando o grau-zero geraria o *guṇa* errado, como da raiz *√grah* ‘agarrar,’ cujo grau-

⁸“Os gramáticos se alegam com a economia de meia mora tanto como no nascimento de um filho” (*ardha-mātrā-lāghavena putrotsavaṃ manyante vaiyākaraṇāḥ*. NĀGEŚABHAṬṬA, KIELHORN e ABHYANKAR 1962: 132)

⁹É uso escrever o sinal <√> antes de uma raiz para defini-la como tal.

zero *gr̥h* faria, substituindo-se <ṛ> por <ar>, **garh*¹⁰, com a vogal <a> antes da líquida <r>, sendo que a vogal devia estar depois dela; e finalmente como na raiz *√car* ‘vaguear’, porque seu grau-zero não ocorre.

Esses graus podem-se alternar no mesmo paradigma, verbal ou nominal. Por exemplo, as raízes *√i* ‘ir,’ *√vac* ‘falar,’ e *√as* ‘ser’ fazem parte da segunda classe de formação do presente, recebendo as desinências de pessoa diretamente, sem a interposição de uma vogal temática entre elas. Por serem raízes dessa, elas tomam o *guṇa* nas pessoas do singular, mas voltam a ter grau-zero nas pessoas do dual e do plural.

A raiz *√vac*, além disso, tem *uc* como grau-zero, dado que com a perda da vogal <a> do *guṇa*, a semivogal <v> volta ao seu alofone vocálico, <u>. Este fenômeno de vocalização de semivogais causada pelo grau-zero chama-se *saṃprasāraṇa*.

Tabela 4.5: Conjugação de *√i*, *√vac*, e *√as* no presente da voz ativa.

Pessoa	<i>√i</i> ‘ir’	<i>√vac</i> ‘falar’	<i>√as</i> ‘ser’
1ª pess. sg.	é-mi	vác -mi	ás-mi
2ª pess. sg.	é-ṣi	vák -ṣi	ás-i ¹¹
3ª pess. sg.	é-ti	vák -ti	ás-ti
1ª pess. du.	i-váḥ	uc-váḥ	s-váḥ
2ª pess. du.	i-tháḥ	uk-tháḥ	s-tháḥ
3ª pess. du.	i-táḥ	uk-táḥ	s-táḥ
1ª pess. pl.	i-máḥ	uc-máḥ	s-máḥ
2ª pess. pl.	i-thá	uk-thá	s-thá
3ª pess. pl.	y-ánti ¹²	uc-ánti	s-ánti

¹⁰Dado que, desde Schleicher (vide KOERNER 1989: 179-184), o asterisco denota uma forma reconstruída, usa-se um sinal de mais sobrescrito, <+>, para marcar uma forma errada ou impossível.

¹¹Sic. A forma é *ási* ao invés de *ássi*, que seria de se esperar.

¹²<y> é o alofone de <i> antes de uma vogal diferente dela mesma.

Como exemplo de *guṇa* e *vṛddhi* na flexão nominal, veja-se a declinação, somente no singular, dos temas *vak-tṛ* ‘proclamador,’ tema composto da raiz *√vac* ‘falar’ e o sufixo *tṛ* que cria nomes de agente, e do tema *śván-* ‘cão,’ que é radical, isto é, não é analisável.

Tabela 4.6: Declinação de *váktar-* ‘proclamador,’ *śvan-* ‘cão’

	<i>vak-tṛ-</i>	<i>śván-</i>
Nom.	<i>vak-tá</i>	<i>śvá</i>
Voc.	<i>vák-tar</i>	<i>śván</i>
Ac.	<i>vak-tár-am</i>	<i>śvān-am</i>
Instr.	<i>vak-tr-á</i>	<i>śun-á</i>
Dat.	<i>vak-tr-é</i>	<i>śun-é</i>
Gen.	<i>vak-túr</i>	<i>śun-ás</i>
Abl.	<i>vak-túr</i>	<i>śun-ás</i>
Loc.	<i>vak-tár-i</i>	<i>śun-í</i>

A ordem dos casos é dada conforme a tradição Pāṇiniana, com exceção do vocativo, que não é considerado como parte do paradigma, e normalmente citado por último. Note-se que a alternância se dá no último morfema da forma; o tema ele mesmo, se é um tema radical como *śvan-*, ou no sufixo, como em *vaktṛ-*. No nominativo singular ocorre a *vṛddhi* com o <ā> longo, e a elisão da consoante final do tema; o mesmo grau ocorre no acusativo. O *guṇa* ocorre no caso vocativo, e também no locativo de *vaktṛ-*. O tema *śvan-*, assim como a raiz *√vac* que vimos acima, sofre *saṃprasāraṇa*¹³ no grau-zero: elidindo-se a vogal do *guṇa*, a semivogal <v> volta para o seu alofone vocálico, <u>.

Saussure refere-se, no *Mémoire*, a esses conceitos, com esses nomes, quando explica a sua própria reconstrução do sistema vocálico

¹³Saussure trata deste mesmo fenômeno, pelo mesmo nome, nas páginas 49 e 50, que traduzimos também a seguir. Diz-nos Saussure, “*saṃprasāraṇa*: este termo, é verdade, designa simplesmente a passagem de uma semivogal ao estado de vogal; mas na verdade equivale em todas as obras de linguística a: estreitamento das sílabas *ya, wa, ra* (*ye, we ; yo, wo*) em *i, u, ṛ*. Na mente daquele que emprega a palavra *saṃprasāraṇa*, é inevitavelmente a ideia de uma ação especial de *y, w, r* sobre a vogal que segue, e de uma força absorvente que esses fonemas experimentariam.”

do indo-europeu, *gouna* e *vṛddhi*, no capítulo quinto dessa obra¹⁴. Parece-nos sintomático que Saussure use essas palavras para descrever o sistema do indo-europeu conforme ele mesmo o via, em completa oposição a John Joseph, quando diz:

One of Saussure’s most celebrated early accomplishments was to free Indo-Europeanists from the Pāṇinian rules of *guṇa* and *vṛddhi*, the very starting point of the *Ashtadhyayi*. He could not have done so without first having internalized Pāṇini’s method.

[Um dos feitos precoces de Saussure mais celebrados foi o de livrar os Indo-Europeístas das leis Pāṇinianas de *guṇa* e *vṛddhi*, que são justamente o ponto de partida da *Āṣṭādhyāyī*. Ele não poderia tê-lo feito sem antes haver internalizado o método de Pāṇini.]

(JOSEPH 2012: 84)

Ora, dado que Saussure usa os termos *guṇa* e *vṛddhi*, ao longo do *Mémoire*, para descrever o seu próprio sistema de vogais, como se pode entender que Saussure tenha “livrado os Indo-Europeístas das leis Pāṇinianas de *guṇa* e *vṛddhi*”? De fato, o *Mémoire* é o esforço de explicar as alternâncias vocálicas em todas as línguas indo-europeias, incluindo as que eram exceções sem explicação até então, reconstruindo uma alternância original a partir do funcionamento de *guṇa* e *vṛddhi* em sânscrito.

4.2 Conceitos Operativos

4.2.1 ‘Orgânico’ versus ‘Mecânico’

O clima intelectual do final do XVIII e começo do XIX estava permeado pelo desenvolvimento das ciências naturais, como a botânica de Lineu, a química, a biologia, e a geologia (Koerner 1999: 99). Os textos de carácter linguístico dessa época estão pontilhados por analogia a essas ciências, e é comuníssimo que as línguas sejam comparadas a organismos, com “organicidade” e vida própria. Ademais, isso

¹⁴*Gouna* ocorre seis vezes no *Mémoire*: três na página 124, duas na 125, e uma na 287. *Vṛddhi*, escrito com <ri> no lugar de <ṛ> como na pronúncia contemporânea no Norte da Índia, ocorre cinco vezes: uma na página 20, e duas cada na página 125 e na 126.

significava que o estudo dos componentes das línguas, como suas vogais e consoantes, estudavam objetos naturais dentro de sistemas integrados, e que a história da língua estudava a evolução de suas partes (Benware 1974: 3).

Schlegel, já no *Sobre a Língua e a Sabedoria dos Indianos*, faz a comparação entre anatomia comparada e a linguística comparada (*vergleichende Sprachwissenschaft*, Davies 1987, Benes 2008: 73). Ademais, na mesma obra, Schlegel exhibe a dicotomia entre *orgânico* e *mecânico*¹⁵:

[...] man muß zugeben, daß die Structur der Sprache durchaus organisch gebildet, durch Flexionen oder innre Veränderungen und Umbiegungen des Wurzellauts in allen seinen Bedeutungen ramificirt, nicht bloß mechanisch durch angehängte Worte und Partikeln zusammengesetzt sei, wo denn die Wurzel selbst eigentlich unverändert und unfruchtbar bleibt.

[Deve-se aceitar que a estrutura da língua [Índica], que é inteira organicamente construída, ramifica-se em todos os seus significados por meio de inflexões ou mudanças internas e alterações da forma fonética da raiz, quer dizer, ela não é meramente composta mecanicamente com palavras e partículas, que deixariam a raiz mesma inalterada e improdutiva.]

(Schlegel 1808: 41)

Para Schlegel, na prática, essa distinção entre línguas orgânicas e mecânicas se dá entre as línguas indo-europeias e todas as outras. Línguas orgânicas, ao mudarem, só podem decair a partir de um estado perfeito; já as outras podiam melhorar, mas nunca atingir a organicidade (Alter 2005: 124-5). Essa distinção se verifica no comportamento das raízes: raízes que mudam intrinsecamente — por meio do *guṇa* e *vṛddhi* do sânscrito, por exemplo — são orgânicas, suas raízes têm “vida interna” e “germinam” ao longo da flexão e derivação de palavras; as demais línguas expressam as conexões gramaticais ‘meramente’ pela justaposição de raízes e afixos, sem que elas se alterem. Segundo ele,

il manque à ces langues, dans leur première origine, un germe de vie et de développement. [...] ces langues [...] se font remarquer

¹⁵Saussure se vale desses conceitos: contamos treze ocorrências de *organique* no *Mémoire*, uma delas no primeiro capítulo, na página 7; de *organisme* há 7 ocorrências. De *mécanisme*, *mécanique* e *mécaniquement* há dez ocorrências ao todo.

souvent encore par un caractère bizarre, arbitraire et capricieux, plein d'imperfection.

[falta a essas línguas, desde sua primeira origem, um germe de vida e de desenvolvimento. [...] essas línguas [...] destacam-se ainda, frequentemente, por um traço bizarro, arbitrário e caprichoso, cheio de imperfeição.]

(Schlegel et al. 1837: 57-58)

4.2.2 'Sistema'

Tendo em mente o futuro que o termo *sistema* teria na história da Linguística, em especial pelo sentido que recebeu no Estruturalismo de que Saussure é o precursor, salta aos olhos que o *Mémoire* trate logo de um "*sistema de vogais*". Será possível que o Saussure autor do *Mémoire* já antevia a teoria do Saussure autor do Curso de Linguística Geral?

É certo que Saussure não foi o primeiro a usar o termo. Na história da linguística comparativa, temos já no *sistema de conjugação* de Bopp e Windischmann (1816) um primeiro exemplo. Qual poderia ser o seu sentido, nessa obra?

Recorremos primeiro ao dicionários. O primeiro dicionário de alemão (Deumert e Vandenbussche 2003: 224) foi o *Der Teutschen Sprache* [A Língua Germânica] de Caspar von Stieler, latinizado *Serotinus*. A palavra não consta nele (Stieler 1691: 2244). Seguimos para o dicionário de Johann Christoph Adelung (1732-1806), onde se encontra a definição seguinte:

Das System, [...] aus dem Griech, und Latein, Systema, ein Zusammenhang von Dingen einerley Art und Einrichtung, und die Ordnung, nach welcher sie unter einander verbunden sind. Das Welt-System, Systema mundi, die mit einander zu einem Ganzen verbundenen großen Weltkörper, das Weltgebäude; ingleichen die Ordnung, in welcher sie neben einander befindlich angenommen werden. Daher das Ptolemäische, das Tychonische, das Copernicanische System, die von dem Ptolemäus, Tycho und Copernicus angenommene Ordnung und Verbindung der Himmelskörper. [...]

Sistema. [...] do Grego e do Latim Systema, uma conexão de coisas de mesmo tipo e arranjo, e a ordem em que estão interconectadas.

O Sistema do Mundo, *Systema mundi*, o grande Corpo do Mundo, a Construção do Mundo; igualmente a ordem em que assumem lado a lado. Daí o Sistema de Ptolomaico, o Ticônico, o Copernicano, a ordem e ligação dos corpos celestes que Ptolomeu, Tycho [Brahe] e Copérnico adotaram. [...]

(Adelung 1801: s.v.)

Vemos aí as noções de conjunto, conexão, arranjo de partes, e a associação, ao menos na mente do lexicógrafo, com os *sistemas* usados para descrever o *sistema* solar, como o de Ptolomeu (c. 100 - c. 150), Tycho Brahe (1546-1601), e Copérnico (1473—1543). Esses sistemas buscam descrevem o movimento dos corpos celestes por meio de *ciclos*: no caso de Ptolomeu, que partia da visão geocêntrica do sistema solar, usavam-se ciclos em que outros ciclos, chamados epiciclos, se combinavam para poder descrever, por exemplo, o movimento retrógrado dos planetas interiores. Copérnico propôs outro sistema, heliocêntrico, em que os ciclos dos planetas tinham todos o sol como centro. O sistema de Tycho Brahe buscava o meio termo entre esses dois: o sol e a lua orbitariam ao redor da terra, e os demais planetas orbitariam o sol.

O que importa aqui é que esses *sistemas* são arranjos (complexos) de elementos conectados, e que são propostos por algum estudioso. No dicionário dos irmãos Grimm (J. Grimm e W. Grimm 1854), temos uma definição semelhante, e que se remete àquela que acabamos de ver:

System, [...] als gemeinsame grundlage fast aller bedeutungen und anwendungen hat system den allgemeinsten sinn 'ein sinnvoll gegliedertes ganzes, dessen einzelne teile in einem zweckmäßigen zusammenhang stehen oder unter einem höheren prinzip, einer idee, einem gesetz sich zu einer einheit zusammenordnen' vgl. bereits Adelungs umschreibung: [...]

Sistema, [...] Como base comum de quase todos os sentidos e usos, sistema tem o sentido mais geral de 'todo racionalmente organizado, cujas partes individuais estão num contexto intencional ou estão arranjadas sob um princípio maior, uma idéia, uma lei que organize um todo. cf. Já a descrição de Adelung: [...]

Por fim, na Enciclopédia há duas entradas para *systeme*: uma da astronomia, como as definições que já vimos, outra de filosofia, onde

se diz que

[... c]e mot est formé d'un mot grec qui signifie composition ou assemblage. C'est dans ce sens-là que l'on dit un système de Philosophie, un système d'Astronomie, &c. le système de Descartes, celui de Newton, &c. [...]

[...] esta palavra foi formada a partir de uma palavra grega que significa composição ou conjunto. É nesse sentido que se diz um sistema de Filosofia, um sistema de Astronomia etc. O sistema de Descartes, o de Newton etc. [...]

(Diderot e d'Alembert 1751)

Novamente vemos a associação com a astronomia, a adição dos sistemas filosóficos, e a propriedade dos sistemas terem certo autor. Vejamos agora o que Saussure mesmo diz, no *Mémoire*, quando fala de sistemas.

O termo *sistema*¹⁶ ocorre, ao todo, dezoito vezes no *Mémoire*. Dessas, onze dizem respeito a um sistema proposto por algum estudioso, e sete se referem a 'sistema de vogais,' como podemos ver na tabela seguinte.

Tabela 4.7: Ocorrências de *sistema* no *Mémoire*.

ocorrências	expressão	páginas
2	<i>sistema de Curtius</i>	4 bis
4	<i>sistema de Schleicher</i>	5 bis, 6, 267
2	<i>sistema de Amelung</i>	60, 429
2	<i>nosso sistema</i>	110, 153
7	<i>sistema de vogais</i>	3, 6, 63, 110, 127, 155, 199

A partir dessas ocorrências, podemos afirmar que, no *Mémoire*:

1. Sistemas são propostos por estudiosos e associados a eles, além de suscitarem 'partidários (*les partisans de tous les systèmes*, p. 63 do

¹⁶*Sistemático* ocorre apenas duas vezes, referindo-se a processos de mudança de som que ocorrem na fonologia de uma língua como um todo: *propagação sistemática* (p. 230) e *enfraquecimento sistemático* (p. 195).

Mémoire) Essa noção é imanente à obra, sendo sua pedra angular (Koerner 1985: 205), mas não é teoricamente explicitado;

2. Sistemas são propostos e aplicados aos dados, nem sempre perfeitamente, como se diz na página 3: *os diferentes autores raramente aplicaram com perfeito rigor as suas ideias*;
3. sistemas têm alguma estrutura interna, que *exige* consistência: *Tout cela pourra paraître suggéré par les besoins du système.* (p. 153).
4. a qualidade de ser *sistemático* parece relacionada ao que Schlegel chamou de ‘mecânico’, porque trata sempre de algo inescapável e sem exceções: *la propagation systématique de l’i* (p. 230).
5. o uso do termo está relacionado à imitação das ciências naturais: da mesma forma que Schleicher buscou termos e conceitos na botânica, tal como *morfologia* e o modelo de árvores linguísticas, a Linguística nascente, como ciência da linguagem (*Sprachwissenschaft*), tomou também os conceitos de sistema e de leis naturais (Fox 1995: 24).

4.2.3 *Ablaut* e a Tríade Vocálica

Na primeira edição da sua Gramática Germânica, Jacob Grimm deu atenção especial ao inventário fonológico das línguas germânicas, criando um tratamento sistemático das mudanças fonéticas a partir da pressuposição de que *a i u* eram as três vogais originais, enquanto *e o* eram alterações de *a* (Pulleyblank 1965: 86, Tsiapera, Niederehe e Koerner 1990: 583), por ao menos três razões: uma é a de que as línguas semíticas, como o árabe, terem tido originalmente só essas três vogais; outra é o fato de que os sons transcritos por *e o* em sânscrito também serem resultado de uma mudança a partir de *a i u*, como vimos na página 31; por fim o gótico, língua germânica com a atestação mais antiga, na tradução do Novo Testamento por Ulfila no século IV, têm apenas *a, i, u* como vogais breves, e *ē, ō* longos, como são os ditongos em sânscrito. Só nas demais línguas germânicas, bem posteriores, surgiriam os *e, o* breves. O argumento era, assim, que as

vogais *e* e *o* breves teriam surgido das longas, e as longas surgido da união das vogais primordiais (Benware 1974: 2; Davies 1987: 81).

O pressuposto de que essa *tríade vocálica* era o estado original da língua ancestral manteve-se, com raras opiniões em contrário, até a década de 1870 (Bergounioux 2009). No entanto, a inadequação entre esse pressuposto e os dados das línguas já havia sido apontado por Franz Bopp em 1820:

There is only one defect of which we may accuse the Sanskrit alphabet, namely, that the short a, the short Italian e and o are not distinguished from one another. For I cannot believe, that in the language of the Brahmans, when it was a vernacular tongue, the *akāra* had always the power of a short a, and that the sounds of e and o never occurred in it; I rather think that the sign used for the short a, was put also to express a short e and o. If this was the case, it can be accounted for why in words common to the Sanskrit and Greek, the Indian *akāra* so often answers to ε and o, as for instance, *asti*, he is, ἔστί; *patis*, husband, πόσις; *ambaras*, sky, ὄμβρος, rain, &c.

[...] Há somente um defeito de que podemos acusar o alfabeto Sânscrito, a saber, que o *a* breve, o *e* e o *o* breves do Italiano não são distinguidos uns dos outros. Pois eu não posso crer, que na língua dos Brâmanes, enquanto foi uma língua vernácula, o *akāra*¹⁷ sempre teve o significado de um *a* breve, e que os sons de *e* e *o* nunca ocorriam nele; Ao contrário, penso que o sinal usado para o *a* breve, foi usado também para exprimir *e* e *o* breves. Se foi este o caso, pode-se explicar por quê em palavras comuns ao Sânscrito e ao Grego, o *akāra* Indiano tão amiúde corresponda ao *e* e *o* [Gregos], como por exemplo, *asti* ‘ele é’ [e] *estí* [do Grego]; *patis* ‘marido’ [e] *pósis* [do Grego]; *ambaras* ‘céu’ [e] *ómbros* ‘chuva’ [do Grego], etc.

(Bopp 1989: 18)

A partir dessas três vogais Grimm estudou dois tipos de mudança vocálica, a que chamou de *Umlaut* e *Ablaut*¹⁸, a “*permutação das letras*

¹⁷*Akāra*- é propriamente o som da vogal [a], mas aqui Bopp se refere ao grafema da escrita *devanāgarī* usado para escrever este som, consoante com a confusão entre letras e sons que já começa no início do parágrafo, ao se falar de ‘alfabeto.’

¹⁸Encontramos dezesseis ocorrências de *Ablaut* no *Mémoire*, nas páginas: 5, 46, 51, 94, 97 três vezes, 98 quatro vezes, 115 duas vezes, 131, 153, e 154. De fato, “*the most outstanding work prompted by the study of Ablaut [is] Saussure’s Mémoire[...].*” (DAVIES 2009: 134).

de vogais”¹⁹. O *Umlaut* é uma mudança particular das línguas germânicas, em que uma vogal /i/ altera o timbre da vogal da sílaba anterior²⁰. Essa mudança explica pares no inglês como *goose* ‘ganso’ e *geese* ‘gansos,’ ou *mouse* ‘rato’ e *mice* ‘ratos,’ em que a antiga desinência de plural, *-iz, alterou a vogal do tema antes de se elidir (Ringe 2006: 123-4).

Dado que estudou apenas as línguas germânicas, Grimm descreveu o *Ablaut* como a mudança das vogais, como a mudança que há como no verbo inglês *spring* (pres.), *sprang* (pass.), *sprung* (part. pass.) ‘pular’. Verbos que seguem esse tipo de mudança na vogal radical conforme o tempo do verbo foram chamados *fortes*, em oposição aos que recebem apenas afixos para a mudança do tempo verbal, como *want*, *want-ed*, *want-ed* ‘querer’, que foram chamados de *fracos*.

Mais tarde ampliou-se o sentido de *Ablaut* para contemplar também o fenômeno de gradação vocálica do sânscrito. O *Ablaut* nas línguas germânicas foi chamado de *qualitativo*, já que o que muda é a qualidade da vogal, enquanto o que ocorre em sânscrito foi chamado de *quantitativo*, dado que a quantidade, ie. a duração da vogal, é que muda, como na alternância entre <a> (o *guṇa*), <ā> (a *ṛddhi*) e zero, que descrevemos na página 32.

4.3 A Reconstrução de Schleicher

Schleicher propõe, no seu estudo de morfologia eslávica (Schleicher 1852), um sistema de vogais em que as três vogais da tríade, *a i u*, são consideradas básicas, e as demais vogais do antigo eslavônico eclesiástico seriam “aumentos” delas, tal como a *ṛddhi* do sânscrito. Alguns anos depois, na sua gramática do lituano (Schleicher 1856:

¹⁹No Dicionário de Alemão dos irmãos Grimm tem-se a definição seguinte: *ABLAUT*, *m. permutatio vocalium literarum, geregelter übergang des vocals der wurzel in einen andern; ein edles und ihr wesentliches vermögen der deutschen sprache, verschieden von umlaut.* [*ABLAUT*, *m. permutação das letras vogais, mudança de vogal da raiz em outra; uma capacidade nobre e essencial da lingua germânica, diferente do umlaut.*] (J. GRIMM, W. GRIMM et al. 1984: sub voce).

²⁰De fato Rasmus Rask havia feito essa observação anos antes, em 1811, como vimos na página 21.

62), Schleicher tem a ideia de arranjar as vogais em séries, com cada vogal básica do lituano recebendo “*aumentos*” sucessivos, comparando essas séries com as que deveriam existir no indo-europeu.

Tabela 4.8: Séries de vogais em Schleicher (1856)

	vogal básica	1º aumento	2º aumento
série do <i>a</i> no IE	a	â	.
lituano	a	o	.
série do <i>i</i> no IE	i	ai	âi
lituano	i	ë, ei	ai
série do <i>u</i> no IE	u	û	au

No entanto é no seu *Compendium* que Schleicher sintetiza o estado da reconstrução do indo-europeu na sua época (Fox 1995: 24), e reconstrói apenas três séries de consoantes oclusivas: guturais (*ie.* velares), dentais e (bi)labiais. As demais séries do sânscrito foram consideradas inovações do ramo índico: as linguais (*ie.* retroflexas) eram facilmente redutíveis à alofonia quer entre a série das dentais associadas a <r> ou à fricativa palatal <ś>, esta que se torna retroflexa ao se unir a uma consoante dental: *mṛś-ta* → *mṛṣṭa*- ‘tocado’. Omitiu-se, no entanto, toda a série das oclusivas palatais do sânscrito, assim como as fricativas palatal e retroflexa <ś ṣ>, além da fricativa glotal sonora <h>. Isto causou várias inconsistências na reconstrução, cuja solução veremos a seguir.

Tabela 4.9: Inventário Consonântico em Schleicher (1876:10).

	surdas	sonoras	asp. son.	espir. surd.	espir. son.	nasais	<i>r</i>
gut.	k	g	gh				

	surdas	sonoras	asp. son.	espir. surd.	espir. son.	nasais	r
pal.					j		
ling.							r
dent.	t	d	dh	s		n	
lab.	p	b	bh		v	m	

4.4 O Problema das Palatais: Ascoli

Apesar dos bons resultados em predizer a correspondência entre as consoantes do ramo germânico e as demais línguas aparentadas, por meio da lei de Grimm e da lei de Verner, o problema da relação entre as consoantes dorsais estava longe de ser resolvido.

Tabela 4.10: Correspondências entre consoantes dorsais

sânscrito	latim	grego
<u>ś</u> <i>atam</i> ‘cem’	<i>centum</i>	<i>ekátón</i>
<u>ś</u> <i>kravi-</i> ‘cruor’	<i>cruor</i>	<i>kréas</i>
<u>ś</u> <i>kim</i> (<i>cid</i>) ‘o quê?’	<i>quid</i>	<i>tí</i>

Todo <ś> em sânscrito corresponde regularmente a /k/ em latim e grego. Esse mesmo som sânscrito, em avéstico, uma língua aparentada e muito próximo, resulta em /s/. Daí vem a distinção que se faz entre línguas *satəm* (lit. ‘cem’ em avéstico) e *centum*, conforme apresentem uma fricativa ou uma oclusiva nesse grupo de palavras que tem <ś> em sânscrito. Se todo <ś> sânscrito equivale a /k/ nas demais línguas, o inverso não é verdadeiro, dado que há outras palavras em que as três línguas concordam em ter apenas /k/. Por fim há o caso mais difícil de que, quando o latim tem /k^w/ <qu>, e só às vezes, o grego tem /t/, e o sânscrito pode ter tanto <k> como <c> (Collinge 1985: 134).

Os comparatistas, ao se deparar com essas correspondências, e a abundância de reflexos diferentes até mesmo em uma mesma língua, tinham de reconstruir algum inventário de consoantes de onde todas as línguas pudessem derivar. Schleicher, como vimos, optou por reconstruir apenas uma série velar.

Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), ao contrário, afastando-se da via da economia, propôs em Ascoli (1870) quatro séries diferentes de sons dorsais, que eventualmente reduziu para apenas duas, que passaram a ser notadas como $\langle k_1 g_1 gh_1 \rangle$ e $\langle k_2 g_2 gh_2 \rangle$. A série de $\langle k_1 \rangle$ resultaria em /k/ em sânscrito e latim, mas /k g k^h, p b p^h, t d t^h/ em grego, isto é, a terceira linha da tabela precedente. A série de $\langle k_2 \rangle$ é a que resulta em $\langle ś j jh \rangle$ em sânscrito, mas em velares nas demais línguas (Joseph 2012: 95). Essa notação aparece apenas uma vez no primeiro capítulo do *Mémoire*, no começo da página 23, mas ocorre ao menos dezoito vezes ao longo de todo o texto, dado que mostra uma distinção importante entre as consoantes da língua-mãe.

4.5 Líquidas e Nasais Soantes

Em 1876 houve duas publicações que tiveram um impacto tremendo tanto na linguística na Alemanha como na reconstrução do indo-europeu. Brugmann à época era co-editor da revista de Curtius, chamada *Curtius Studien*. Enquanto Curtius viajava, em 1876, Brugmann serviu como editor da revista e, em sua ausência, fez publicar dois artigos seus nessa revista que contradiziam as convicções de Curtius, e também a ‘versão oficial’ da reconstrução do indo-europeu que Schleicher havia criado.

No primeiro deles (Brugmann 1876), Brugmann propôs que a língua-mãe tivesse, além da tríade vocálica, consoantes *nasais* que poderiam ser núcleo silábico. A elas ele deu o nome de *nasais soantes*. Isto contradizia a hipótese da tríade vocálica ser o mais antigo e perfeito inventário vocálico. Nesse artigo, também, Brugmann hipotetiza que o *a reconstruído para o indo-europeu tivesse duas

variantes, que ele notou por a_1 e a_2 , que permaneceram a nas línguas indo-iranianas, como o sânscrito e o avéstico, mas que se dividiram em e e o nas línguas da Europa.

Ademais, Osthoff publicou no mesmo ano um artigo em que reconstruía *líquidas* soantes que, assim como <ṛ> e <ḷ> em sânscrito, também podiam ser núcleo silábico (Auroux et al. 2000: 1332). Segundo Davies (1998: 242), “em um só golpe um grande número de correspondências aparentemente arbitrárias foi removido, enquanto a origem de outra série de alternâncias morfofonêmicas foi explicada”.

Esses sons ‘novos’ da língua mãe não teriam sobrevivido em nenhuma descendente, exceto as líquidas em sânscrito; nas demais línguas elas ter-se-iam *vocalizado* de várias formas diferentes, obscurecendo o processo de *ablaut* que havia originalmente.

Tabela 4.11: Reflexos do *ablaut* de $*a_1r$ e $*a_1m$

	grau-ø	guṇa	vṛddhi	grau-ø	guṇa	vṛddhi
I.E.	*ṛ	* a_1r	* a_2r	*ṃ	* a_1m	* a_2m
grego	<i>ar/ra</i>	<i>er</i>	<i>or</i>	<i>a</i>	<i>em</i>	<i>om</i>
latim	<i>ur</i>	<i>er</i>	<i>or</i>	<i>em</i>	<i>em</i>	<i>um</i>
sânscrito	<i>ṛ</i>	<i>ar</i>	<i>ṛ</i>	<i>a</i>	<i>am</i>	<i>ṛ</i>

4.6 O Mémoire de Saussure

O *Mémoire* de Saussure foi publicado em Leipzig, pela editora Teubner, em dezembro de 1878, e distribuído a partir do ano seguinte (Joseph 2012: 222). Depois da ortodoxia do modelo de Schleicher por ao menos vinte anos, o clima da década de 1870 apresentava várias questões por resolver, e múltiplas soluções eram propostas. Como vimos, em 1876 Brugmann e Osthoff reformaram o vocalismo do indo-europeu, ao reconstruir as nasais e as líquidas soantes (Brugmann 1876, Auroux et al. 2000: 1332). Saussure cria ter ele mesmo

descoberto as nasais soantes anos antes, e se sentiu roubado do reconhecimento por essa descoberta (Joseph 2012: 185). Ao ampliar seu artigo de 1877 (Saussure 1877), então, Saussure tinha pressa em publicar seus achados, temendo que o mesmo pudesse acontecer novamente.

Por isso Saussure não escreveu o texto todo, para então fazer com que fosse publicado; ao contrário, escreveu-o em partes e mandou que se imprimisse. Além disso, dado o custo enorme da publicação, Saussure foi forçado a escrever somente o estritamente necessário, tornando o texto extremamente sucinto, fazendo com que seus leitores tivessem de “suar sangue” para seguir-lhe o raciocínio (Havet 1978).

Saussure usa extensamente tanto a divisão do $*a$ em a_1 e a_2 como as líquidas e nasais soantes no *Mémoire*, a ponto de ter sido acusado de plágio por seus detratores (Joseph 2012: 245, Villani 1990), e de ser acusado de não ter atribuído suficientemente a autoria desses conceitos a seus autores. Isto não nos parece justificado, já que Brugmann, como vimos, é o segundo autor mais citado no *Mémoire*, aparecendo sessenta e sete vezes (Vallini 2013: 31).

No *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (Saussure 1879) Saussure trata do *ablaut* nas línguas indo-europeias. Ele introduz uma separação estrita entre a questão do estabelecimento do inventário vocálico do indo-europeu e as alternâncias em que elas participam. Além disso, ele separa a descrição do indo-europeu entre *estágios sincrônicos* e os processos que podem tê-los suscitado (Keiler 1970: 9).

Diferentemente de seus antecessores e contemporâneos, ele investiga as alternâncias vocálicas que há em cada ramo do indo-europeu, e a partir disso identifica anomalias que buscará explicar. Assim, no primeiro capítulo ele se atém ao *ablaut* das líquidas e das nasais soantes, na primeira e segunda partes do capítulo, respectivamente. Para isso ele divide as raízes em 3 tipos (Saussure 1879:

9-10): (A) as que terminam por coeficiente sonântico²¹; (B) as que terminam por coeficiente sonântico seguido de oclusiva; e (C) as que não têm coeficiente sonântico.

Dessa forma ele pode diagnosticar o comportamento do *ablaut* em cada tipo de *ambiente*: na primeira forma o grau- \emptyset da raiz deve gerar o coeficiente sonântico na sua forma vocálica ($k\bar{r}$ de ka_1r , p. ex.); no segundo, igualmente, e o coeficiente ficaria vocálico e protegido pela consoante final ($d\bar{r}k$ de da_1rk). Esta forma é útil porque o coeficiente sonântico não sofre influência dos afixos que poderiam mudar a sua forma de superfície; no terceiro caso, o *ablaut* resulta na síncope de uma sílaba, já que o único som capaz de se tornar núcleo silábico é elidido (pt de pa_1t). Saussure investiga tanto as formações verbais como as nominais.

Já aqui há uma grande novidade, dado que ao invés de comparar a flexão dos itens lexicais *entre as diversas línguas*, Saussure primeiro investiga as flexões em *cada ramo*, para depois comparar o que têm em comum com os demais ramos. Estabelece-se assim uma divisão diacrônica das línguas, que passam a ser analisadas, consistentemente, como resultado de várias etapas de mudanças, do *tronco* aos *ramos*.

Tendo em mente a_1 e a_2 que se tornam *e* e *o* nas línguas da Europa e *a* no ramo indo-iraniano, Saussure então reconstrói, no segundo capítulo, uma terceira vogal *a*, que escreve como *A*, e que permanece como *a* em todas as línguas. No terceiro capítulo, além disso, ele reconstrói outra vogal, o_2 que não é resultado de a_2 na Europa, mas uma vogal diferente, dado que tem <ã> breve como reflexo em sânscrito. No quarto capítulo Saussure analisa novamente as alternâncias nas línguas indo-europeias em busca de diferentes tipos de *a*.

No capítulo quinto, Saussure reconstrói o *ablaut* do indo-europeu a partir dos fonemas e do *ablaut* que investigou até então. Para isso ele se vale da terminologia do sânscrito, chamando o “estado nor-

²¹Isto é, os sons reconstruídos que têm alofone vocálico e consonântico: como vogais eles aparecem como /ṛ ḷ ṃ ṇ i u/, e como consoantes, /r l m n y w/. A interação dessa alternância com o *ablaut* é essencialmente o problema que Saussure tenta resolver, reconstruindo ainda dois outros coeficientes, $*\bar{A}$ e $*\bar{Q}$.

mal” da raiz, que tem $a_1 (= e)$, de *gouna* (Saussure 1879: 116), não sendo capaz de explicar completamente a *vṛiddhi*, mas reconstruindo que venha, ao menos em parte, da substituição de a_1 por $a_2 (= o)$ na raiz (Saussure 1879: 119).

Este é o capítulo central de toda a obra. Nele Saussure explicita, no §12 (p. 137), o seu sistema de vogais. Sua maior descoberta está na explicação de alternâncias como a do grego $ph\bar{a}-mi$ ‘eu falo’ e $ph\bar{a}-m\acute{e}s$, em que a vogal da raiz tem um *ablaut* quantitativo ao invés da “expulsão” de a_1 como nas demais raízes. Saussure, tendo reconstruído esses dois coeficientes sonânticos novos, A e \bar{Q} , sugere que o que no exemplo grego é \bar{a} longo venha de uma sequência a_1A , ficando assim completamente paralela às alternâncias envolvendo as líquidas e as nasais soantes: quando o a_1 é expulso, esse coeficiente se vocaliza como as demais soantes; quando está antes de a_1 , o coeficiente se elide causando o alargamento compensatório da vogal anterior. Nos quadros da página 137, que usamos para a tabela que segue, Saussure passa a usar e para a_1 , o_2 para a_2 , e a somente para o a comum a todas as línguas, que escrevera como A anteriormente. No entanto, reescrevemos aqui com a notação do começo do livro, pelo bem da clareza.

Tabela 4.12: Reflexos do *ablaut* de $*a_1A$ e $*a_1\bar{Q}$

	grau- \emptyset	<i>guṇa</i>	<i>vṛiddhi</i>	grau- \emptyset	<i>guṇa</i>	<i>vṛiddhi</i>
I.E.	*A	* a_1A	* a_2A	* \bar{Q}	* $a_1\bar{Q}$	* $a_2\bar{Q}$
grego	a	\bar{e}, \bar{a}	\bar{o}	o	\bar{o}	\bar{o}
latim	a	\bar{e}, \bar{a}	\bar{o}	o	\bar{o}	\bar{o}
sânscrito	\check{i}	\bar{a}	\bar{a}	\check{i}	\bar{a}	\bar{a}

Em 1905, registros de uma língua indo-europeia até então desconhecida, o hitita, foram descobertos em Boğazköy, na Turquia, tendo sido quase totalmente decifrados por Hrozný em 1917. Nesses registros encontrou-se a evidência da preservação de A e \bar{Q} , exatamente

onde Saussure os reconstruiu (Keiler 1970: 18).

Capítulo 5

Tradução do Capítulo 1 do *Mémoire*

5.1 Fontes, Critérios, e Metodologia

O *Mémoire* foi publicado por Saussure em 1879 (Saussure 1879) e impresso novamente anos depois, em 1887 (Saussure 1887). A edição desses textos é idêntica. Como diz Saussure numa nota introdutória da impressão de 1887, “[...] esta segunda tiragem do *mémoire* publicado em 1878-9 não é uma reimpressão – tampouco uma edição nova, – mas uma simples reprodução da impressão [...]”. Obtivemos cópia da impressão de 1879 e da de 1887, e elas são, de fato, idênticas em tudo, no texto e na diagramação. Saussure se refere nessa nota introdutória de 1887 a dois erros que cometera, ter escrito o latim *trāho* como *trāho* ‘carrego,’ e citar a forma sânscrita *paśvya*, que não existe.

Houve mais uma impressão do texto numa coleção dos textos escritos por Saussure, publicada em 1922, por Bally e Léopold Gautier (Joseph 2012: 635), intitulada *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* [Coleção das publicações científicas de Ferdinand de Saussure] (Saussure 1922). Esta foi uma reedição do texto de 1879, com diagramação nova. Dado ter sido a primeira que obtivemos em mídia digital, adotamos em nossa tradução esta edição de 1922.

Comparamos o texto dessa edição, no entanto, com a de 1879, e não encontramos, ao menos neste primeiro capítulo, nenhuma diferença no texto.

Fizemos a transcrição do original em texto puro, linha por linha, utilizando a marcação da estrutura do texto chamada *Markdown*¹. O armazenamento em texto puro garante que o arquivo possa ser aberto em computadores utilizando qualquer sistema operacional, e qualquer editor de texto, o que garante que o arquivo não se torne inacessível caso o programa de edição que se usasse se tornasse indisponível. Por meio desta marcação pode-se exportar o texto em vários formatos diferentes, como arquivos do Microsoft Word e o programa de diagramação LaTeX, usando-se um programa chamado *pandoc*².

Marcamos, além disso, o começo de cada página com o sinal <||>, e o número da página na margem exterior do texto.

Saussure se vale do alfabeto grego com dois objetivos: o primeiro, naturalmente é o de escrever os dados dessa língua; outro é o de significar que o que se escreve é trata-se só grego. Assim, se Saussure escreve *Este mesmo grau se resulta na forma de α [\bar{a}], η [\bar{e}], quando tem um α [a] como base: $\acute{\epsilon}\lambda\alpha\kappa\omicron\nu$ [$\acute{e}lakon$], $\lambda\acute{\epsilon}\lambda\bar{\alpha}\kappa\alpha$ [$l\acute{e}l\bar{a}ka$] (p. 5), o uso do alfabeto indica que se trata apenas do grego antigo.*

Além disso, modernizamos a ortografia do lituano. Saussure emprega a ortografia de Schleicher, usando <sz> onde se usa <š> hoje para o fonema /ʃ/, por exemplo. Também para o sânscrito mudamos a ortografia; Saussure usa a ortografia proposta por William Jones, que alteramos para o Alfabeto Internacional de Transliteração do Sânscrito (IAST, *International Alphabet of Sanskrit Transliteration*). Igualmente, a ortografia do avéstico foi atualizada para a usada por Hoffman e Frossman (1996).

A fim de tornar o texto mais acessível, quisemos transcrever, na tradução, todas as ocorrências do grego antigo para o alfabeto latino. No entanto, a simples transcrição tornaria impossível saber

¹<http://daringfireball.net/projects/markdown/>. Acesso em 10/01/2017

²<http://pandoc.org>. Acesso em 10/01/2017.

de qual língua Saussure trata sem se consultar o original. Por outro lado, se se marcassem absolutamente todas as transcrições, o texto ficaria ilegível. Optamos assim por marcar as transcrições adicionando '[gr.]' sobrescrito antes das ocorrências em que Saussure não deixa explícito, no texto, tratarem-se do grego. O arquivo de nossa tradução possui a ortografia original de Saussure, que convertemos automaticamente usando expressões regulares (*regex*).

Traduzimos o texto preservando sem modernizar nenhum termo técnico. O sentido de muitos deles já é dicionarizado em português, (como 'espirante' no sentido de fricativa; outros foram explicados em nossa monografia, como os termos *guṇa* e *vṛddhi*; outros ainda são herdados da tradição do comparatismo, como "período proétnico", sobre que não nos pudemos deter da forma como mereciam. Buscamos traduzir o texto da forma mais literal possível, desde que não em detrimento da compreensão. Também procuramos não explicar o texto, ao invés de traduzi-lo; consideramos que essa explicação seja objetivo de um trabalho futuro.

Arranjamos o texto original e a tradução em páginas opostas. Para isso usamos o pacote `e1edmac` para LaTeX, versão de um pacote mais antigo, chamado `edmac`³, usado desde 1996 para a edição de textos críticos. O pacote exige que cada constituinte do texto, como um parágrafo ou uma tabela, seja posto junto do seu equivalente na outra página. Para fazê-lo utilizamos o formato de saída em JSON do `pandoc`, e tivemos de escrever um pequeno *script* para formatar os pares para a impressão do arquivo em formato PDF.

Infelizmente o formato de saída das tabelas produzidos pelo programa `pandoc` não é sempre compatível com o formato esperado pelo pacote `e1edmac`. Não conseguimos encontrar a origem do erro, que faz com que algumas tabelas tomem todo o espaço horizontal da página, mesmo não sendo necessário pelo conteúdo que têm.

Além disso a paralelização das notas de rodapé não ficou perfeitamente consistente, porque algumas das notas de Saussure, por serem

³<http://tug.org/edmac/>. Acessado em 10/01/2017.

longas demais, terminam se alongando para a página seguinte, desestabilizando os pares de páginas de que o pacote `eledmac` depende, e causando, inconsistentemente, páginas em branco ao longo do texto. Em trabalhos futuros será necessário escrever um programa novo que resolva esses problemas.

5.2 Tradução

MÉMOIRE
SUR LE
SYSTÈME PRIMITIF DES VOYELLES
DANS LES
LANGUES INDO-EUROPÉENNES
1879⁴

Revue des différentes opinions émises sur le système des *a*
Étudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'*a* indo-européen, tel est l'objet immédiat de cet opuscule : le reste des voyelles ne sera pris en considération qu'autant que les phénomènes relatifs à l'*a* en fourniront l'occasion. Mais si, arrivés au bout du champ ainsi circonscrit, le tableau du vocalisme indo-européen s'est modifié peu à peu sous nos yeux et que nous le voyons se grouper tout entier autour de l'*a*, prendre vis-à-vis de lui une attitude nouvelle, il est clair qu'en fait c'est le système, des voyelles dans son ensemble qui sera entré dans le rayon de notre observation et dont le nom doit être inscrit à la première page.

Aucune matière n'est plus controversée ; les opinions sont divisées presque à l'infini, et les différents auteurs ont rarement fait une application parfaitement rigoureuse de leurs idées. À cela s'ajoute que la question de l'*a* est en connexion avec une série de problèmes de phonétique et de morphologie dont les uns attendent encore leur solution, dont plusieurs n'ont même pas été posés. Aussi aurons-nous souvent, dans le cours de notre pérégrination, à traverser les régions les plus incultes de la linguistique indo-européenne. Si néanmoins nous nous y aventurons, bien convaincu d'avance que notre

⁴[Paru en 1878.]

Memória
Sobre o
Sistema Primitivo de Vogais
nas
Línguas Indo-Europeias
1879⁷⁵

Análise de diversas opiniões formuladas sobre o sistema dos *a*

Estudar as múltiplas formas com que se manifesta aquilo que se chama o *a* indo-europeu, este é o objetivo imediato deste opúsculo: o resto das vogais não será levado em consideração, exceto na medida em que os fenômenos relacionados ao *a* derem oportunidade. Mas se, chegando ao fim do campo assim circunscrito, o quadro do vocalismo indo-europeu for modificado pouco a pouco diante dos nossos olhos, e se virmos que ele se agrupa completamente ao redor do *a*, e toma acerca dele uma atitude nova, de fato é claro que é o sistema de vogais nesse conjunto que estará sob a luz de nossa observação, e cujo nome deve ser inscrito já na primeira página.

Nenhum assunto é mais controverso; as opiniões são divididas até o infinito, e os diferentes autores raramente aplicaram com perfeito rigor as suas ideias. A isto se soma que a questão do *a* se relaciona a uma série de problemas de fonética e de morfologia de que parte ainda aguarda solução, e de que muitos nem ainda foram formulados. Assim, teremos frequentemente, no percurso de nossa peregrinação, que atravessar as regiões mais rústicas da linguística indo-europeia. Se ainda assim nos aventuramos, bem certos já no início de que nossa inexperiência nos desviará muitas vezes do labirinto, é porque, para

⁷⁵Lançado em 1878.

inexpérience s'égarera mainte fois dans le dédale, c'est que, pour quiconque s'occupe de ces études, s'attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent : c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer ; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude.

Je suis obligé de retirer plusieurs des opinions que j'ai émises dans un article des *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* intitulé *Essai d'une distinction des différents a indo-européens*. En particulier la ressemblance de *ar* avec les phonèmes sortis du *r* m'avait conduit à rejeter, fort à contre-cœur, la théorie des liquides et nasales sonantes
4 à laquelle je suis revenu après mûre réflexion. ||

Bopp et ceux qui suivirent immédiatement l'illustre auteur de la *Grammaire Comparée* se bornèrent à constater qu'en regard des trois voyelles *a e o* des langues européennes, l'arien montrait uniformément *a*. L'*e* et l'*o* passèrent dès lors pour des affaiblissements propres aux idiomes de l'Occident et relativement récents de l'*a* unique indo-européen.

Le travail de M. Curtius dans les *Sitzungsberichte der Kgl. Sächs. Ges. der Wiss.* (1864) enrichit la science d'un grand fait de plus : M. Curtius montrait que l'*e* apparaît à la même place dans toutes les langues d'Europe, qu'il ne peut par conséquent s'être développé indépendamment dans chacune d'elles. Et partant de l'idée reçue que la langue-mère ne possédait que les trois voyelles *a i u*, il tira cette conclusion que tous les peuples européens avaient dû traverser une période commune, où, parlant encore une même langue, ils étaient déjà séparés de leurs frères d'Asie : que durant cette période une partie des *a* s'étaient — sous une influence inconnue — affaiblis en *e*, tandis que le reste persistait comme *a*. Plus tard les différentes langues ont laissé s'accomplir, séparément les unes des autres, un

quem quer que se ocupe destes estudos, dar-se a tais questões não é uma temeridade, como se costuma dizer: é uma necessidade, é a primeira escola por onde se deve passar; pois trata-se aqui não de especulações de ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares cuja falta torna tudo instável, arbitrário e incerto.

Sou obrigado a retirar várias das opiniões que publiquei num artigo das *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* chamado *Essai d'une distinction des différents a indo-européens*. Em particular a semelhança de *ar* com os fonemas vindos do *r* levou-me a rejeitar, muito a contra-gosto, a teoria das líquidas e nasais soantes a que retornei depois de profunda reflexão. ||

4

Bopp e aqueles que sucederam imediatamente ao ilustre autor da *Gramática Comparada* se limitaram a constatar que, quanto às três vogais *a e o* das línguas europeias, o *ário* mostra uniformemente *a*. O *e* e o *o* passaram desde então por enfraquecimentos próprios dos idiomas do Ocidente e recentes em relação ao *a* único do indo-europeu.

O trabalho de Curtius no *Sitzungsberichte der Kgl. Sächs. Ges der Wiss.* (1864) enriqueceu a ciência com um fato importante: Curtius mostrou que o *e* aparece no mesmo lugar em todas as línguas da Europa, e que não pode, conseqüentemente, ter-se desenvolvido independentemente em cada uma delas. E partindo da ideia aceita de que a língua-mãe só possuía as três vogais *a i u*, ele tira a conclusão de que todos os povos europeus tinham tido que atravessar por um período comum onde, falando ainda uma só língua, estavam já separados de seus irmãos da Ásia: que durante este período uma parte dos *a* – sob uma influência desconhecida – se enfraqueceram em *e*, enquanto que o resto persistiu como *a*. Mais tarde as diferentes línguas puderam fazer, separadamente umas das outras, outra divisão

second scindement de l'a qui a produit l'o. Au sud de l'Europe néanmoins, cette voyelle a dû prendre naissance dès avant la fin de la période gréco-italique, vu la concordance de l'o des deux langues classiques, notamment dans la déclinaison des thèmes masculins en -a (ἵππος = *equos*).

Nous croyons représenter exactement le système de M. Curtius par le tableau suivant⁵:

Indo-europ.	a	ā
Européen	a; e	ā
Plus Tard	ao; e	ā

L'exposé de M. Fick (*Spracheinheit der Indogermanen Europas*, p. 176 seq.) reproduit en gros le système précédent. L'ancien || a s'est scindé dans la période européenne en a et e. Lorsqu'un mot montre e dans toutes les langues, il faut supposer que le changement de son a en e remonte jusqu'à cette période ; apparaî-t-il au contraire avec a ou o, ne fût-ce que dans une seule langue, il faut admettre que l'a subsistait encore à l'époque de la communauté. L'ablaut du grec δέρκομαι δέδορκα, mais surtout du germanique *ita at*, est une admirable utilisation du scindement de l'a. Sur ce dernier point chez M. Curtius cf. la note ci-dessous [p. 4].

Autre était le système de Schleicher. Admettant dans chaque série vocalique deux degrés de renforcement produits par l'adjonction

⁵Il y faut ajouter cependant la remarque suivante des *Grundzüge* (p. 54): « le dualisme (Zweiklang) primitif *gan* (skr. *gan-â-mi*) et *gân* (skr. parf. *ga-gân-a*), *bhar* (skr. *bhar-â-mi*) et *bhâr* (skr. *bhâra-s* fardeau) devint par une substitution insensible d'abord : *gen gan*, *bher bhar*, puis *gen gon* (γενέσθαι, γέγονα), *bher bhor* (φέρω, φόρος). Mais rien ne peut faire penser qu'il y ait jamais eu une période où γεν et γον, φερ et φορ se seraient échangés arbitrairement, de telle sorte qu'il eût pu arriver de dire γονέσθαι, φόρω ou inversement γέγενα, φέρος. » Ici par conséquent le savant professeur admet une diversité originnaire de l'e et de l'o et fait remonter l'o de γέγονα à l'indo-européen ā.

do *a*, que produziu o *o*. Ao menos no sul da Europa essa vogal teve de nascer antes do fim do período greco-italico, dada a concordância do *o* dessas duas línguas clássicas, especialmente na declinação dos temas masculinos em *-a* ([gr.] *híppos* = equos).

Acreditamos representar com exatidão o sistema de Curtius com esta tabela seguinte⁷⁶:

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>ā</i>
Europeu	<i>a; e</i>	<i>ā</i>
Mais Tarde	<i>ao; e</i>	<i>ā</i>

A apresentação de Fick (*Spracheinheit der Indogermanen Europas*, p. 176 seq.) reproduz aproximadamente o sistema acima. O antigo *a* se dividiu no período europeu em *a* e *e*. Quando uma palavra tem *e* em todas as línguas, deve-se supor que a mudança de seu *a* para *e* data desse período; apareça ele ao contrário como *a* ou *o*, mesmo que em uma só língua, deve-se aceitar que o *a* subsistiu até a época da unidade. O *ablaut* do grego *dérkomai dédorka*, mas sobretudo o do germânico *ita at*, é um uso admirável da divisão do *a*. Sobre este último ponto, veja-se quanto a obra de Curtius na nota abaixo p. 4.

Outro era o sistema de Schleicher. Admitindo em cada série vocálica dois graus de reforço produzidos pela união de um ou dois *a*, ele

⁷⁶É preciso acrescentar ainda assim a observação seguinte dos *Grundzüge* (p. 54): “o dualismo (Zweiklang) primitivo *gan* (sânsr. *jan-â-mi*) et *gân* (sânsr. perf. *ja-jân-a*), *bhar* (sânsr. *bhar-â-mi*) et *bhâr* (sânsr. *bhâra-s* fardo) surge por uma substituição imperceptível no começo : *gen gan*, *bher bhar*, depois *gen gon* ([gr.] *genést^hai*, *gégona*), *bher bhor* (*p^hérō*, *p^hóros*). Mas nada pode fazer pensar que houve em algum momento um período onde *gen* e *gon*, *p^her* e *p^hor* fossem trocados arbitrariamente, de tal forma que se pudesse chegar a dizer [gr.] *gonést^hai*, *p^hórō* ou inversamente *gégona*, *p^héros*.” Aqui, por consequência, o douto professor admite uma diversidade primitiva do *e* e do *o*, e faz com que o *o* de *gégona* venha do *ā* indo-europeu.

d'un ou de deux *a*, il posait pour la série de l'*a* les trois termes : *a aa āa*.

Il retrouve ces trois degrés en grec : *a* y est représenté ordinairement par ε (ex. ἔδω), puis par ο (ποδός) et par α (ἄκων). *a + a*, le premier renforcement, est représenté par ο lorsqu'il se produit sur un ε, ainsi « γέ-γον-α, forme première : *ga-gān-a* ; skr. *gá-gān-a*, à côté de ἐ-γεν-όμην. » Ce même degré se traduit sous la forme de *ā*, η, lorsqu'il a un α pour base : ἔλακον, λέλακα. Le second renforcement est ω : ἔρωγα. – Le gotique posséderait aussi les trois degrés ; les autres langues auraient confondu les deux renforcements.

L'arbre généalogique des langues, tel que le construisait Schleicher, n'étant pas celui que la plupart des autres savants ont adopté et ne comportant pas de période européenne, il est clair que l'*e* des langues d'Europe ne remonte pas pour lui à une origine commune. En particulier l'*i* gotique a dans son *Compendium* une tout autre place que l'ε grec : ce dernier est considéré comme le représentant régulier de l'*a* indo-européen, l'*i* gotique comme un affaiblissement anormal. Nous faisons donc abstraction de l'idée d'un développement historique commun du vocalisme européen, en formulant dans le schéma suivant le système de Schleicher :

Indo-europ.	Européen
<i>a</i>	<i>a e o</i>
<i>aa</i>	<i>a o ā</i>
<i>āa</i>	<i>ā</i>

Il faut noter en outre que l'α grec et l'*a* latin ne sont pas mentionnés comme degrés renforcés.

Dans un opuscule intitulé : *Die bildung der tempusstämme durch vo-*

propôs para a série do *a* os três termos: *a aa āa*.

Encontram-se esses três graus em grego: *a* é representado normalmente por *e* (ex. *édō*), por *o* (*podós*) e por *a* (*ákōn*). *a + a*, o primeiro reforço, é representado por *o* quando ele ocorre no lugar de *e*, e assim “*gé-gon-a*, a primeira forma: *ga-gān-a*; sânscr. *ja-jān-a*, junto de *e-gen-ómēn*.” Este mesmo grau se resulta na forma de *ā*, *ē*, quando tem um *a* como base: *élakon*, *lélāka*. O segundo reforço é *ō*: *érrōga*. – O gótico teria assim os três; graus; as outras línguas teriam confundido os dois reforços.

A árvore genealógica das línguas, tal com Schleicher a construiu, não sendo aquela que a maior parte dos outros estudiosos adotou, nem incluindo o período europeu, é claro que o *e* das línguas da Europa não remonta, para ele, a uma origem comum. Em particular o *i* gótico tem no seu *Compendium* um lugar totalmente diferente do *e* grego: este último é considerado como o representante regular do *a* indo-europeu, o *i* gótico como um enfraquecimento anormal. Fazemos assim uma abstração da ideia de um desenvolvimento histórico comum do vocalismo europeu, formulando no esquema seguinte o sistema de Schleicher:

Indo-europ.	Europeu
<i>a</i>	<i>a e o</i>
<i>aa</i>	<i>a o ā</i>
<i>āa</i>	<i>ā</i>

Deve-se notar também que o *a* grego e o *a* latino não são citados como graus reforçados.

Em um opúsculo intitulado : *Die bildung der tempusstämme durch*

calsteigerung (Berlin 1871), le germaniste Amelung, prématurément enlevé à la science, a essayé d'appliquer le système de Schleicher d'une manière plus conséquente en le combinant avec la donnée de l'*e* commun européen. Cet *e* est à ses yeux || le seul représentant normal de l'*a* non renforcé. L'*a* européen – sous lequel il comprend aussi l'*o*, comme l'avait fait M. Curtius – remonte au premier renforcement qu'il désigne par \bar{a} , et le second renforcement (\hat{a}) est l' \bar{a} long des langues d'Europe. Les présents tels que got. *fara*, gr. ἄγω, ὄζω montrent donc une voyelle renforcée, et il faut admettre que ce sont des dénominatifs. – En un mot le dualisme d'*e* et *a* est primitif, et le rapport qu'il y a entre eux est celui de la voyelle simple à la voyelle renforcée. Voici le tableau :

Indo-europ.	<i>a</i>	\bar{a}	\hat{a}
(Arien	<i>a</i>	\bar{a}	\bar{a})
Européen	<i>e</i>	<i>a</i>	\bar{a}
Gothique	<i>i</i>	<i>a</i>	\bar{o}
Grec	ε	αo	$\bar{\alpha} \omega$

Le débat qu'Amelung a eu sur cette question avec M. Leo Meyer dans le *Journal de Kuhn* (XXI et XXII) n'a pas apporté de modification essentielle à ce système qui a été exposé une seconde fois d'une manière détaillée dans la *Zeitschrift für deutsches Altertum* XVIII 161 seq.

M. Brugmann (*Studien* IX 367 seq., K. Z. XXIV 2) fait remonter l'existence de l'*e*, en tant que voyelle distincte de toute autre, à la période indo-européenne, sans prétendre par là que sa prononciation ait été dès l'origine celle d'un *e* ; et il en désigne le prototype par

vocalsteigerung (Berlin 1871), o germanista Amelung, tolhido prematuramente da ciência, buscou aplicar o sistema de Schleicher de um modo mais conseqüente ao combinar o *e* comum europeu. Este *e* é segundo ele || o único representante normal do *a* sem reforço. O *a* 6 europeu – em que ele inclui também o *o*, assim como o Curtius o fez – remonta ao primeiro reforço, que ele designa \bar{a} , e o segundo reforço (\hat{a}) é o \bar{a} longo das línguas da Europa. Os presentes como o gót. *fara*, gr. *ágō*, *ózō* mostram então uma vogal reforçada, e ele precisa admitir que esses são verbos denominativos. – Em resumo, o dualismo de *e* e *a* é primitivo, e a relação que há entre elas é a entre a vogal simples e a vogal reforçada. Eis a tabela:

Indo-europ.	<i>a</i>	\bar{a}	\hat{a}
(Ário	<i>a</i>	$a\bar{a}$	\bar{a})
Europeu	<i>e</i>	<i>a</i>	\bar{a}
Gótico	<i>i</i>	<i>a</i>	\bar{o}
Grego	<i>e</i>	<i>a o</i>	$\bar{a}\bar{o}$

O debate que Amelung teve sobre esta questão com Leo Meyer no *Journal de Kuhn*^a (XXI e XXII) não trouxe modificações essenciais a

este sistema que foi exposto uma segunda vez de maneira detalhada na *Zeitschrift für deutsches Altertum* XVIII 161 seq.

Brugmann (*Studien* IX 367 seq., K. Z. XXIV 2) traça a existência do *e* como vogal distinta das outras ao período indo-europeu, sem supor com isto que a sua pronúncia fosse originalmente como um *e*; e ele designa o protótipo por a_1 . Junto dessa vogal, o mesmo estudioso

^a*Zeitschrift für vergleichende Sprachforschungen.*

a_1 . Concurrément à cette voyelle, le même savant trouve dans gr. lat. slav. o = lit. got. a = skr. \bar{a} (du moins dans les syllabes ouvertes) un phonème plus fort qu'il appelle a_2 et dont la naissance serait provoquée par l'accent.

D'après cette théorie on dresse assez généralement le tableau suivant, qui cependant n'est certainement pas celui qu'approuverait M. Brugmann lui-même, puisqu'il fait allusion (*Studien* IX 381) à la possibilité d'un plus grand nombre d' a primitifs :

(a)			
Indo-europ.	a_1	a_2	\bar{a}
Europeu	e	a	\bar{a}

On voit qu'en résumé, pour ce qui est des langues de l'Occident, les différents auteurs, quel que soit leur point de vue, opèrent avec trois grandeurs : l' e , l' a et l' \bar{a} des langues européennes. Notre tâche sera de mettre en lumière le fait qu'il s'agit en réalité de quatre termes
 7 différents, et non de trois; || que les idiomes du nord ont laissé se confondre deux phonèmes fondamentalement distincts et encore distingués au sud de l'Europe : a , voyelle simple, opposée à l' e ; et o , voyelle renforcée, qui n'est qu'un e à sa plus haute expression. La dispute entre les partisans du scindement (a primitif affaibli partiellement en e) et ceux du double a originaire (a_1, a_2 devenus e et a), cette dispute, il faut le dire, porte dans le vide, parce qu'on comprend sous le nom d' a des langues d'Europe un agrégat qui n'a point d'unité organique.

Ces quatre espèces d' a que nous allons essayer de retrouver à la base du vocalisme européen, nous les poursuivrons plus haut encore, et nous arriverons à la conclusion qu'ils appartenaient déjà à la langue mère d'où sont sorties les langues de l'Orient et de l'Occident.

encontra no o latino, grego, e eslavo = lituano gótico a = sânscrito \bar{a} (ao menos nas sílabas abertas) um fonema mais forte que chama de a_2 e cujo nascimento seria provocado pelo acento.

Conforme esta teoria traça-se o quadro seguinte, bastante geral, que no entanto não é com certeza o que o Brugmann mesmo aprovaria, pois ele alude (*Studien* IX 381) à possibilidade de um número maior de a primitivos:

(a)			
Indo-europ.	a_1	a_2	\bar{a}
Europeu	e	a	\bar{a}

Vê-se em resumo, quanto às línguas do Ocidente, que os diferentes autores, qualquer que seja o ponto de vista deles, operam com três grandezas: o e , o a e o \bar{a} das línguas europeias. Nossa tarefa será assinalar o fato de que trata-se, na verdade, de quatro termos diferentes, e não de três; || que os idiomas do norte deixaram que se confundissem dois fonemas fundamentalmente diferentes e ainda distintos no sul da Europa: a , vogal simples, oposta ao e ; e o , vogal reforçada, que não é mais que um e na sua mais alta expressão. A disputa entre os partidários da divisão (a primitivo enfraquecido parcialmente em e) e os do a original (a_1 , a_2 que se tornam e e a), esta disputa, cumpre dizer, não leva a nada, porque entende-se com o nome de a das línguas da Europa um agregado que nada tem de unidade orgânica.

Essas quatro espécies de a que nós buscamos encontrar na base do vocalismo europeu, nós as perseguiremos ainda mais, e chegaremos à conclusão de que pertenceram já à língua mãe de onde vieram as línguas do Oriente e do Ocidente.

Les liquides et nasales sonantes.

Avant de commencer une recherche sur l'*a*, il est indispensable de bien déterminer les limites de son domaine, et ici se présente d'emblée la question des liquides et nasales sonantes : car quiconque admet ces phonèmes dans la langue mère considérera une foule de voyelles des périodes historiques de la langue comme récentes et comme étrangères à la question de l'*a*.

L'hypothèse des nasales sonantes a été mise en avant et développée par M. Brugmann, *Studien* IX 287 seq. Dans le même travail (p. 325), l'auteur a touché incidemment le sujet des liquides sonantes, dont la première idée est due, paraît-il, à M. Osthoff.

§1. Liquides sonantes.

Dans la langue mère indo-européenne la liquide ou les liquides, si l'on en admet deux, existaient non seulement à l'état de *consonnes*, mais encore à l'état de *sonantes*, c'est-à-dire qu'elles étaient susceptibles d'accent syllabique, capables de former une syllabe. C'est ce qui a lieu, comme on sait, en temps historique, dans le sanskrit. Tout porte à croire que les liquides sonantes n'ont jamais pris naissance
8 que par un affaiblissement, en raison duquel || l'*a* qui précédait la liquide se trouvait expulsé ; mais cela n'empêche pas, comme nous le verrons, de les placer exactement sur le même rang que *i* et *u*.

Il est certain tout d'abord qu'au *r* indien⁶ correspond presque

⁶Le signe diacritique que nous adoptons pour marquer les liquides et nasales sonantes (*ṛ ṅ ṁ*) a un emploi différent dans les *Grundzüge der Lautphysiologie* de Sievers (p. 89). Aussi avons-nous cherché à l'éviter, mais inutilement : qu'on considère que la désignation ordinaire *r* devenait impossible, puisqu'elle eût entraîné la confusion de la nasale sonante (*ṅ*) avec la nasale cérébrale sanskrite ; que d'autre part la désignation *r* (Sievers, Brugmann) ne saurait être introduite dans la transcription du sanskrit, qu'enfin le caractère *ṛ* a été employé déjà par M. Ascoli précisément avec la valeur du *r*-voyelle, et l'on reconnaîtra que si nous innovons, c'est du moins dans la plus petite mesure possible.

0.1 As líquidas e nasais soantes.

Antes de começar uma pesquisa sobre o *a*, é indispensável determinar bem os limites do seu domínio, e aqui logo se apresenta a questão das líquidas e das nasais soantes: pois quem quer que aceite esses fonemas na língua mãe considerará várias vogais de períodos históricos da língua como recentes e alheios à questão do *a*.

A hipótese das nasais soantes foi proposta e desenvolvida por Brugmann, *Studien* IX 287 seq. No mesmo trabalho (p. 325), o autor trata incidentalmente o assunto das líquidas soantes, cuja primeira ideia se deve, parece, a Osthoff.

0.1.1 §1. Líquidas soantes

Na língua mãe indo-europeia a líquida ou as líquidas, se se admitem duas, existiam não somente no estado de *consoantes*, mas também no estado de *soantes*, quer dizer, que elas eram susceptíveis ao acento silábico, capazes de formar uma sílaba. É isto que acontece, como se sabe, em tempo histórico, no sânscrito. Tudo leva a crer que as líquidas soantes nunca surgiram a não ser por um enfraquecimento, que é a razão para || o *a* que precedia a líquida ser expulso; 8 mas isto não impede, como veremos, de as colocar exatamente no mesmo patamar que *i* e *u*.

Antes de tudo é certo que ao *r* indiano⁷⁷ corresponde, quase cons-

⁷⁷O sinal diacrítico que adotamos para marcar as líquidas e nasais soantes (*r̄ n̄ m̄*) tem um uso diferente nos *Grundzüge der Lautphysiologie* de Sievers (p. 89). Procuramos evitar que assim fosse, mas inutilmente: considera-se que a designação comum *r* seja impossível, pois ela resultaria na confusão da nasal soante (*n̄*) com a nasal cerebral sânscrita; que por outro lado a designação *r* (Sievers, Brugmann) não seria introduzida na transcrição do sânscrito, e que, enfim o carácter *r̄* foi usado já por Ascoli precisamente com o valor do *r* vocálico, e reconhecer-se-á que, se inovamos, fazêmo-lo ao menos na menor medida possível.

constamment en zend un phonème particulier, très-voisin sans doute du *r̥*-voyelle, savoir *ērē* : aussi le *r̥* de la période indo-iranienne ne trouvera plus aujourd'hui de sceptiques bien décidés. – L'ancien perse, il est vrai, n'offre rien de semblable, si ce n'est peut-être *akunavam* = skr. *ākṛṇavam*. En regard du skr. *kṛtá*, du zd. *kērēta*, il montre *karta*, et il n'y a point là d'inexactitude de l'écriture, car la transcription grecque nous donne *αρ*, par exemple dans *ἄρξιφος* = skr. *ṛḡipyá*, zd. *ērēzifya* « faucon »⁷. Les noms qui contiennent *ἄρτα*-

sont moins probants à cause du zend *asha* qui, lui aussi, remonte à **arta* en dépit du skr. *ṛtá*.

En présence de l'accord du zend et du sanskrit, on est forcé d'admettre que le perse a confondu des phonèmes différents à l'origine, et c'est là un des exemples les plus patents de la tendance générale des langues ariennes à la monotonie du vocalisme ; l'iranien en cela rend des points au sanskrit, mais dans le sein de l'iranien même l'ancien perse est allé plus loin que le zend.

En regard du *r̥* des langues ariennes, les langues d'Europe montrent toutes un *r*-consonne (ou *l*-consonne) accompagné d'une voyelle distinctement articulée. Mais cette voyelle est, chez plusieurs d'entre elles, de telle nature, qu'on ne saurait ramener simplement le groupe phonique où elle se trouve à *a + r*, et que tout parle ||
9 au contraire pour qu'elle ne soit qu'un développement anaptyctique survenu postérieurement.

Au *r̥* arien et indo-européen répond :

⁷La forme perse a dû être *arzifya*. Disons tout de suite que le mot existe aussi en grec avec la substitution régulière : d'abord dans l'idiome macédonien, où il a la forme *ἀργίπους* (Hes.) pour laquelle M. Fick (K. Z. XXII 200) a tort de chercher une autre étymologie. A côté d'*ἀργίπους* l'Étymol. Mag. nous a conservé *αίγιπος*· *ἀετὸς ὑπὸ Μακεδόνων* qui est évidemment le même mot, et ceci nous amène avec sûreté au grec *αἰγυπιός*. La disparition du *ρ* a son analogie dans deux autres cas de *r̥*-voyelle : *μαπέειν* de *μάρπτω* et *αἶγλη* = skr. *ṛḡrá*. Pour l'*ι* d'*αἰγυπιός* et d'*αἶγλη* v. ces mots au registre.

tantemente, em avéstico um fonema particular, muito parecido sem dúvida ao *r̥* vocálico, a saber *ar̥a*: também o *r̥* do período indo-iraniano não encontrará mais, hoje em dia, nenhum cético convicto. – O persa antigo, é verdade, não oferece nada parecido, exceto talvez *akunavam* = sânscr. *ákṛṇavam*. Quanto ao sânscr. *kṛtá*, do avést. *kərətā*, mostra *karta*, e aí não há nada de inexato na escrita, pois a transcrição grega nos dá *ar*, por exemplo em *árksip^hos* = sânscr. *r̥jipyá*, avést. *ar̥azifya* “falcão”⁷⁸. Os nomes que contêm *Arta-* são menos convincentes por

causa do avéstico *asha* que, ele mesmo, remonta a **arta* apesar do sânscr. *ṛtá*.

Na presença da concordância entre o avéstico e o sânscrito, somos forçados a admitir que o persa confundiu os fonemas diferentes originalmente, e este é um dos exemplos mais patentes da tendência geral das línguas árias à monotonia do vocalismo; o iraniano nisto está um passo além do sânscrito, mas no seio do iraniano mesmo o persa antigo foi mais longe que o avéstico.

Quanto ao *r̥* das línguas árias, as línguas da Europa mostram todas um *r*-consoante (ou *l*-consoante) acompanhado de uma vogal distintamente articulada. Mas essa vogal é, em várias delas, de tal natureza que não se pode simplesmente fazer remontar o grupo fônico onde ela se encontra a *a+r*, e que tudo sugere, || ao contrário, que ela seja 9 somente um desenvolvimento anaptítico^a surgido posteriormente.

Ao *r̥* ário e indo-europeu corresponde:

⁷⁸A forma persa deve ter sido *ar̥zifya*. Digamos desde já que a palavra existe também em grego com a substituição regular: primeiro no idioma macedônio, onde existe a [gr.] *argípous* (Hes.) sobre que Fick (K. Z. XXII 200) erra em procurar outra etimologia. Junto de *argípous* a Etimologia Magna nos conserva *aigípops: aetòs hupò Makedónōn* que é evidentemente a mesma palavra, e aqui nos guia com segurança ao grego *aigupióis*. O desaparecimento do *r* tem sua analogia em dois outros casos de *r̥* vocálico: *mapéin* de *márptō* et *aíglē* = sânscr. *r̥jrá*. Sobre o *i* de *aigupióis* e de *aíglē* vejamos essas palavras no índice.

^aDe anaptixe, o desenvolvimento de uma vogal entre duas consoantes.

En grec :	En latin :
αρ, αλ ; ρα, λα	or, ul (ol)

Le slave et le lituanien n'ont pas conservé d'indice positif du *r*. On peut dire seulement que cette dernière langue l'a remplacé souvent par *ir, il*.

Nous passons à l'énumération des cas.

1. Syllabe radicale.

L'ordre adopté ici, pour distinguer les différents cas où apparaît *r*, se base sur une classification nouvelle des racines, qui ne pourra être justifiée que plus tard, mais qui ne saurait non plus désorienter le lecteur.

Nous ne nous occuperons que des racines contenant *e*. – Toute racine qui dans les langues d'Europe contient *e*, a la faculté d'expulser cet *e* et de prendre ainsi une forme plus faible, à condition seulement que les combinaisons phoniques ainsi produites puissent se prononcer commodément.

Sont à ranger dans les racines contenant *e* : les racines où se trouvent les diphtongues *ei* et *eu* et qu'on a l'habitude de citer sous leur forme affaiblie, privée d'*e* ; ainsi *kei, sreue, deik, bheugh* (*ki, sru, dik, bhugh*).

L'*i* et l'*u* de ces racines, ainsi que la liquide et la nasale des racines telles que *derk bhendh*, peuvent prendre le nom de *coefficient sonantique*. Ils concourent au vocalisme de la racine. Suivant que l'*e* persiste ou disparaît, leur fonction varie : *r, l, m, n*, de consonnes deviennent sonantes ; *i* et *u* passent de l'état *symphtongue* à l'état *autophongue*.

A) Racines terminées par un coefficient sonantique.

Exemples *kei* (forme faible *ki*) *sreue* (f. fble *sru*) *bher* (f. fble *bhr*) *men* (f.

Em grego: Em latim:
ar, al ; ra, la *or, ul (ol)*

O eslavo e o lituano não conservaram nenhum indício positivo do *r*. Pode-se dizer somente que esta última língua o substituiu frequentemente por *ir, il*.

Passamos à enumeração de casos.

0.1.2 1. Sílabas Radicais

A ordem adotada aqui, para distinguir os diferentes casos onde *r* aparece, baseia-se numa classificação nova de raízes, que não poderá ser justificada agora, mas que também não desorientará o leitor.

Nós nos ocuparemos somente com as raízes contendo *e*. – Toda raiz que nas línguas da Europa contém *e* tem a faculdade de expulsar esse *e* e tomar, assim, uma forma mais fraca, com a condição de que as combinações fônicas assim produzidas possam-se pronunciar comodamente.

Serão listadas entre as raízes contendo *e*: as raízes onde se encontram os ditongos *ei* e *eu* e que tem-se o hábito de citar em sua forma enfraquecida, privada do *e*; tal como *kei, sreue, deik, bheug* (*ki, sru, dik, bhugh*).

O *i* e o *u* dessas raízes, e também a líquida e a nasal de raízes como *derk bhendh*, podem receber o nome de *coeficiente sonântico*. Elas contribuem para o vocalismo da raiz. Conforme o *e* persista ou desapareça, a função dele varia: *r, l, m, n* de consoantes tornam-se soantes; *i* e *u* passam do estado *sintongo* ao estado *autongo*.

A) Raízes terminadas por um coeficiente sonântico.

Exemplos *kei* (forma fraca *ki*) *sreue* (forma fraca *sru*) *bher* (forma fraca

fble *mḡ*).

- B) Racines renfermant un coefficient sonantique suivi d'une consonne.
 Ex. *deik* (f. fble *dik*) *bheugh* (f. fble *bhugh*) *derk* (f. fble *dṛk*) *bhendh* (f. fble *bhṇdh*.) ||
- C) Racines sans coefficient sonantique, terminées par une consonne.
 Ex. *pet* (f. fble *pt*) *sek* (f. fble *sk*) *sed* (f. fble *zd*).

Nous n'avons pas à nous occuper ici des racines *terminées* par *e*, comme, en grec, $\theta\epsilon\ \delta\epsilon\ \acute{\epsilon}$.

Dans la forme faible, selon que le suffixe ajouté commence par une consonne ou par une voyelle, les racines de la classe A seront assimilables à celles de la classe B ou à celles de la classe C.

En effet, dans la classe B, le coefficient sonantique, à l'instant où l'*e* disparaît, prend nécessairement la fonction de voyelle, puisqu'il se trouve entre deux consonnes. C'est là aussi ce qui arrive pour les racines de la classe A, lorsqu'elles prennent un suffixe commençant par une consonne : ainsi *mḡ-to*.

Mais si le suffixe commence par une voyelle, leur coefficient sonantique aura la qualité de consonne, et ces mêmes racines ressembleront de tout point aux racines de la classe C ; ainsi $\acute{\epsilon}\text{-}\pi\lambda\text{-}\acute{o}\text{-}\mu\eta\nu$ comme $\acute{\epsilon}\text{-}\sigma\chi\text{-}o\text{-}v$.

En vue du but spécial que nous nous proposons dans ce chapitre, nous tirons des remarques qui précèdent l'avantage suivant : c'est que nous connaissons le point précis où il faut s'attendre à trouver les liquides sonantes et que nous assistons pour ainsi dire à leur formation ; la comparaison seule d'un *r* indien avec un $\alpha\rho$ grec n'a, en effet, qu'une valeur précaire si l'on ne voit pas comment cet $\alpha\rho$ a pris naissance et s'il y a une probabilité pour que ce soit un *ar* ordinaire. Partout où l'*e* tombe normalement, partout en particulier

bh̄r̄) men (forma fraca *m̄n̄*).

- B) Raízes contendo um coeficiente sonântico seguido de uma consoante.

Ex. *deik* (forma fraca *dik*) *bheugh* (forma fraca *bhugh*) *derk* (forma fraca *d̄rk*) *bhendh* (forma fraca *bh̄ndh.*) ||

10

- C) Raízes sem coeficiente sonântico, terminadas por uma consoante.

Ex. *pet* (forma fraca *pt*) *sek* (forma fraca *sk*) *sed* (forma fraca *zd*).

Nós não nos devemos ocupar aqui das raízes *terminadas* por *e*, como, em grego, *the de e*.

Na forma fraca, conforme o sufixo adicionado comece por uma consoante ou por uma vogal, as raízes da classe A serão assimiláveis àquelas da classe B ou às da classe C.

De fato, na classe B, o coeficiente sonântico, logo que o *e* desaparece, toma necessariamente a função de vogal, pois ele se encontra entre duas consoantes. Isto também é o que acontece nas raízes da classe A, quando elas recebem um sufixo que comece por uma consoante: portanto *m̄n̄-to*.

Mas se o sufixo começa por uma vogal, o seu coeficiente sonântico terá a qualidade de consoante, e essas mesmas raízes se parecerão em tudo com as raízes da classe C; portanto *e-pl-ó-mēn* assim como *é-sk^h-o-n*.

Tendo em vista o propósito especial a que nos propusemos neste capítulo, tiramos das observações precedentes o benefício seguinte: que conhecemos o lugar exato onde é preciso esperar encontrar as líquidas soantes e que estamos presenciando, por assim dizer, a sua formação; a a simples comparação de um *r̄* indiano com um *ar* grego tem somente, de fato, um valor precário se não se vê como esse *ar* surgiu e se há a possibilidade de que ele seja um *ar* normal. Onde quer que o *e* caia normalmente, especialmente onde quer que apareça o *i*

où apparaît l'i ou l'u autophthongue, les liquides sonantes doivent régulièrement exister ou avoir existé, si la position des consonnes les forçait à fonctionner comme voyelles.

a. formations verbales.

Aoriste thématique. On a dit souvent que ce temps coïncidait entièrement, pour ce qui est de la forme, avec l'imparfait de la sixième classe verbale des grammairiens hindous. Reste à savoir si cette sixième formation remonte aux temps indo-européens, comme cela est indubitable pour notre aoriste, mais infiniment moins certain pour le présent.

Quoi qu'il en soit, cet aoriste réclame l'expulsion de l'e – ou de l'a dans les langues ariennes –. En conséquence les racines des classes

11 A et C (v. plus haut) font en grec très régulièrement : ||

πελ: ἐ-πλ-ό-μην

(ἐ)γερ: (ἔ)γρ-ε-το

πετ: ἐ-πτ-ό-μην

σεχ: ἔ-σχ-ο-ν

1 σεπ: ἔ-σπ-ο-ν

2 σεπ: ἐνί-σπ-ε⁸

Les impératifs σχές et ἐνίσπες ont déterminé M. Curtius à admettre dans ces deux aoristes la métathèse de la racine⁹. M. Osthoff,

dans son livre : *Das Verbum in der Nominalcomposition*, p. 340, a déjà déclaré ne pouvoir souscrire à une opinion semblable de l'éminent linguiste relative aux présents comme γίγνομαι, μίμνω, et cela en partant aussi de la conviction que la dégradation de la racine y est

⁸La présence de l's dans les trois derniers exemples atteste l'ancienneté de cette formation. – En ce qui concerne ἐνίσπε on ne peut repousser complètement l'idée qu'il y a là un imparfait dont le présent serait *ἔ-σπ-ω. Cf. ἔ-σχ-ω, πί-πτ-ω et notre note 1, page 12: Il faudrait donc diviser ainsi : ἐν-ί-σπ-ε.

⁹Dans les autres aoristes on aurait la syncope. Verbum II 7.

ou o *u* autotongo, as líquidas soantes devem existir regularmente ou ter existido, se a posição das consoantes os força a funcionar como vogais.

a. Formações Verbais

Aoristo temático. Diz-se frequentemente que este tempo coincidia inteiramente, quanto à forma, com o imperfeito da sexta classe verbal dos gramáticos hindus. Resta saber se esta sexta formação remonta ao tempo indo-europeu, como isto é indubitável para o nosso aoristo, mas infinitamente menos certo para o presente.

De toda forma, este aoristo pede a expulsão do *e* – ou do *a* nas línguas árias –. Consequentemente as raízes das classes A e C (veja mais acima) fazem em grego com grande regularidade: ||

11

pel: *e-pl-ó-mēn*

(*e*)*ger*: (*é*)*gr-e-to*

pet: *e-pt-ó-mēn*

sek^h: *é-sk^h-o-n*

1 *sep*: *é-sp-o-n*

2 *sep*: *ení-sp-e*⁷⁹

Os imperativos *sk^hés* e *eníspes* persuadiram Curtius a admitir nesses aoristos a metátese da raiz⁸⁰. O Osthoff, em seu livro: *Das Verbum*

in der Nominalcomposition, p. 340, já declarou não poder concordar com a opinião similar do eminente linguista quanto aos presentes como [gr.] *gígnomai*, *mímnō*, e isso partindo da convicção de que a gradação da raiz aí é absolutamente normal. Como, além disso, a

⁷⁹A presença do *s* nos três últimos exemplos atesta a antiguidade dessa formação. – No que concerne [gr.] *eníspe* não se pode rejeitar completamente a ideia de que aí haja um imperfeito cujo presente seria **í-sp-ō*. Cf. *í-sk^hō*, *pt-pt-ō* e nossa nota 1, página 12: Ele deveria ser dividido assim: *en-í-sp-e*.

⁸⁰Nos outros aoristos haverá síncope. *Verbum* II 7.

absolument normale. Comment d'ailleurs la métathèse se mettra-t-elle d'accord avec le vocalisme des thèmes $\sigma\chi\epsilon \sigma\chi\omicron$, $\sigma\pi\epsilon \sigma\pi\omicron$? – Ces impératifs ont donc suivi l'analogie de $\theta\acute{\epsilon}\varsigma$, $\acute{\epsilon}\varsigma$.

Chose étonnante, le sanskrit ne forme cet aoriste que sur les racines de la classe B : les formes comme $\acute{\epsilon}\text{-}\pi\tau\text{-}\epsilon\text{-}\tau\omicron$ lui sont étrangères ; la seule trace qu'il en offre peut-être est la 3^e personne du plur. *kránta* qui, à côté de *ákrata* (3^e pl.) a l'air d'être une forme thématique ; qu'on veuille bien comparer plus bas ce qui a trait aux nasales des désinences¹⁰.

En revanche les exemples abondent pour les racines de la forme B : *róhati áruhat*, *várdhati ávr̥dhat* etc. En grec $\phi\epsilon\upsilon\gamma$ fait $\acute{\epsilon}\phi\upsilon\gamma\omicron\nu$, $\sigma\tau\epsilon\iota\chi$ fait $\acute{\epsilon}\sigma\tau\iota\chi\omicron\nu$; de même, et c'est là que nous en voulions venir,

$\delta\acute{\epsilon}\rho\kappa\omicron\mu\alpha\iota$	fait	$\acute{\epsilon}\text{-}\delta\rho\alpha\kappa\text{-}\omicron\text{-}\nu$ (skr. $\acute{a}dṛ\check{\varsigma}am$)
$\pi\acute{\epsilon}\rho\theta\omega$	-	$\acute{\epsilon}\text{-}\pi\rho\alpha\theta\text{-}\omicron\text{-}\nu$
$\pi\acute{\epsilon}\rho\delta\omega$	-	$\acute{\epsilon}\text{-}\pi\alpha\rho\delta\text{-}\omicron\text{-}\nu$
$\tau\acute{\epsilon}\rho\pi\omega$	-	$\tau\alpha\rho\pi\text{-}\acute{\omega}\text{-}\mu\epsilon\theta\alpha$

$\acute{\epsilon}\tau\rho\alpha\pi\omicron\nu$ de $\tau\rho\acute{\epsilon}\pi\omega$ vient aussi d'une forme $\acute{\epsilon}\tau\rho\pi\omicron\nu$, mais ici c'est
12 une liquide *précédant l'e* qui s'est transformée en sonante. ||

Aoriste thématique redoublé. Il n'est pas certain que les aoristes causatifs du sanskrit soient immédiatement comparables aux aoristes grecs redoublés. Mais il existe d'autres aoristes indiens, moins nombreux, qui coïncident exactement avec les formes grecques : ici encore l'a (*e*) est invariablement expulsé.

¹⁰M. Delbrück (*Altind. Verb.*, p. 63) dit bien que *sran* dans *avasran* (R. V. IV 2, 19) contient la voyelle thématique. Mais les preuves positives manquent et Grassmann interprète cette forme d'une manière toute différente (*a-vas-ran*). – *á-gama-t* est d'une autre formation, qui se reproduit en grec dans le dorien $\acute{\epsilon}\text{-}\pi\epsilon\tau\omicron\text{-}\nu$, dans l'attique $\acute{\epsilon}\text{-}\tau\epsilon\mu\omicron\text{-}\nu$. Cet aoriste-là coïncide pour la forme avec l'imparfait de la 1^e classe verbale. C'est l'aoriste non-sigmatique slave : *nesŭ*.

metátese concordará com o vocalismo dos temas *sk^he*, *sk^ho*, *spe*, *spo*?
– Esses imperativos devem ter seguido a analogia de *t^hés*, *hés*.

Surpreendentemente o sânscrito só forma esse aoristo nas raízes da classe B: as formas como [gr.]*é-pt-e-to* são-lhe estranhas; o único vestígio que ele oferece talvez seja a 3ª pessoa do plur. *kránta* que, ao lado de *ákrata* (3ª pl.) parece ser uma forma temática; que queremos comparar melhor mais abaixo quanto às desinências nasais⁸¹.

Ao contrário, abundam exemplos das raízes da forma B: *róhati áruhat*, *várdhati ávrdhat* etc. Em grego *p^heug* faz *ép^hugon*, *steik^h* faz *éstik^hon*; igualmente, é nisto em que queremos chegar,

<i>dérkomai</i>	faz	<i>é-drak-o-n</i> (sânscr. <i>ádrśam</i>)
<i>pért^hō</i>	-	<i>é-prat^h-o-n</i>
<i>pérdō</i>	-	<i>é-pard-o-n</i>
<i>térpō</i>	-	<i>tarp-ō[́]-met^ha</i>

étrapon de *trépō* vem também de uma forma *étrpon*, mas aqui é uma líquida que precede o *e* que se transforma em soante. || 12

Aoristo temático reduplicado. Não há certeza de que os aoristos causativos do sânscrito sejam imediatamente comparáveis aos aoristos gregos reduplicados. Mas há outros aoristos indianos, menos numerosos, que coincidem exatamente com as formas gregas: aqui novamente o *a* (*e*) cai invariavelmente.

⁸¹Delbrück (*Altind. Verb.*, p. 63) bem diz que *sran* em *avasran* (R. V. IV 2, 19) contém a vogal temática. Mas faltam provas positivas e Grassmann interprete essa forma de uma maneira completamente diferente (*a-vas-ran*). – *á-gama-t* é de uma outra formação, que se reproduz em grego no dório *é-peto-n*, no ático *é-temo-n*. Este aoristo coincide quanto à forma com o imperfeito da 1ª classe verbal. É o aoristo não-sigmático eslavo: *nesŭ*.

Racines des formes A et C :

skr.	sać:	á-sa-ćć-a-t ¹¹	gr.	σεπ:	έ-σπ-έ-σθαι
	pat:	á-pa-pt-a-t		κελ:	έ-κέ-κλ-ε- το
				φεν:	έ-πε-φν- ον
				τεμ:	έ-τε-τμ-ον

Racines de la forme B, avec *i*, *u* pour coefficient sonantique :

skr.	tveš:	á-ti-tviš-a-nta	gr.	πειθ:	πε-πιθ-έ-σθαι
				πευθ:	πε-πυθ-έ- σθαι

Et enfin avec une liquide pour coefficient sonantique :

skr.	darh:	á-da-dṛh-a-nta	gr.	τερπ:	τε-τάρπ-ε-το
------	-------	----------------	-----	-------	--------------

M. Delbrück range une partie de ces formes indiennes dans le plus-que-parfait ; mais si l'on peut accéder sans réserves à sa manière de voir pour les formes *sans voyelle thématique* comme *aśabhartana*, on n'en sera que plus enclin à placer les premières sous la rubrique aoriste.

¹¹On dira qu'*ásaćat* est imparfait (présent *sáćati*) ; sans doute, mais il n'y a pas de limite fixe entre les deux temps. Les aoristes redoublés sont les imparfaits d'une classe verbale que la grammaire hindoue a oubliée et dans laquelle rentreraient, avec *sáćati*, le skr. *sídati*, le part. *píbdamāna*, le gr. πίπτω, γίγνομαι, μίμνω, μέμβλεται etc.

Raízes de formas A e C:

sânschr.	sac:	á-sa-śc-a-t ⁸²	gr.	sep:	he-sp-é-st ^h ai
	pat:	á-pa-pt-a-t		kel:	e-ké-kl-e-to
				p ^h en:	é-pe-p ^h n- on
				tem:	é-te-tm-on

Raízes da forma B, com *i*, *u* como coeficiente sonântico:

sânschr.	tveṣ:	á-ti-tviṣ-a-nta	gr.	peit ^h :	pe-pit ^h -é-st ^h ai
				peut ^h :	pe-put ^h -é- st ^h ai

E enfim com uma líquida como coeficiente sonântico:

sânschr.	darh:	á-da-dṛh-a-nta	gr.	terp:	te-tárp-e-to
----------	-------	----------------	-----	-------	--------------

Delbrück põe uma parte dessas formas indianas no mais-que-perfeito; mas se se pode subscrever sem reservas a esta maneira de ver para as formas *sem vogal temática* como *ajabhartana*, estaremos ainda mais inclinados a pôr as primeiras sob a rubrica de aoristo.

⁸²Dir-se-ia que *ásaścat* é imperfeito (presente *sáscati*); sem dúvida, mas não há limite fixo entre os dois tempos. Os aoristos reduplicados são os imperfeitos de uma classe verbal que a gramática hindu esqueceu e em que retornaria, com *sáscati*, o sânschr. *sídati*, o particípio *píbdamāna*, o grego *píptō*, *gígnomai*, *mímnō*, *mémbletai* etc.

Parfait. Le parfait indo-européen affaiblissait la racine au pluriel et au duel de l'actif, et dans tout le moyen. Voy. en particulier Brugmann, *Stud.* IX 314. Ce mode de formation s'est conservé intact dans les langues ariennes.

Racines des formes A et C :

skr. *sar:* *sa-sr-ús* *pat:* *pa-pt-ús*

Devant les suffixes commençant par une consonne, certaines racines en *r* n'admettent pas l'*i* de liaison, et l'on a alors un *r̥* comme dans *ca-kṛ-má*. Ce même *i* de liaison permet, chez les racines de la 13 classe C, des formes telles que *pa-pt-imá*¹². ||

En arrivant aux racines de la forme B nous pouvons tout de suite mettre le gotique en regard de l'indien :

bhaugh: skr. *bu-bhuḡ-imá* got. *bug-um*

et avec *r̥* :

vart: skr. *va-vṛt-imá* got. *vaurþ-um*

¹²M. Brugmann (*Studien* IX 386) éprouve une certaine hésitation à attribuer aux périodes les plus anciennes des formes comme *paptimá*, et croit plutôt qu'elles doivent le jour à l'analogie de *ca-kr-* etc. Au fond la question reviendrait à cette autre, de savoir si la voyelle de liaison existait déjà dans la langue mère, auquel cas *pat* faisait nécessairement *pa-pt-* au parfait pluriel. Or lu des formes germaniques (*bundum*, *bunduts*) s'accorderait bien avec cette hypothèse, et l' α du grec $\gamma\epsilon\gamma\acute{\iota}\theta\alpha\mu\epsilon\nu$ n'y répugne pas, bien qu'il s'explique plus probablement par la contamination du singulier $\gamma\epsilon\gamma\acute{\iota}\theta\alpha$ et de la 3^e p. du plur. $\gamma\epsilon\gamma\acute{\iota}\theta\alpha\sigma\iota$; qu'on compare enfin le latin *-imus* dans *tulimus*. – Dans cette question il faut considérer aussi les parfaits indiens comme *sedimá*, gotiques tels que *sētum*, et latins tels que *sēdimus* qui sont reconnus pour contenir la racine redoublée et dénuée de voyelle. Ainsi *sedimá* = **sa-zd-imá*. Il va sans dire que la même analyse phonétique ne serait pas applicable à chacune de ces formes: la formation s'est généralisée par analogie.

Perfeito. O perfeito indo-europeu enfraquecia a raiz no plural e no dual da voz ativa, e em toda a voz média. Veja-se em particular Brugmann, *Stud.* IX 314. Essa formação se conserva intacta nas línguas árias.

Raízes de formas A e C :

sânschr. *sar:* *sa-sr-ús* *pat:* *pa-pt-ús*

Diante de sufixos que começam por consoante, algumas raízes em *r* não aceitam o *i* de ligação, e tem-se então um *r* como em *ca-kr-má*. Esse mesmo *i* de ligação permite, nas raízes da classe C, formas como *pa-pt-imá*⁸³. ||

13

Chegando às raízes da forma B podemos logo comparar o gótico com o indiano:

bhaugh : sânschr. *bu-bhuj-imá* got. *bug-um*

e com *r* :

vart: sânschr. *va-vr̥t-imá* got. *vaurþ-um*

⁸³Brugmann (*Studien* IX 386) sente uma certa hesitação de atribuir aos períodos mais antigos formas como *paptimá*, e crê ao contrário que elas devam seu nascimento à analogia de *ca-kr-* etc. No fundo da questão retornaria ainda outra, a saber se a vogal de ligação existia já na língua mãe, caso em que *pat* fazia necessariamente *pa-pt-* no perfeito plural. Ora o *u* das formas germânicas (*bundum*, *bunduts*) concordaria bem com essa hipótese, e o *a* do grego *gegét^hamen* não é contrário, ainda que ele se explique mais provavelmente pela contaminação do singular *gegét^ha* e da 3ª p. do plur *gegét^hasi* ; compara-se enfim o latim *-imus* em *tulimus*. – Nesta questão é preciso considerar também os perfeitos indianos como *sedimá*, góticos tal como *sētum*, e latinos tal como *sēdimus* que são conhecidos por conter a raiz reduplicada e desprovida de vogal. Assim *sedimá* = **sa-zd-imá*. Nem é preciso dizer que a mesma análise fonética não será aplicável a cada uma das formas: a formação se generalizou por analogia.

Cf. got. *baug* = *bubhóga*, *varþ* = *vavárta*.

En grec la forme du singulier a peu à peu empiété sur celle du pluriel ; dans les quelques restes de la formation primitive du pluriel actif (Curtius, *Verb.* II 169) nous trouvons encore ἐπέπιθμεν en regard de πέποιθα, ἔϊκτον en regard de ἔοικα, mais le hasard veut qu'aucun cas de *r* n'ait subsisté¹³. Le moyen du moins s'est mieux conservé :

Racines de la forme A :

σπερ:	ἔ-σπαρ-ται
δερ:	δε-δαρ-μένος
φθερ:	ἔ-φθαρ-μαι, cf. ἔ-φθορ-α
μερ:	εἴ-μαρ-ται, e ἔ-μβρα-ται Hes. – cf. ἔ-μμορ-α
περ:	πε-παρ-μένος
στελ:	ἔ-σταλ-μαι

Il est superflu de faire remarquer encore ici que ἔ-φθαρ-μαι est à φθερ ce que ἔ-σσυ-μαι est à σευ.

Les langues italiques ont trop uniformisé la flexion verbale pour qu'on puisse s'attendre à retrouver chez elles l'alternance des formes faibles et des formes fortes. Mais il est fort possible que les doublets comme *verto* – *vorto* proviennent de cette source. On ne doit pas attacher beaucoup d'importance à *pepuli* de *pello*, *perculi* de *percello* ; il y a peut-être là le même affaiblissement de la voyelle radicale que dans *detineo*, *colligo*, avec cette différence que l'influence du *l* aurait déterminé la teinte *u* au lieu d'*i*.

L'ombrien possède, en regard de l'impératif *kuvertu*, le futur antérieur *vurtus* – prononcé sans doute *vortus* – formé sur le thème faible du parfait. Sur les tables en écriture latine on a *covertu* et *covortus*.

¹³τέ-τλᾶ-μεν vient de la rac. τλᾶ comme ἔστᾶμεν de στᾶ ; son λα ne remonte pas à une liquide sonante.

Cf. gót. *baug* = *bubhója*, *varþ* = *vavárta*.

Em grego a forma do singular avançou pouco a pouco sobre a do plural; nos poucos vestígios da formação primitiva do plural ativo (Curtius, *Verb.* II 169) ainda encontramos *epépit^hmen* junto de *pépoit^ha*, *éikton* junto de *éoika*, mas a sorte quer que nenhum caso de *r* tenha subsistido⁸⁴. A voz média ao menos foi melhor conservada:

Raízes da forma A :

<i>sper:</i>	<i>é-spar-tai</i>
<i>der:</i>	<i>de-dar-ménos</i>
<i>p^ht^her:</i>	<i>é-p^ht^har-mai</i> , cf. <i>é-p^ht^hor-a</i>
<i>mer:</i>	<i>heí-mar-tai</i> , e <i>é-mbra-tai</i> Hes. – cf. <i>é-mmor-a</i>
<i>per:</i>	<i>pe-par-ménos</i>
<i>stel:</i>	<i>é-stal-mai</i>

É supérfluo notar aqui novamente que *é-p^ht^har-mai* está para *p^ht^her* assim como *é-ssu-mai* está para *seu*.

As línguas itálicas uniformizaram muito a flexão verbal para que se pudesse tentar recuperar nelas a alternância das formas fracas e das formas fortes. Mas é bem possível que os pares como *verto* – *vorto* provenham dessa origem. Não se deve dar muita importância a *pepuli* de *pello*, *perculi* de *percello*; Aí há talvez o mesmo enfraquecimento da vogal radical que em *detineo*, *colligo*, com a diferença de que a influência do *l* determinasse a cor *u* no lugar de *i*.

O úmbrio tem, junto do imperativo *kuvertu*, o futuro do pretérito *vurtus* – pronunciado sem dúvida *vortus* – formado com o tema fraco do perfeito. Nas tábuas em escrita latina há *covertu* e *covortus*. Se se

⁸⁴*té-tlā-men* vem da raiz *tlā* como *héstāmen* de *stā*; seu *la* não remonta a uma líquida soante.

- 14 Si l'on était certain que *covortuso* fût || un parfait (v. Bréal, *Tables Eugubines*, p. 361), cette forme serait précieuse. Seulement il ne faut pas perdre de vue que sur sol italique *vort-* représente aussi bien *va₂rt-* que *vṛt-*, en sorte que toutes ces formes ont peut-être pour point de départ le singulier du parfait, non pas le pluriel ; elles n'en restent pas moins remarquables. Autre exemple : *persnimu*, *pepurkurent*.

Présent. Dans la 2^e et la 3^e classe verbale, au présent et à l'imparfait, la racine ne conserve sa forme normale qu'aux trois personnes du singulier de l'actif ; le duel, le pluriel et tout le moyen demandent l'expulsion de l'*a* : ainsi, en sanskrit, pour ne citer que des racines de la forme A :

<i>e</i>	fait	<i>i-más</i>
<i>ho</i>	-	<i>ḡu-hu-más</i>
<i>kar</i>	-	<i>kṛ-thás</i> (véd.)
<i>par</i>	-	<i>pi-pṛ-más</i>

En grec *πίμ-πλα-μεν* correspond exactement à *pi-pṛ-más*; cette forme, en effet, n'appartient point à une racine *πλᾱ* qui serait la métathèse de *πελ*, autrement les Doriens diraient *πίμπλᾱμι*. L'η panhellène indique au contraire que *πίμπλημι* est une transformation récente de **πίμπελμι* = skr. *píparmi*¹⁴.

La racine *φερ* prend la forme *πι-φρα-* (dans *πιφράναι*) qui est égale au skr. *bi-bhṛ-* (*bibhṛmás*). Les traces nombreuses de l'ε, par exemple dans *φρές* (Curtius, *Stud.* VIII 328 seq.), nous garantissent que la racine était bien *φερ*, non *φρᾱ*.

¹⁴Il existe, il est vrai, des formes comme *πλᾱθος* (v. Joh. Schmidt, *Vocal.* II 321), mais celles qui se trouvent chez les tragiques attiques sont, suivant Ahrens, des dorismes de mauvais aloi, et celles des inscriptions peuvent provenir, comme les formes éléennes bien connues, d'un passage secondaire d'*ā* à *a*. On pourrait du reste admettre que *πλᾱ* existait parallèlement à *πελ*. Cf. récemment Schrader, *Studien* X 324.

tivesse certeza de que *covortuso* fosse || um perfeito (v. Bréal, *Tables Eugubines*, p. 361), essa forma seria preciosa. Não se pode perder de vista, somente, que em solo itálico *vort-* representa tanto *va₂rt-* quanto *vřt*, e assim todas essas formas talvez venham do singular do perfeito, e não do plural; elas não deixam de ser notáveis. Outro exemplo: *persnimu*, *pepurkurent*.

Presente. Na 2ª e na 3ª classe verbal, no presente e no imperfeito, a raiz só conserva a sua forma normal nas três pessoas do singular da voz ativa; o dual, o plural e toda a voz média exigem a expulsão do *a*: assim, em sânscrito, para citar somente raízes da forma A:

<i>e</i>	faz	<i>i-más</i>
<i>ho</i>	-	<i>ju-hu-más</i>
<i>kar</i>	-	<i>kř-thás</i> (véd.)
<i>par</i>	-	<i>pi-př-más</i>

Em grego *pím-pla-men* corresponde exatamente a *pi-př-más*; essa forma, de fato, não pertence a uma raiz *plā* que seria a metátese de *pel*, pois se não os Dórios diriam *pímplāmi*. O *ē* pan-helênico indica, ao contrário, que *pímplēmi* é uma transformação recente de **pímpelmi* = sânscr. *píparmi*⁸⁵.

A raiz ^[gr.]*p^her* assume a forma *pi-p^hra-* (em *pip^hránai*) que é igual ao sânscr. *bi-bhř-* (*bibhřmás*). Os vestígios numerosos do ^[gr.]*e*, por exemplo em *p^hrés* (Curtius, *Stud.* VIII 328 seq.), garantem-nos que a raiz era *p^her*, e não *p^hrā*.

⁸⁵Existem, é verdade, formas como *plā^hos* (v. Joh. Schmidt, *Vocal.* II 321), mas aquelas que se encontram nos trágicos áticos são, segundo Ahrens, dorismos de má qualidade, e aquelas inscrições podem provir, como as formas da Élide bem conhecidas, de uma passagem secundária de *ā* a *a*. Pode-se além disso admitir que *plā* existisse paralelamente a *pel*. Cf. recentemente Schrader, *Studien* X 324.

Les autres formations du présent n'offrant dans les langues d'Europe que des traces incertaines de *r*, il n'y aurait pas grand avantage à les passer en revue. Rappelons seulement le latin *po(r)sco* identique à l'indien *pr̥c̥hāmi*. Si la racine est bien *prak*, le *r* est né ici de la même manière que dans ἔτραπον de τρέπω. Pour comparer ces deux présents, il faut partir de l'idée que *posco* est bien le descendant direct de la forme indo-européenne, exempt de toute contamination venant des autres formes verbales, et une telle supposition aura toujours quelque chose de périlleux, étant donnée l'habitude des dialectes italiques de passer le niveau sur le vocalisme de la racine et de propager une seule et même forme à travers toute la flexion.

15 Mais, dans le cas de || *posco*, c'est sans doute précisément la forme du présent qu'on a généralisée de la sorte. – Avec les mêmes réserves, on peut rapprocher *horreo* et *torreo*, ce dernier dans le sens intransitif seulement, des présents indiens *h̥ṣyati* et *t̥ṣyati*¹⁵; ces deux raci-

nes montrent l'*e* dans les formes grecques non affaiblies : χέρσος, τέρσομαι.

b. formations nominales.

Dans les langues ariennes, le participe passé passif en -*tá* rejette régulièrement l'*a* radical, si cela est possible, c'est-à-dire si la racine est de la forme A ou B (page 9). Ainsi en sanskrit *yo* donne *yu-tá*, en zend *dar* donne *d̥r̥-ta*, etc. À la dernière forme citée correspond exactement le grec *δαρ-τό* ou *δρα-τό* de *δέρω*, et l'on a de même *σπαρτός* de *σπερ*, *καρτός* de *κερ*, (*πάμ-*)*φθαρτος* de *φθερ*.

Dans *φερτός*, dans *ἄ-δερκτος* et dans les autres adjectifs semblables, il faut voir des formations récentes. C'est ainsi, pour ne citer que cet exemple entre cent, qu'à côté de l'ancien *πύσ-τι-ς* = skr. *buddhi*, nous voyons apparaître *πεῦσις*, formé à nouveau sur l'analogie de

¹⁵*Mémoires de la Soc. de Linguistique* III 283.

As outras formações do presente não oferecendo, nas línguas da Europa, nada além de traços incertos do *r*, não há grande vantagem de as analisar. Lembramos somente o latim *po(r)sco* idêntico ao indiano *pr̥cchāmi*. Se a raiz é *prak*, o *r* nasceu aí da mesma forma que ^[gr.]*étrapon* de *trépō*. Para comparar esses dois presentes, deve-se partir da ideia de que *posco* é o descendente direto da forma indoeuropeia, livre de qualquer contaminação das outras formas verbais, e esta suposição será hoje algo perigosa, dado o hábito dos dialetos itálicos de nivelar o vocalismo da raiz e de propagar uma só forma através da flexão inteira. Além do mais, no caso de || *posco*, é sem 15 dúvida exatamente a forma do presente que fez essa generalização. – Com as mesmas reservas podem-se comparar *horreo* et *torreo*, este último somente no sentido intransitivo, aos presentes indianos *h̥ṛsyati* e *t̥ṛsyati*⁸⁶; essas duas raízes apresentam o *e* nas formas gregas não enfraquecidas: ^[gr.]*k^hérsos*, *térsomai*.

b. Formações Nominais

Nas línguas árias, o particípio passado passivo em -*tá* expulsa regularmente o *a* radical, se isto é possível, isto é, se a raiz é da forma A ou B (página 9). Assim em sânscrito *yo dá yu-tá*, em avéstico *dar dá dārata*, etc. A última forma citada corresponde exatamente ao grego *dar-tó* ou *dra-tó* de *dérō*, e tem-se até *spartós* de *sper*, *kartós* de *ker*, (*pám-*)*p^ht^hartos p^ht^her*.

Em ^[gr.]*p^hertós*, em *á-derktos* e nos outros adjetivos parecidos, devem-se ver formações recentes. É assim, para citar só este exemplo dentre cem, que junto do antigo ^[gr.]*pús-ti-s* = sânscr. *buddhi*, vemos aparecer *peūsis*, formado de novo por analogia de *peút^homai*.

⁸⁶*Mémoires de la Soc. de Linguistique* III 283.

πεύθομαι.

La racine de σπάρτον (câble) est σπερ, comme on le voit par σπεῖρα.

βλαστός = skr. *vṛddhá* montre aussi un λα fort régulier ; mais comme ce participe a perdu son présent, notre principal moyen de contrôle, savoir l'ε des formes congénères, nous fait ici défaut.

Le latin a *pulsus* de *pello*, *vulsus* de *vello*, *perculsus* de *per-cello*, *sepultus* de *sepelio*.

M. Fick identifie *curtus* – qui paraît être sorti de **cortus* – au grec καρτός.

pro-cul rappelle vivement l'indien *vi-pra-kṛṣ-ṭa* (éloigné), *pra-kṛṣ-ṭa* (long, grand, en parlant d'une distance) ; il faudrait alors la ramener à un cas du thème **proculsto*¹⁶. *recello* et *procello* ont d'ailleurs un sens

voisin de celui du skr. *karṣ*, mais comme *verro* s'en approche encore davantage, toute cette combinaison est sujette à caution.

On a comparé l'ancien mot *forctus* (Corssen, *Ausspr.* I² 101) au skr. 16 *dṛḍhá* de *darh*. ||

L'étymologie *porta a portando* étant difficile à accepter, *porta* doit être un participe de la racine *per* (d'où gr. πείρω, διαμπέρες), et il équivaudrait à une forme grecque **παρτή*.

Le gotique a les participes *þaurft(a)-s*, *daurst(a)-s*, *faurht(a)-s*, *handu-vaurht(a)-s*, *skuld(a)-s*.

L'adjonction du suffixe *-ti* nécessite également l'expulsion de l'*a* (*e*) radical. Nous ne citons que les cas où cette loi a donné naissance au *r* :

Les exemples abondent dans les langues d'Asie : skr. *bhṛ-tí*, zend *bṛē-ti* de la racine *bhar*, et ainsi de suite.

Le grec a κάρ-σις de κερ. Hésychius donne : ἀγαρρίς ἄθροισις (l'accent paraît être corrompu) qui doit remonter à **ἄγαρσι-ς* de

¹⁶Ou au comparatif neutre **proculstis*, **proculsts*?

A raiz de [gr.]*spárton* (cabo) é *sper*, como visto em *speira*.

[gr.]*blastós* = sânscr. *vṛddhá* exhibe também um *la* bem regular; mas como este particípio perdeu seu presente, nosso principal meio de controle, saber o *e* das formas congêneres, é algo que nos escapa.

O latim tem *pulsus* de *pello*, *vulsus* de *vello*, *perculsus* de *per-cello*, *sepultus* de *sepelio*.

Fick identifica *curtus* – que parece vir de **cortus* – com o grego *kartós*.

pro-cul lembra muito o indiano *vi-pra-kṛṣ-ṭa* (distante), *pra-kṛṣ-ṭa* (longo, grande, falando de uma distância) ; seria preciso agora reduzi-la a um caso do tema **proculsto*⁸⁷. *recello* e *procello* têm, além

disso, um sentido vizinho do sentido do sânscr. *karṣ*, mas como *verro* aproxima-se ainda mais dela, a combinação é questionável.

Comparou-se a palavra antiga *fortus* (Corssen, *Ausspr.* I² 101) ao sânscr. *ḍṛḍhá* de *darh*. ||

16

Sendo a etimologia *porta a portando* difícil de aceitar, *porta* deve ser um particípio da raiz *per* (donde gr. *peírō*, *diampéres*), e equivaleria a uma forma grega **parté*.

O gótico tem os particípios *þaurft(a)-s*, *daurst(a)-s*, *faurht(a)-s*, *handu-vaurht(a)-s*, *skuld(a)-s*.

A união do sufixo *-ti* precisa igualmente da expulsão do *a* (*e*) radical. Citamos apenas os casos onde esta lei faz surgir o *ṛ*:

Abundam exemplos nas línguas da Ásia: sânscr. *bhṛ-tí*, avéstico *bərə-ti* da raiz *bhar*, e assim por diante.

O grego tem *kár-sis* de *ker*. Hesíquio traz: *agarrís át^hroisis* (o acento parece estar corrompido) que deve remontar a **ágarsi-s* de *ageírō*. –

⁸⁷Ou ao comparativo neutro **proculstis*, **proculsts*?

ἀγείρω. – στάλ-σις de στελ est d'une époque tardive.

Le gotique forme sur *bairan* : *ga-baurþ(i)-s*, sur *tairan* : *ga-taurþ(i)-s* ; de même *þaurft(i)-s*, *fra-vaurht(i)-s*.

Le latin *fors* (thème *for-ti-*) de *fero* coïncide avec le skr. *bhṛtí*. – *mors* est l'équivalent du skr. *mṛti*, seulement le présent *morior* et le grec βροτός montrent que l'o est répandu par toute la racine et recommandent donc la prudence.

sors, pour **sorti-s*, paraît être sorti de la même racine *ser* qui a donné *exsero*, *desero*, *praesertim*¹⁷. Le mot serait donc à l'origine sim-

plement synonyme d'*exsertum*.

Si les adverbes en *-tim* dérivent, comme on le pense, de thèmes nominaux en *-ti*, il faut citer ici l'ombrien *trah-vorfi* = *transversim* ; cf. *covertu*.

Le suffixe -ú demande, dans la règle, l'affaiblissement de la racine. En dehors des langues ariennes, le *r* ainsi produit se reflète encore fidèlement dans l'adjectif gotique :

þaursus (rac. *þers*) = skr. *tṛṣú*

Nous insistons moins sur les adjectifs grecs :

βραδύς = skr. *mṛdú*¹⁸

17 πλατύς = skr. *pṛthú* ||

Le lituanien *platùs* donnerait à croire que le λα de πλατύς est originaire, car dans cette langue on attendrait *il* comme continuation du *r*. En tous cas on aimerait trouver parallèlement à πλατύς, βραδύς des formes contenant l'*e*¹⁹.

¹⁷Toute différente est la racine de *con-sero*, *as-sero* qui signifie *attacher*. Le *sero* dont nous parlons est le skr. *sáрати, síсarti* « couler, avancer » : composé avec la préposition *pra* il a aussi le sens transitif et donne le védique *prá bháva sisarti* (R. V. II 38, 2) « il étend les bras », exactement le grec χειρας *ιάλλειν* (= *σι-σαλ-γειν, σι-σλ-γειν*). Le verbe *insero* peut appartenir à l'une ou à l'autre des deux racines en question.

¹⁸A côté de βραδύς on a avec *l* : ἀβλαδέως ἡδέως Hes., ce qui rend bien vraisemblable l'ancienne étymologie du latin *mollis* comme étant pour **moldvis*.

¹⁹πλέθρον, πέλεθρον seraient-ils par hasard ces parents de πλατύς où nous trouverions l'*e* ?

stál-sis de *stel* é de uma época tardia.

O gótico forma de *bairan* : *ga-baurþ(i)-s*, de *tairan* : *ga-taurþ(i)-s* ; também *þaurft(i)-s*, *fra-vaurht(i)-s*.

O latim *fors* (tema *for-ti-*) de *fero* coincide com o sânscr. *bḥṛtí*. – *mors* o é equívante do sânscr. *mṛti*, mas o presente *mорий* e o grego *brotós* mostram que o *o* prevalece por toda a raiz, e recomendando então prudência.

sors, por **sorti-s*, parece ter vindo da mesma raiz *ser* que deu *exsero*, *desero*, *praesertim*⁸⁸. A palavra seria então originalmente só um

sinônimo de *exsertum*.

Se os advérbios em *-tim* derivam, como se supõe, de temas nominais em *-ti*, deve-se citar aqui o úmbrio *trah-vorfi* = *transversim* ; cf. *covertu*.

O sufixo *-ú* exige, via de regra, o enfraquecimento da raiz. Sem as línguas árias, o *r* assim produzido se reflete ainda fielmente no adjetivo gótico:

þaurus (raiz *þers*) = sânscr. *tṛṣú*

Insistimos menos nos adjetivos gregos:

bradús = sânscr. *mṛdú*⁸⁹

platús = sânscr. *pṛthú* ||

17

O lituano *platùs* sugeriria que o *la* de *platús* é original, pois nessa língua esperar-se-ia o *il* como continuação do *r*. Em todo caso seria desejável encontrar, paralelamente a *platús*, *bradús*, formas que contivessem o *e*⁹⁰.

⁸⁸Completamente diferente é a raiz de *con-sero*, *as-sero* que significa *amarrar*. O *sero* de que falamos é o sânscr. *sáрати, síсати* “fluir, avançar”: composto com a preposição *pra* ele tem também o sentido transitivo e dá o védico *prá bāháva sisarti* (R.V. II 38, 2) “ele estende os braços”, exatamente o grego *k^heiras iálllein* (= *si-sal-yein, si-sl-yein*). O verbo *insero* pode pertencer a uma ou outra das duas raízes em questão

⁸⁹Junto de *bradús* tem-se com *l* : *abladéōs hēdéōs* Hes., o que torna bem verossímil a etimologia antiga do latim *mollis* como vindo de **moldvis*.

⁹⁰[gr.] *plét^hron, pélet^hron* serão estes por acaso parentes de *platús* onde encontraríamos o *e* ?

Lorsque les racines des classes A et B (page 9) sont employées sans suffixe comme thèmes nominaux, elles expulsent leur *a* (en Europe leur *e*). Sous cette forme elles servent fréquemment en composition :

skr. *bhed* : *pūr-bhíd* *darç* : *saṃ-dṛç*

Tel est, en grec, l'adverbe ὑπό-δρα(κ) de δερκ. Cf. pour la fonction comme pour la forme le skr. *ā-ṛṣk* « mixtim ».

Voici enfin quelques mots, de différentes formations, qui renferment un *r* :

Skr. *hṛd* « cœur » = lat. *cord-*. Le grec καρδία, καρδίη se place à côté de la forme indienne *hṛdī*. – Le got. *hairto*, le grec κῆρ (= κερδ ? Curtius, Grdz. 142) offrent une forme non affaiblie de la racine.

Skr. *ṛkṣa* « ours » = gr. ἄρκτος = lat. *ursus* (**orcsus*).

Le lat. *cornua* au pluriel répond peut-être exactement au védique *ṛṅgā* ; il serait donc pour **corṅua*. Dans cette hypothèse le singulier ne serait pas primitif. Le got. *haurn*, dans la même supposition, remonterait à **haurṅ*, et la flexion se serait dirigée d'après la forme du nom. -accus. où la gutturale devait facilement tomber²⁰.

Le rapprochement du grec τράπελος avec le skr. *ṭṛpṛá*, *ṭṛpála* (Fick, W. I³ 96) demeure très incertain.

κάρχαρος « hérissé » (cf. κάρκαρος) fait penser au skr. *kṛcchrá* « âpre, pénible etc. ».

Le lat. *furnus* « four » sort de *fornus* = skr. *ghṛṇá* « ardeur ».

κελαινός « noir », ramené à *(ε)λασνγο-ς, devient le proche parent du skr. *kṛṣṇá* (même sens)²¹.

λαυκάνη « gosier » est pour *σλακφαν-ίη, amplification du thème *sṛkvan*, qui signifie en sanskrit *coin de la bouche* ; le thème parent
18 || *srákva* a suivant Böhtlingk et Roth le sens général de *bouche*,

²⁰Le capricorne, ce coléoptère à grandes antennes, qui s'appelle en grec κεράμβυξ, nous a peut-être conservé la trace d'un ancien thème *κ(ε)ραμβο- = *ṛṅga*.

²¹Ce qui rend suspecte la parenté de κελαινός avec κηλίσ, c'est l'a du dorien κάλις et du lat. *cāligo*.

Quando as raízes das classes A e B (página 9) são usadas sem sufixo como temas nominais, elas expõem o *a* (na Europa o *e*). Sob esta forma elas servem amiúde em compostos:

sânsr. *bhed* : *pūr-bhíd* *darś* : *saṃ-dṛś*

Assim é, em grego, o advérbio *hupó-dra(k)* de *derk*. Cf. tanto quanto à função como à forma o sânsr. *ā-pṛk* “mixtim”.

Eis enfim algumas palavras, de diferentes formações, que possuem um *r* :

sânsr. *hṛd* “coração” = lat. *cord-*. O grego *kardía*, *krādīē* está ao lado da forma indiana *hṛdī*. – O gót. *hairto*, o grego *kēr* (= *kerd*? Curtius, Grdz. 142) oferecem uma forma não enfraquecida da raiz.

sânsr. *ṛkṣa* “urso” = gr. *árktos* = lat. *ursus* (**orcsus*).

O lat. *cornua* no plural talvez responda exatamente ao védico *śṛṅgā*; ele seria então de **cornūa*. Nesta hipótese o singular não seria primitivo. O gót. *haurn*, na mesma suposição, remontaria a **haurīg*, e a flexão ter-se-ia norteadado pela forma do nom.-acus. onde a gutural cairia facilmente⁹¹.

A aproximação do grego *trápelos* com o sânsr. *tṛpṛá*, *tṛpála* (Fick, W. I³ 96) permanece muito incerta.

kárkharos “espetado” (cf. *kárkaros*) faz pensar no sânsr. *kṛcchrá* “áspero, doloroso etc.”.

O lat. *furnus* “forno” vem de *fornus* = sânsr. *ghṛṇá* “ardor”.

[gr.]*kelainós* “escuro”, vindo de **k(e)lasnyo-s*, torna-se o parente próximo do sânsr. *kṛṣṇá* (de mesmo sentido)⁹².

[gr.]*laukǎniē* “garganta” vem de **slakwan-iē*, extensão do tema *śṛkvan*, que significa em sânscrito *canto da boca*; o tema aparentado || *srákva* tem, segundo Böhtlingk e Roth, o sentido geral de *boca*, *gar-* 18

⁹¹O capricórnio, este coleóptero de grandes antenas, que se chama em grego *kerámбуks*, conservou-nos talvez a pista de um antigo tema **k(e)rambo-* = *śṛṅga*.

⁹²O que torna suspeito o parentesco de *kelainós* com *kēlís*, é o *a* do dório *kālís* e do lat. *cāligo*.

gueule.²² L'épenthèse de l'u dans le mot grec a des analogies sur

lesquelles nous aurons l'occasion de revenir. Chez des auteurs post-homériques on trouve aussi λευκανίη.

ε-ύλακα (lacon.) « charrue », α-ύλακ-ς « sillon » répondent, d'après l'étymologie de M. Fick, au védique *vṛka* « charrue ».

Le lat. *morbus* est sans doute parent du skr. *mṛdh* « objet hostile, ennemi », mais la différence des thèmes ne permet pas d'affirmer que l'or du mot latin soit sorti de *r*.

ταρτημόριον· τὸ τριτημόριον Hes. Cf. skr. *ṛtṛtīya*.

Gr. πράσον = lat. *porrum* contient sans doute aussi le *r*.

Si l'on fait abstraction des formations courantes, comme les substantifs grecs en -σι-ς, dans lesquelles la voyelle du présent devait inévitablement pénétrer peu à peu, les exceptions à la loi de correspondance énoncée en commençant sont peu nombreuses.

Les cas tels que γέλις – *grhigana*, merda – *mṛd*, ou περκνός – *ṛcni* n'entrent pas en considération, vu que les thèmes ne sont pas identiques ; à côté de περκνός nous trouvons d'ailleurs πρακνός (Curt., Grdz. 275). – δειράς (dor. δηράς) « crête de montagne » a été rapproché de skr. *ḍṛśād* « pierre », mais à tort, car δειράς ne saurait se séparer de δειρή.

L'identification de Φλέγυς avec *bhṛgu* (Kuhn, herabk. des feuers) est séduisante, mais elle ne peut passer pour parfaitement sûre.

Au skr. *kṛmi* répond presque sans aucun doute, et très régulièrement pour ce qui est du *r*, le got. *vaurms* ; mais le gr. ἔλμις, le lat. *vermis* montrent *e*. La forme de ce mot a du reste une instabilité remarquable dans son consonantisme²³ aussi bien que dans la

²²Si l'on compare en outre les sens de *sakti*, on reconnaît que tous ces mots contiennent l'idée de *contour*, d'*angle* ou d'*anfractuosité*. Ce mot d'*anfractuosité* lui-même s'y rattache probablement en ligne directe, car le latin *an-fractus* sort régulièrement de **am-sractus* comme **cerefrum*, *cerebrum* de *ceres-rum*. Cf. cependant Zeyß, K. Z. XVI 381 qui divise ainsi : *anfr-actus*. – Le grec ajoute à cette famille de mots : ῥακτοί· φάραγγες, πέτραι, χαράδραι et ῥάπται· φάραγγες, χαράδραι, γέφυραι. Hes.

²³Le *k* remplacé par *v*, au lieu de *kv* ; le *m* remplacé par *v* dans le slave *črīvī* ; la liquide variant entre *l* et *r*, et cela, même en deçà des limites du grec, ainsi que l'indique la glose: ῥόμος· σκώληξ ἐν ξύλοις.

ganta.⁹³ A epêntese do *u* na palavra grega tem analogias sobre que teremos chance de retornar. Nos autores pós-homéricos encontra-se também [gr.]*leukaníē*.

[gr.]*e-ulaka* (lacôn.) “arado”, *a-ũlak-s* “sulco” correspondem, segundo a etimologia de Fick, ao védico *vṛka* “arado”.

O lat. *morbus* é sem dúvida parente do sânscr. *mṛdh* “objeto hostil, inimigo”, mas a diferença dos temas não nos permite afirmar que o *or* da palavra latina venha de *r*.

[gr.]*tartēmórion*: *tò tritēmórion* Hes. Cf. sânscr. *ṛtīya*.

Gr. *práson* = lat. *porrum* contém sem dúvida também o *r*.

Se se abstraírem as formações correntes, como os substantivos gregos em *-si-s*, em que a vogal do presente devia inevitavelmente penetrar pouco a pouco, as exceções à regra de correspondência enunciada no começo são poucas.

Os casos como [gr.]*gélgis* – *grñjana*, *merda* – *mṛd*, ou [gr.]*perknós* – *pṛśni* não entram em consideração, visto que os temas não são idênticos; junto de [gr.]*perknós* encontramos também *praknós* (Curt., Grdz. 275). – [gr.]*deirás* (dor. *dērás*) “crista de montanha” foi comparado ao sânscr. *dṛṣád* “pedra”, mas indevidamente, pois [gr.]*deirás* não se poderia separar de *deiré*.

A identificação de [gr.]*phlégu*s com *bhṛgu* (Kuhn, herabk. des feuers) é atraente, mas não pode ser aceita perfeitamente segura.

Ao sânscr. *kṛmi* responde quase sem dúvida, e muito regularmente quanto ao *r*, o got. *vaurms*; mas o gr. *hélmis*, o lat. *vermis* mostram *e*. A forma dessa palavra tem, além disso, uma instabilidade notável em seu consonantismo⁹⁴ assim como na vogal radical: a leitura *krimi* é

⁹³Se se compara além disso os sentidos de *sraktí*, reconhece-se que todas essas palavras contêm a ideia de *contorno*, de *ângulo* ou de *anfractuosidade*. Esta palavra *anfractuosidade* mesma se associa provavelmente em linha direta, pois o latim *anfractus* vem regularmente de **am-sractus* como **cerefrum*, *cerebrum* de *ceres-rum*. Cf. no entanto Zeyß, K. Z. XVI 381 que divide assim: *anfr-actus*. – O grego acrescenta a essa família de palavras: *r^haktoí*: *p^háranges*, *pétrai*, *k^harádrai* e *r^háptai*: *p^háranges*, *k^harádrai*, *gép^hurai*. Hes.

⁹⁴O *k* substituído por *v*, no lugar de *kv*; o *m* substituído por *v* no eslavo *čřivĩ*; a líquida varia entre *l* e *r*, e esta, mesmo dentro das fronteiras do grego, como o indica a glosa: *r^hómos*: *skólēks* en *ksúlois*.

voyelle radicale : l'épel *krimi* est très fréquent en sanskrit, et λίμινθες ἔλμινθες Πάφιοι (Hes.) nous donne la forme correspondante du grec.

19 ||

2. Syllabes suffixales.

Les noms de parenté et les noms d'agent en *-tar* expulsent, aux cas faibles, l'*a* du suffixe qui se réduit à *-tr*, ou, devant les désinences commençant par une consonne, à *-tr̥*. De là :

gr. πα-τρ-ός, lat. *pa-tr-is* : cf. skr. *pi-tr-á*

et avec *r̥* :

gr. πα-τρά-σι = skr. *pi-tṛ̥-šu*.

cf. Brugmann, *Zur Gesch. der stammabstufenden Declinationen*, Studien IX 363 seq. On a de même : μητράσι, ἀνδράσι, ἀστράσι etc.

Le mot en *-ar* est-il le premier membre d'un composé, il faut attendre la forme faible, comme dans l'indien *bhrātṛ-varga*. Peut-être en grec ἀνδρά-ποδο-ν est-il, comme le prétend M. Brugmann, un dernier échantillon de ce mode de formation.

Au nom.-acc. sing. de certains neutres apparaît un suffixe *-r̥* ou *-r̥-t* qui a donné skr. *yákr̥t* = gr. ἦπαρ = lat. *jecur* (probablement pour **jequor*). Cependant tous les neutres grecs en *-αρ* ne remontent pas à une forme en *r̥* : οὔθαρ par exemple, répond au védique *údhar*, et son *α* n'est point anaptyctique.

§ 2. Nasales sonantes.

Tandis que la liquide sonante s'est maintenue du moins dans l'antique langue de l'Inde, les nasales sonantes ont entièrement disparu, comme telles, du domaine indo-européen²⁴. Il y a plus : la

liquide, en cessant d'être sonante, n'a point du même coup cessé

²⁴Il n'est naturellement pas question ici des nasales sonantes qui se sont formées à nouveau dans plusieurs langues anciennes et modernes.

muito frequente em sânscrito, e *límin^{hes}· hélmin^{hes}· Páph^hioi* (Hes.) dá-nos a forma correspondente do grego. ||

19

2. Sílabas Sufixais.

Os nomes de parentesco e os nomes de agente em -tar expulsam, nos casos fracos, o *a* do sufixo, que se reduz a -tr, ou, diante das desinências que começam por uma consoante, a -tr̥. Daí:

gr. *pa-tr-ós*, lat. *pa-tr-is* : cf. sânscr. *pi-tr-á*

e com *r̥* :

gr. *pa-trá-si* = sânscr. *pi-tṛ̥-ṣu*.

cf. Brugmann, *Zur Gesch. der stammabstufenden Declinationen*, Studien IX 363 seq. Tem-se também: *mētrási*, *andrási*, *astrási* etc.

Se a palavra em -ar é o primeiro membro de um composto, espera-se que fique na forma fraca, como no indiano *bhrātṛ̥-varga*. Talvez no grego *andrá-podo-n* exista, como afirma Brugmann, um último exemplo desse modo de formação.

No nom.-acus. sing. de certos neutros aparece um sufixo -r̥ ou -r̥-t que dá *yákṛt* = gr. *hēpar* = lat. *jecur* (provavelmente no lugar de **jequor*). No entanto nem todos os neutros gregos em -ar remontam a uma forma em *r̥* : [gr.] *oũ^har* por exemplo, corresponde ao védico *ūdhar*, e seu *a* não é anaptítico.

0.1.3 § 2. Nasais soantes.

Enquanto a líquida soante se manteve na antiga língua da Índia, as nasais soantes desapareceram por completo, como tais, do domínio indo-europeu ⁹⁵. E mais: a líquida, ao deixar de ser soante, não

deixou simultaneamente de existir; ela se restringiu a ter a função

⁹⁵Naturalmente não se trata aqui das nasais soantes que se formaram novamente em muitas línguas antigas e modernas.

d'exister ; elle s'est bornée à prendre la fonction de consonne. Autre a été le sort des nasales, soit dans le grec, soit dans les langues ariennes : en donnant naissance à un phonème vocalique, elles ont elles-mêmes succombé, et, pour mettre le comble à la complication, le phonème en question est venu se confondre avec l'*a*.

Cet *a* n'a rien qui le fasse distinguer de prime abord dans le sanskrit ni dans le zend. En grec on peut heureusement le reconnaître plus facilement, parce qu'il se trouve souvent opposé à un ϵ radical (τείνω — τατός).

Dans les langues congénères la nasale s'est conservée ; en revanche, la voyelle qui s'est développée devant elle a pris, dans plusieurs de ces idiomes, la couleur de l'*e* ; et il est souvent impossible de savoir si le groupe *en* remplace réellement une nasale sonante. ||

Le travail où M. Brugmann a exposé sa théorie offre des matériaux considérables à qui est désireux d'étudier la question ; mais il convient de rassembler ici les principaux faits dont il s'agit, en les plaçant dans le cadre qui nous a servi pour les phénomènes relatifs aux liquides. Les deux séries se complètent et s'éclairent ainsi l'une l'autre.

Voici les différents phonèmes qui sont sortis des nasales sonantes :

(Indo-eur. Ário ²⁵	η a	$\dot{\eta}$	η a	Indo-eur. Latim	η en	$\dot{\eta}$	η) em
Grego Gót.	α un		α um	Eslavôn. Lituano	ϵ in		ϵ im

²⁵Il s'entend qu'en zend l'*a* sorti de la nasale sonante participe aux affections secondaires de l'*a*, par exemple à la coloration en *e*.

de consoante. Outro foi o destino das nasais, seja em grego, seja nas línguas árias: ao fazer surgir um fonema vocálico, elas mesmas sucumbiram e, para coroar a complicação, o fonema em questão passou a se confundir com o *a*.

Este *a* não tem nada que o distinga à primeira vista no sânscrito, nem no avéstico. Em grego pode-se felizmente reconhecê-lo mais facilmente, pois ele se encontra muitas vezes oposto a um *e* radical (*teínō* — *tatós*).

Nas línguas congêneres a nasal se conservou; ao contrário, a vogal que se desenvolveu diante dela assumiu, na maioria desses idiomas, a cor de *e*; e é muitas vezes impossível saber se o grupo *en* substitui realmente uma nasal soante. ||

20

O trabalho onde Brugmann expôs sua teoria oferece materiais consideráveis àquele que deseje estudar a questão; mas convém coligir aqui os fatos principais em discussão, ao pô-los no quadro que nos serviu quanto aos fenômenos relativos às líquidas. As duas séries se completam e se esclarecem, assim, uma à outra.

Eis os fonemas diferentes que vêm das nasais soantes:

(Indo-eur. Ário ⁹⁶)	ṅ	ṇ̇	ṁ	Indo-eur. Latim	ṅ	ṇ̇	ṁ)
	a		a		en		em
Grego	a		a	Eslav.	ę		ę
Gót.	un		um	Lituano	in		im

⁹⁶Entende-se que em avéstico o *a* vindo da nasal soante participa em afecções secundárias do *a*, por exemplo a coloração em *e*.

Les nasales sonantes ont pu prendre naissance de deux manières : ou par la chute d'un *a*, comme c'est toujours le cas pour les liquides sonantes ; ou par l'adjonction à un thème consonantique d'une désinence commençant par une nasale. Nous considérons d'abord le premier cas.

1. Syllabe radicale.

a. formations verbales.

Aoriste thématique (cf. page 10). L'indien *randh* « tomber aux mains de » a un aoriste *á-radh-a-t*, lequel sort de **a-rṇdh-a-t*, à supposer du moins que la racine soit bien *randh*, et non *radh*.

On voit ici dès l'abord le contraste des conceptions, suivant qu'on croit ou non à la nasale sonante. Jusqu'ici on regardait la nasale d'une racine telle que *randh* comme un élément mobile rejeté dans la forme faible. Avec la théorie nouvelle c'est au contraire l'*a* qui a été rejeté, en concordance parfaite avec ce qui a été développé plus haut, et l'*a* que nous voyons, l'*a* de *áradhat*, équivaut à une nasale, car il est fait de la substance même de cette nasale évanouie. Si le hasard avait voulu que ce fût un *u* et non un *a* qui se développât dans les langues ariennes sur la nasale sonante, l'aoriste en question serait « *árudhat* ».

Le grec est là pour en donner la preuve irréfragable, car chez lui la monotonie de l'*a* cesse et le dualisme se révèle dans les deux teintes ϵ et α :

21 La racine $\pi\epsilon\nu\theta$ donne l'aoriste : $\xi\text{-}\pi\alpha\theta\text{-}\omicron\nu$.²⁶ ||

L'aoriste thématique redoublé ne fournit aucun exemple grec. En sanskrit on peut citer le védique *áa-krad-a-t* de *krand*²⁷.

²⁶Ce n'est pas que, dans l'espèce, nous n'ayons quelques doutes sur la véritable qualité de l'alpha d' $\xi\pi\alpha\theta\omicron\nu$, et cela à cause du latin *patior*, sur lequel nous reviendrons plus bas. Mais $\xi\pi\alpha\theta\omicron\nu$ se trouve être le seul aoriste thématique où l'on puisse supposer une nasale sonante, et, si on le récusait, il suffirait de renvoyer aux exemples qui suivent.

²⁷Toujours en supposant que la nasale est radicale.

As nasais soantes puderam surgir de duas maneiras: ou pela queda de um *a*, como é sempre o caso das líquidas soantes; ou pela adição a um tema consonântico de uma desinência que comece por nasal. Consideramos agora o primeiro caso.

1. Sílabas Radical

a. formações verbais

Aoristo temático (v. página 10). O indiano *randh* “cair nas mãos de” tem um aoristo *á-radh-a-t* que vem de **a-r̥ndh-a-t*, supondo ao menos que a raiz seja *randh*, e não *radh*.

Vê-se aqui desde o princípio o contraste de concepções, consequência de se crer ou não na nasal soante. Até aqui considerou-se a nasal de uma raiz como *randh* como um elemento móvel, expulso na forma fraca. Com a teoria nova é, ao contrário, o *a* que foi expulso, em perfeita concordância com o que foi desenvolvido mais acima, e o *a* que vemos, o *a* de *áradhat*, equivale a uma nasal, pois ele é feito da mesma substância dessa nasal desaparecida. Quisesse o acaso que fosse um *u* e não um *a* que se tivesse desenvolvido nas línguas árias no lugar da nasal soante, o aoristo em questão seria “*árudhat*”.

O grego nos fornece a prova irrefutável disso, pois nele a monotonia do *a* cessa, e o dualismo se revela em duas cores, *e* e *a*:

A raiz [gr.] *pent^h* dá o aoristo: *é-pat^h-on*.⁹⁷ ||

21

O aoristo temático reduplicado não fornece nenhum exemplo grego. Em sânscrito pode-se citar o védico *ca-krad-a-t* de *krand*⁹⁸.

⁹⁷Não é que, no caso, não tenhamos algumas dúvidas sobre a qualidade verdadeira do alfa de *épat^hon*, e isto é por causa do latim *patior*, sobre que retornaremos mais abaixo. Mas *épat^hon* ocorre como único aoristo temático onde se pode supor uma nasal soante e, se se o recusarmos, será suficiente recorrer aos exemplos que seguem.

⁹⁸Supondo sempre que a nasal seja radical.

L'aoriste sans voyelle thématique qui coïncide pour la forme avec l'imparfait de la 2^{me} classe verbale²⁸ n'a pas été mentionné plus haut

à propos des liquides, parce qu'il n'offrait aucun cas de *r* en Europe. — Le singulier de l'actif conserve l'*a* (*e*). Le reste de l'actif ainsi que tout le moyen l'expulsent ; on a donc en sanskrit :

1^o Racines de la forme A (page 9):

cro:	á-çrav-[a]m ; á-çrot	çrutám
var:	á-var(-s)	á-vr̥-ta

et avec nasale sonante dans la forme faible :

gam:	á-gan(-t)	ga-tám
------	-----------	--------

2^o Racines de la forme B²⁹:

doh:	á-dhok(-t)	á-duh-ran
varg̃:	vârk(-s)	á-vrk̃-ta

M. Brugmann me fait part d'une explication très ingénieuse des aoristes grecs comme ἔχευα, ἔσσευα qui jusqu'alors avaient résisté à toute analyse. Ce sont les formes de l'actif correspondant aux aoristes moyens comme ἐχύμην, ἐσσύμην. La flexion primitive était : ἔχευα (pour ἔχευη), *ἔχευς, *ἔχευ(τ) ; — pluriel *ἔχυμεν etc. ; —

²⁸Les formes qui ont la « vriddhi » comme *áčvait*, *ávāt* sont entièrement différentes. Il faut y voir, avec M. Whitney, des aoristes sigmatiques.

²⁹Les racines de cette forme contenant une nasale ne paraissent pas fournir d'exemple.

O aoristo sem vogal temática que coincide, na forma, com o imperfeito da 2ª classe verbal⁹⁹ não foi mencionado acima quanto às

líquidas, porque ele não oferece nenhum caso de *ῥ* na Europa. – O singular da voz ativa conserva o *a* (*e*). O resto da voz ativa, assim como toda a voz média, expulsaram-no; donde temos em sânscrito:

1º Raízes da forma A página 9:

<i>śro:</i>	<i>á-śrav-[a]m ; á-śrot</i>	<i>śrutám</i>
<i>var:</i>	<i>á-var(-s)</i>	<i>á-vṛ-ta</i>

e raízes com nasal soante na forma fraca:

<i>gam:</i>	<i>á-gan(-t)</i>	<i>ga-tám</i>

2º Raízes da forma B¹⁰⁰:

<i>doh:</i>	<i>á-dhok(-t)</i>	<i>á-duh-ran</i>
<i>varj:</i>	<i>vâr(-s)</i>	<i>á-vṛk-ta</i>

Brugmann compartilhou comigo uma explicação muito engenhosa dos aoristos gregos como *ék^heua*, *ésseua* que até agora resistiram a qualquer análise. Essas são as formas da voz ativa correspondentes aos aoristos médios como *ek^húmēn*, *essúmēn*. A flexão primitiva era: *ék^heua* (no lugar de *ék^heum̄*), **ék^heus*, **ék^heu(t)* ; – plural

⁹⁹As formas que têm a “*vṛddhi*” como *ásvait*, *ávāt* são completamente diferentes. É preciso vê-las, como Whitney, como aoristos sigmáticos.

¹⁰⁰As raízes dessa forma, que contêm uma nasal, não parecem fornecer nenhum exemplo.

moyen ἔχουμεν. Comme au parfait, l'α de la première personne ἔχευα s'est propagé par tout l'actif, et l'ancien pluriel à syllabe radicale faible s'est retiré devant des formes forgées sur le modèle du singulier (ἔχεύαμεν). Cet *ἔ-χυ-μεν qui n'existe plus et qui est à ἔχευα ce qu'en sanskrit *á-ḥru-ma est à á-ḥrav-am a son analogue parfait, avec nasale sonante, dans la forme ἔ-κτᾶ-μεν (rac. κτεν) : seulement, dans ce dernier aoriste, c'est le singulier qui a subi des changements sous l'influence du pluriel : *ἔ-κτεν-α, *ἔ-κτεν(-τ) ont été remplacés par ἔκταν, ἔκτᾶ. — Dans κτά-μεναι, κτά-σθαι, κτά-μενος, ἀπ-έ-κτα-το l'α doit être sorti directement de la sonante. — M. || Curtius (Verb. I²192) fait remarquer que l'hypothèse d'une racine κτα est inadmissible.

Parfait (cf. page 12). Les racines de la forme A présentent encore en grec des restes du parfait primitif tels que :

μέ-μα-τον ; cf. sing. μέ-μον-α de μεν
γε-γά-την ; cf. pf. sg. γέ-γον-α de γεν

et au moyen :

τέ-τα-ται de τεν πέ-φα-ται de φεν³⁰

Dans les formes indiennes, la voyelle de liaison a permis à la nasale de rester consonne : *ḡa-gm-imá, ta-tn-iśé*. Le participe *sa-sa-ván* (de *san*) offre la sonante ; cf. cependant ce mot au registre.

Dans les racines de la forme B on peut citer avec M. Brugmann :

³⁰La 3^e pl. πέφανται est une formation récente faite sur l'analogie des racines en α ; il faudrait régulièrement πε-φν-αται. — γεγάσι, μεμαυῖα et les autres formes où le suffixe commence par une voyelle n'ont pu se produire que par analogie. Il est remarquable que les formes fortes du singulier soient restées à l'abri de toute contamination de ce genre, car γέγαα, μέμαα n'existent que dans nos dictionnaires ainsi que le montre Curtius, Verb. II 169: L'ancienne flexion : γέγονα, plur. γέγαμεν est donc encore transparente.

**ék^humen* etc. ; — médio *ek^húmen*. Como no perfeito, o *a* da primeira pessoa *ék^heua* propagou-se pela voz ativa inteira, e o antigo plural com a sílaba radical fraca foi substituído pelas formas criadas com o modelo do singular (*ek^heúamen*). Este **é-k^hu-men*, que não mais existe e que é para *ék^heua* o que em sânscrito **á-sru-ma* é para *á-srav-am* o seu perfeito análogo, com a nasal soante, na forma *é-ktă-men* (raiz *kten*): somente, neste último aoristo, é o singular que sofreu mudanças pela influência do plural: **é-kten-a*, **é-kten(-t)* foram substituídos por *éktan*, *éktă*. — Em *ktá-menai*, *ktá-st^hai*, *ktá-menos*, *ap-é-kta-to* o *a* deve vir diretamente da soante. — || Curtius (Verb. I²192) nota que a 22 hipótese de uma raiz *kta* é inadmissível.

Perfeito. (v. página 12). As raízes da forma A apresentam de novo em grego restos do perfeito primitivo, tais como:

mé-ma-ton ; cf. sing. *mé-mon-a* de *men*
ge-gá-tēn ; cf. pf. sg. *gé-gon-a* de *gen*

e na voz média:

té-ta-tai de *ten* *pé-p^ha-tai* de *p^hen*¹⁰¹

Nas formas indianas, a vogal de ligação permitiu à nasal que permanecesse uma consoante: *ja-gm-imá*, *ta-tn-išé*. O participio *sa-sa-ván* (de *san*) oferece a soante; mas veja-se esta palavra no índice.

Nas raízes da forma B podem-se citar, seguindo Brugmann: sânscr.

¹⁰¹A 3ª pl. [gr.] *pép^hantai* é uma formação recente feita pela analogia às raízes em *a*; regularmente, seria *pe-p^hn-atai*. — *gegáasi*, *memauia* e as outras formas onde o sufixo começa por uma vogal só puderam surgir por analogia. É de se notar que as formas fortes do singular ficaram protegidas de toda contaminação desse tipo, pois *géгаа*, *mémaa* só existem nos nossos dicionários assim como mostra Curtius, Verb. II 169: A antiga flexão: *géгона*, plur. *géгамen* é, portanto, ainda transparente.

skr. *tastámbha*, 3^e pl. *tastabhús* (c'est-à-dire *tastṛbhús*) ; *ćáčhanda* a un optatif *ćáčhadyát*. En grec on a *πεπαθυῖα* en regard de *πέπονθα* (rac. *πενθ*) ; M. Brugmann, adoptant en outre une leçon d'Aristarque, obtient : *πέ-πασθε* (= *πέ-παθ-τε*) au lieu de *πέποσθε* Iliad. 3, 99 et pass. — Cf. cependant notre remarque sur *ἔπαθον*, p. 20 i. n.

Le got. *bund-um* (rac. *bend*) est naturellement pour *bṛdum*, et tous les verbes gotiques de cette classe présentent semblablement la sonante au parf. pluriel et duel.

Présent. Dans la 2^e classe verbale (cf. page 14) on peut signaler en grec (ἔ)ραμαι ramené à ῥῃ-μαι dans un récent article de M. Brugmann K. Z. XXIII 587 ; la racine est la même que dans l'indien *rámati* « se plaisir, etc. » En sanskrit nous trouvons par exemple : *hán-ti*, 2^e plur. *ha-thás*, c'est-à-dire *hṇ-thás*.

La 8^e classe verbale fera l'objet d'un prochain travail de M. Brugmann, où il montrera que *tanómi*, *vanómi* etc., sont pour *tṇ-nó-mi*, *vṇ-nó-mi*. Aussi le grec montre-il l'alpha significatif dans *τά-νυ-ται* de la racine *τεν*, dans *ᾗ-νυ-ται* de la rac. *έν*³¹. Cela est dans l'ordre, ||

- 23 puisqu'on a, de la rac. *k₂ai* : *ći-nómi*, de la rac. *dhars* : *dhṛṣ-ṇómi* et non pas : « *će-nomi*, *dharṣ-ṇómi*³² ».

La classe des inchoatifs ajoute *-ska* à la racine *privée d'a* : skr. *yú-ćchati* de *yo*, *ućchati* de *vas*. Il est clair par conséquent que *yá-cchati* de *yam*, *gá-ćchati* de *gam* ont la nasale sonante, et il n'y a pas de raison de croire que le grec *βά-σκω* soit formé différemment, bien qu'il puisse venir de la racine sœur *βā*.

b. formations nominales.

Le suffixe *-τά* (cf. page 15) donne les thèmes suivants :

³¹M. Curtius a montré l'identité de *ἄνυται* (Homère a seulement *ἦνυτο*) avec le skr. *sanuté* (rac. *san*) ; la sifflante a laissé une trace dans l'esprit rude de l'att. *ά-νύ-ω*. Quant à la racine non affaiblie *έν*, elle vit dans le composé *αυθ-έν-της* « auteur d'une action ». Cf. Fick, *Wörterb.* I² 789.

³²Les formes comme *δείκνυμι*, *ζεύγνυμι* sont des innovations du grec.

tastámbha, 3ª pl. *tastabhús* (isto é, *tastṃbhús*); *cacchánda* tem um optativo *cacchadyát*. Em grego tem-se *pepat^huĩa* junto de *pépont^ha* (raiz *pent^h*); Brugmann, adotando além disso uma lição de Aristarco, obtém: *pé-past^he* (= *pé-pat^h-te*) no lugar de *pépost^he* Ilíad. 3, 99 *et pass.* — Mas veja-se o nosso comentário sobre *épat^hon*, p. 20 i. n.

O gótico *bund-um* (raiz *bend*) vem naturalmente de *bṇdum*, e todos os verbos góticos dessa classe apresentam provavelmente a soante no perfeito plural e dual.

Presente. Na 2ª classe verbal v. página 14 pode-se mencionar em grego (*é*)*ramai* vindo de *r^hṇ-mai* num artigo recente de Brugmann K. Z. XXIII 587; a raiz é a mesma que o sânscrito *rámati* “gostar, etc.” Em sânscrito encontramos por exemplo: *hán-ti*, 2ª do plur. *ha-thás*, isto é, *hṇ-thás*.

A 8ª classe verbal será o objeto de um próximo trabalho de Brugmann, onde ele mostrará que *tanómi*, *vanómi* etc., vêm de *tṇ-nó-mi*, *vṇ-nó-mi*. Também o grego exhibe o alfa significativo em *tá-nu-tai* da raiz *ten*, em *á-nu-tai* da raiz *hen*¹⁰². Isto é possível || pois há, da raiz 23

k₂ai: *ci-nómi*, da raiz *dhars*: *dhṛṣ-ṇómi* e não: “*ce-nomi*, *dhars-ṇómi*¹⁰³”.

A classe dos incoativos adiciona *-ska* à raiz *sem a*: sânscr. *yú-cchati* de *yo*, *ucchati* de *vas*. É claro, por conseguinte, que *yá-cchati* de *yam*, *gá-cchati* de *gam* têm a nasal soante, e não há razão para crer que o grego *bá-skō* seja formado de outra forma, ainda que possa vir da raiz irmã *bā*.

b. formações nominais

O sufixo *-tá* (v. página 15) dá os temas seguintes:

¹⁰²Curtius mostrou a identidade de *ánutai* (Homero tem somente *énuto*) com o sânscr. *sanuté* (raiz *san*); a sibilante deixou um traço no espírito rude do ático *ha-nú-ō*. Quanto à raiz não enfraquecida *hen*, ela vive no composto *aut^h-én-tēs* “autor de uma ação”. Cf. Fick, *Woerterb.* I² 789.

¹⁰³As formas como [gr.] *deiknumi*, *zeúnumi* são inovações do grego.

de *tan* (*ten*) : skr. *ta-tá* = gr. $\tau\alpha\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ = lat. *ten-tus*

de *g₂am* (*g₂em*) : skr. *ga-tá* = gr. $\beta\alpha\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ³³ = lat. *ven-tus*

de *man* (*men*) : skr. *ma-tá* = gr. $\mu\alpha\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ³⁴ = lat. *mentus*³⁵

de *gh₂an* (*gh₂en*) : skr. *ha-tá* = gr. $\varphi\alpha\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ³⁶

de *ram* (*rem*) : skr. *ra-tá* = gr. $\acute{\epsilon}\rho\alpha\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ (= lat. *lentus* ?)

Ces formes indiennes auxquelles il faut ajouter *yatá* de *yam*, *natá* de *nam*, *kšatá* de *kšan*, et qui se reproduisent dans le zend et l'ancien perse (zd. *gata* « parti », a. p. *gata* « tué » etc.) appartiendraient suivant Schleicher, Beiträge II 92 seq., à des racines en -*ǎ*, et l'auteur s'en sert pour démontrer la théorie qu'on connaît ; mais comment se ferait-il que ce fussent précisément là les seuls cas d'un *a* sanskrit terminant une racine et que dans tous les exemples où la nasale n'est pas en jeu, on trouve *i* ou *ī* dans les mêmes participes : *sthitá*, *pītá* ? On peut dire tout au contraire que cet *a* porte en lui-même la preuve de son origine nasale.

Les thèmes en -*ti* (cf. page 16) sont tout semblables aux précédents : skr. *tati* = gr. $\tau\acute{\alpha}\sigma\iota\varsigma$, cf. lat. *-tentio* ; *kšati* (de *kšan*) a pour parallèle grec l'homérique $\acute{\alpha}\nu\delta\rho\text{-}\kappa\tau\alpha\sigma\acute{\iota}\eta$ (de $\kappa\tau\epsilon\nu$). Le skr. *gāti*, le gr. $\beta\acute{\alpha}\sigma\iota\varsigma$ et le got. *(ga-)qumþ(i)s* se réunissent de même dans l'indo-européen *g₂m-ti*. Le got. *(ga-)mund(i)s* répond au véd. *mati* (skr. clas-

³³ $\beta\alpha\tau\acute{o}\varsigma$ pourrait aussi appartenir à la racine $\beta\acute{\alpha}$ qui a donné $\acute{\epsilon}\beta\eta\nu$; les deux formes devaient nécessairement se confondre en grec. En revanche le skr. *gatá* ne saurait dériver de *gā*.

³⁴Forme conservée dans le mot $\alpha\acute{\upsilon}\tau\acute{o}\mu\alpha\tau\acute{o}\varsigma$, suivant l'étymologie la plus probable. – *-mentus* se trouve dans *commentus*.

³⁵ $\beta\alpha\tau\acute{o}\varsigma$ pourrait aussi appartenir à la racine $\beta\acute{\alpha}$ qui a donné $\acute{\epsilon}\beta\eta\nu$; les deux formes devaient nécessairement se confondre en grec. En revanche le skr. *gatá* ne saurait dériver de *gā*.

³⁶L'identification du skr. *han* et du grec $\ast\varphi\epsilon\nu$ sera justifiée plus bas.

de *tan* (*ten*) : sânscr. *ta-tá* = gr. *ta-tós* = lat. *ten-tus*

de *g₂am* (*g₂em*) : sânscr. *ga-tá* = gr. *ba-tós*¹⁰⁴ = lat. *ven-tus*

de *man* (*men*) : sânscr. *ma-tá* = gr. *ma-tos*¹⁰⁵ = lat. *mentus*¹⁰⁶

de *gh₂an* (*gh₂en*) : sânscr. *ha-tá* = gr. *p^ha-tós*¹⁰⁷

de *ram* (*rem*) : sânscr. *ra-tá* = gr. *era-tós* (= lat. *lentus* ?)

As formas indianas a que se devem juntar *yatá* de *yam*, *natá* de *nam*, *kṣatá* de *kṣan*, e que se reproduzem em avéstico e no antigo persa (avést. *gata* “ido”, ant. pers. *jata* “morto” etc.) pertencem, segundo Schleicher, Beiträge II 92 seq., às raízes em -ǎ, e o autor as usa para demonstrar a teoria que se conhece; mas como ele poderia ter que esses fossem exatamente os únicos casos de um *a* em sânscrito terminando uma raiz, e que em todos os exemplos onde a nasal não está envolvida, encontra-se *i* ou *ī* nos mesmos participios: *sthitá*, *pītá*? Pode-se dizer ao contrário que esse *a* carrega em si mesmo a prova de sua origem nasal.

Os temas em -ti (v. página 16) são em tudo similares aos precedentes: sânscr. *tati* = gr. *tásis*, cf. lat. *-tentio*; *kṣati* (de *kṣan*) tem como paralelo em grego homérico *andro-ktasíē* (de *kten*). O sânscr. *gáti*, o gr. *básis* e o gót. *(ga-)qumþ(i)s* encontram-se no indo-europeu *g₂m̥-ti*. O gót. *(ga-)mund(i)s* corresponde ao véd. *matí* (sânscr. clássico *máti*),

¹⁰⁴[gr.] *batós* poderia também pertencer à raiz *bā* que deu *ébēn*; as duas formas deviam se confundir necessariamente em grego. Ao contrário, o sânscr. *gatá* não pode derivar de *gā*.

¹⁰⁵Forma conservada na palavra *autómatos*, seguindo a etimologia mais provável. – *-mentus* se encontra em *commentus*.

¹⁰⁶[gr.] *batós* poderia também pertencer à raiz *bā* que deu *ébēn*; as duas formas deviam se confundir necessariamente em grego. Ao contrário, o sânscr. *gatá* não pode derivar de *gā*.

¹⁰⁷A identificação do sânscr. *han* e do grego **p^hen* será justificada mais abaixo.

24 sique *máti*), au lat. *men(tis)*³⁷. ||

Thèmes en -ú (cf. page 16). L'identité de l'ind. *bahú* et du gr. *παχύς* (*bahulá* = *παχυλός*) s'impose avec non moins de force que le rapprochement de *pinguis* avec *παχύς* que l'on doit à M. Curtius. On est obligé d'admettre la réduction de la première aspirée *ph* dans la période antéhistorique, où l'italique n'avait pas encore converti les aspirées en spirantes, et ceci n'est point sans doute un cas unique dans son genre. Or *pinguis* pour **penguis* nous prouve que l'*a* de *bahú* et de *παχύς* représente une nasale sonante. Le superlatif skr. *bámh-iṣṭha* en offre la preuve immédiate.

Le skr. *raghú*, *laghú* = gr. *ἐλαχύς* contient également la nasale sonante, à en juger par les mots parents skr. *rámhas* et *rámhi*. Donc le latin *lěvis* est pour **leñhuis*, **leñuis* ; les traitements divers de *pinguis* et de *levis* n'ont d'autre raison que la différence des gutturales (*gh₁* et *gh₂* : *bahú*, *raghú*). La discordance du vocalisme dans *levis* vis-à-vis d'*ἐλαχύς* est supprimée. Le lit. *lėngvas*, le zd. *reñgya* confirment l'existence de la nasale. Enfin, pour revenir au skr. *raghú*, l'*a* de ce mot ne s'explique que s'il représente une nasale sonante, autrement il devait disparaître comme dans *ṛgú* (superl. *rágīṣṭha*) et dans les autres adjectifs en -ú.

Le lat. *densus* indique que *δασύς* est pour *δησύς*.

L'affaiblissement de la syllabe radicale devant le suff. -ú se vérifie encore dans *βαθύς*, de la racine *βενθ* dont la forme pleine apparaît dans *βένθ-ος*. Ici cependant, comme plus haut pour *παθειν*, on peut être en doute sur la provenance et par conséquent aussi sur la nature de l'*a* : car à côté de *βενθ* on a la rac. *βᾶθ* sans nasale. Ces sortes de doublets nous occuperont dans un prochain chapitre.

Thèmes de diverses formations :

³⁷Les formes latines n'inspirent pas une confiance absolue, en ce sens qu'elles peuvent tout aussi bien s'être formées postérieurement comme le gr. *δέρις*, *θέλις*. Pour les formes slaves telles que *-męti* cette possibilité se change presque en certitude.

ao lat. *men(ti)s*¹⁰⁸. ||

24

Temas em -ú (v. página 16). A identidade do indiano *bahú* e do grego *pak^hús* (*bahulá* = [gr.]*pak^hulós*) impõe-se com não menor força que a comparação entre *pinguis* e [gr.]*pak^hús* que se deve a Curtius. Deve-se admitir a redução da primeira aspirada *ph* no período pré-histórico, quando em itálico não se havia ainda convertido as aspiradas em fricativas espirantes, e este não é, sem dúvida, um caso único de seu tipo. Ou *pinguis* no lugar de **penguis* nos prova que o *a* de *bahú* e de *pak^hús* representa uma nasal soante*. O superlativo sânscrito *bámh-iṣṭha* oferece ainda uma prova imediata disso.

O sânscr. *raghú*, *laghú* = gr. *elak^hús* contém igualmente a nasal soante, a julgar pelas palavras aparentadas, sânscr. *rámhas* e *rámhi*. Logo o latim *lěvis* vem de **leñhuis*, **leñuis*; os tratamentos diversos de *pinguis* e de *levis* não têm outra razão além da diferença das guturais (*gh₁* et *gh₂* : *bahú*, *raghú*). A discordância do vocalismo em *levis* em comparação com [gr.]*elak^hús* é eliminada. O lituano *lėngvas*, o avést. *reñjya* confirmam a existência da nasal. Por fim, para voltar ao sânscr. *raghú*, o *a* desta palavra explica-se somente se ele representar uma nasal soante, de outro modo ele devia desaparecer como em *ṛjú* (superl. *rájiṣṭha*) e nos outros adjetivos em -ú.

O lat. *densus* indica que [gr.]*dasús* vem de *dṇsús*.

O enfraquecimento da sílaba radical diante do sufixo -ú verifica-se novamente em [gr.]*bat^hús*, da raiz *bent^h* cuja forma plena aparece em *bént^h-os*. Aqui, no entanto, como mais acima sobre [gr.]*pat^heĩn*, pode-se duvidar da proveniência, e por conseguinte também sobre a natureza, do [gr.]*a*: pois junto de *bent^h* tem-se a raiz *bāt^h* sem nasal. Nós nos ocuparemos dessas duplas num capítulo seguinte.

Temas de formações diversas:

¹⁰⁸ As formas latinas não inspiram uma confiança absoluta, na medida em que elas podem igualmente ter sido formadas posteriormente como o grego *dérksis*, *t^hélksis*. Para as formas eslavas tais como *-męti* essa possibilidade torna-se quase uma certeza.

Skr. *así* = lat. *ensis*. Skr. *vastí* et lat. *ve(n)sīca*.

Le got. *ūhtvo* (c.-à-d. **unhtvo*) « matin » répond, comme on sait, au védique *aktú* « lumière », auquel on a comparé aussi le grec ἀκτίς « rayon ».

Le gr. πάτο-ς « chemin » doit remonter à **πητο-ς*, vu la nasale du skr. *pánthan*, gén. *path-ás* (= *πηth-ás*).

Le thème *ṅdhara* (ou peut-être *ṁdhara*) « inferior » donne l'indien
25 *ádharma*, le lat. *inferus*, le got. *undaro*. ||

M. Scherer (Z. Gesch. der deutsch. Spr., p. 223 seq.), parlant des thèmes des pronoms personnels, se livre à des conjectures dont M. Leskien a fait ressortir le caractère aventureux (Declination, p. 139) ; sur un point cependant le savant germaniste a touché juste sans aucun doute : c'est lorsqu'il restitue pour le pluriel du pronom de la 1^e personne un thème contenant une nasale devant l's : *amsma*, *ansma*. Ce n'est pas que les raisons théoriques de M. Scherer soient convaincantes ; mais le germanique *uns*, *unsis* ne s'explique que de cette façon. Au lieu de *amsma* ou *ansma*, il faut naturellement *ṁsna* ou *ṅsma*, d'où sortent avec une égale régularité le got. *uns*, le skr. *asmád*, le grec (éol.) ἄμμε = **άσμε*.

Plusieurs cas d'une nature particulière, celui du nom de nombre cent par exemple, trouveront leur place dans un autre chapitre³⁸.

2. Syllabes suffixales.

La flexion des thèmes en *-an* (*-en*), *-man* (*-men*), *-van* (*-ven*) demande un examen détaillé qui trouvera mieux sa place dans un

³⁸Il est possible que la nasale sonante soit représentée en arien par *i*, *u*, dans le mot qui signifie *langue* : skr. *gīhvā* et *gūhū*, zd. *hizva*, *hizu* ; – l'ancien perse serait *izāva* selon la restitution de M. Oppert, mais . . . *āva* seul est encore écrit sur le rocher. Comme la consonne qui commence le mot est un véritable Protée linguistique – elle diffère même dans l'iranien vis-à-vis de l'indien – et qu'en lituanien elle devient *l*, on conviendra que la glose d'Hésychius : λαυχάνη γλωσσα trouve son explication la plus naturelle dans la comparaison des mots cités : le thème primitif serait *?-ṅh₁ū* ou *?-ṅh₁wā* : de là le lat. *d-lingua*, le got. *t-uggon-*, et le gr. **λ-αχφαν-η*, λαυχάνη. Le slave *j-ęzy-kŭ* montre aussi la sonante. Seul l'*ë* du lit. *l-ėžuv-i-s* s'écarte de la forme reconstruite. – Pour l'épenthèse de l'*u* dans le mot grec cf. plus haut (p. 17) λαυκανίη.

sânschr. *así* = lat. *ensis*. sânschr. *vastí* et lat. *ve(n)sīca*.

O gót. *ūhtvo* (isto é **unhtvo*) “manhã” corresponde, como se sabe, ao védico *aktú* “luz”, a que se comparou também o grego *aktís* “raio”.

O gr. *páto-s* “caminho” deve remontar a **pḥto-s*, tendo em vista a nasal do sânschr. *pánthan*, gen. *path-ás* (= *pḥth-ás*).

O tema *ṇdhara* (ou talvez *ṇdhara*) “inferior” dá o indiano *ádharma*, o lat. *inferus*, o gót. *undaro*. ||

25

Scherer (*Z. Gesch. der deutsch. Spr.*, p. 223 seq.), falando sobre os temas dos pronomes pessoais, permite-se fazer conjecturas que Leskien revelou terem carácter aventureiro (*Declination*, p. 139); mas sobre um ponto o estudioso germanista tocou sem dúvida com justeza, quando ele reconstroi para o plural da 1ª pessoa um tema contendo uma nasal antes de *s*: *amsma*, *ansma*. Não é que as razões teóricas de Scherer sejam convincentes; mas o germânico *uns*, *unsis* não se explica a não ser dessa forma. No lugar de *amsma* ou *ansma*, é necessário naturalmente *ṇsna* ou *ṇsma*, donde derivam com igual regularidade o gót. *uns*, o sânschr. *asmád*, o grego (eól.) *ámme* = **asme*.

Muitos casos de natureza particular, o do nome do número cem por exemplo, encontrarão seu lugar em outro capítulo¹⁰⁹.

2. Sílabas sufixais.

A flexão dos temas em *-an* (*-en*), *-man* (*-men*), *-van* (*-ven*) exige um exame detalhado que encontrará melhor o seu lugar num capítulo

¹⁰⁹É possível que a nasal soante seja representada em ário por *i*, *u*, na palavra que significa *língua*: sânschr. *jihvá* e *juhū*, avést. *hizva*, *hizu*; – o antigo persa seria *izāva* segundo a reconstrução de Oppert, mas só *āva* está ainda escrito nas pedras. Como a consoante que começa a palavra é um verdadeiro Proteu linguístico – ela difere mesmo no iraniano face ao indiano – e que em lituano ela se torna *l*, será de se convir que a glosa de Hesíquio: [gr.] *laukḥánē* *glōssa* encontra sua explicação mais natural na comparação das palavras citadas: o tema primitivo seria ?-*ṇgh₁ū* ou ?-*ṇgh₁wā*: de onde o lat. *d-íngua*, o gót. *t-uggon-*, e o gr. **l-akḥwan-ē*, *laukḥánē*. O eslavo *j-ęzy-kū* mostra também a soante. Só o *ie* do lit. *l-iežuv-i-s* se distancia da forma reconstruída. – Sobre a epêntese do *u* na palavra grega cf. mais acima (p. 17) *laukaníē*.

chapitre subséquent. Il suffit ici de relever ce qui a trait à la nasale sonante : dans la langue mère, le suffixe perdait son *a* aux cas dits *faibles* et *très faibles*. Dans ces derniers, la désinence commence par une voyelle et la nasale restait consonne ; aux cas « faibles » au contraire elle était obligée de prendre la fonction de voyelle, parce que la désinence commence par une consonne. Là est toute la différence. On a en sanskrit, du thème *ukśán* :

gén. sing. <i>ukśṇ-ás</i>	dat. sing. <i>ukśṇ-é</i>
instr. pl. <i>ukśá-bhis</i> (= <i>ukśṇ-bhis</i>)	loc. pl. <i>ukśá-su</i> (= <i>ukśṇ-su</i>)

Le grec fait au gén. sing. : ποιμένος, au dat. plur. : ποιμέσι, tous deux hystérogènes. Les anciennes formes ont dû être *ποιμν-ός || 26 et *ποιμᾶ-σι. Il a subsisté quelques débris de cette formation : κυν-ός du thème κυ-ον, φρ-ᾶ-σί (Pindare) du thème φρ-εν. V. Brugmann, Stud. IX 376.

Au nom.-acc. sing. des neutres en *-man*, l'*a* final de skr. *nāma*, zd. *nāma*, gr. ὄνομα³⁹ est sorti, aussi bien que l'*ε* du slave *imę* et l'*en* du lat.

nōmen, d'une nasale sonante indo-européenne. Morphologiquement, c'est ce que font conclure toutes les analogies, ainsi celle de l'ind. *dātṛ* au nom.-acc. neutre ; phonétiquement, c'est la seule hypothèse qui rende compte de l'absence de la nasale dans les deux premières langues citées. – Voilà la première fois que nous rencontrons une nasale sonante à la fin du mot, et le cas mérite une attention spéciale. Si simple que la chose paraisse à première vue, elle ne laisse pas que d'embarrasser quelque peu, aussitôt qu'on considère le mot dans son

³⁹Le τ des cas obliques (ὀνόματος) n'a probablement existé à aucune époque au nomin.-accusatif. – Le got. *namo* n'est pas mentionné, parce qu'il est de formation nouvelle.

posterior. Basta aqui levantar aquilo que tange à nasal soante: na língua mãe, o sufixo perdia seu *a* nos casos ditos *fracos* e *muito fracos*. Nestes últimos, a desinência começa por uma vogal e a nasal permanece uma consoante; nos casos “fracos,” ao contrário, ela era obrigada a tomar a função de vogal, pois a desinência começa por uma consoante. Esta é toda a diferença. Tem-se em sânscrito, do tema *ukṣán*:

gen. sing. <i>ukṣṇ-ás</i>	dat. sing. <i>ukṣṇ-é</i>
instr. pl. <i>ukṣá-bhis</i> (= <i>ukṣṇ-bhis</i>)	loc. pl. <i>ukṣá-su</i> (= <i>ukṣṇ-su</i>)

O grego faz no gen. sing.: *poimenós*, no dat. plur.: *poimési*, ambos posteriores. As antigas formas devem ter sido **poimn-ós* || e **poimă- 26 si*. Restaram alguns remanescentes dessa formação: *ku-n-ós* do tema *ku-on*, *p^{hr}-ă-sí* (Píndaro) do tema *p^{hr}-en*. Veja-se Brugmann, Stud. IX 376.

No nom.-ac. sing. dos neutros em *-man*, o *a* final do sânscrito *náma*, avéstico *nāma*, grego *ónoma*¹¹⁰ vem, assim como o *ę* do eslavo *imę* e

o *en* do latim *nōmen*, de uma nasal soante indo-europeia. Morfológicamente, é isto que todas as analogias nos fazem concluir, e a do indiano *dātṛ* no nom.-ac. neutro ; foneticamente, é a única hipótese que dá conta da ausência da nasal nas duas primeiras línguas citadas. – Eis a primeira vez que encontramos uma nasal soante no fim de palavra, e o caso merece uma atenção especial. Tão simples como pareça à primeira vista, isto não deixa de confundir um pouco, logo que se considera a palavra em seu papel natural de membro da frase.

¹¹⁰O [gr.]t dos casos oblíquos (*onómatos*) provavelmente nunca existiu no nom.-acusativo – O gót. *namo* não é mencionado, pois ele é de uma formação nova.

rôle naturel de membre de la phrase. L'indien *dātṛ*, qui vient d'être cité, placé devant un mot commençant par une voyelle, comme *api*, donnerait, d'après les règles du sandhi : *dātrapī*. En d'autres termes, le *dātṛ* du paradigme n'a de réalité que suivi d'une consonne ou finissant la phrase ; devant les voyelles il n'y a que *dātr*. Et cependant *ṛ* (ce qui veut dire : *r* doué d'accent syllabique) peut fort bien se maintenir devant les voyelles. C'est ainsi que la phrase anglaise: *the father is* se prononcera couramment : *the fathṛ is*, non pas : *the fathr is*⁴⁰. Il en est de même de *ṇ* dans l'allemand *siebṇ-und-zwanzig* (*sieben-und-zwanzig*).

Un mot indo-européen comme *stāmn* (nom.-acc. de *stāman-* = skr. *sthāman*-⁴¹) a donc pu faire à la rencontre d'une voyelle, devant *api*

par exemple : *stāmn_ṇapi* – ou bien *stāmṇ_ṇapi* (cf. note 2). Se décider pour la première alternative serait peut-être admettre implicitement qu'on disait *madhw_ṇapi* et non *madhu_ṇapi*, c'est-à-dire || faire remonter la règle de sandhi sanskrite relative à *i* et *u* devant les voyelles, du moins dans son principe⁴², jusqu'à la période proethni-

que ; et l'usage védique ne parlerait guère en faveur de cette thèse. Nous n'entrerons pas ici dans la discussion de ce point, parce que nous croyons que l'hypothèse : *stāmṇ_ṇapi* est en effet la plus proba-

⁴⁰Il est vrai que *ṛ*, *ṇ* etc. placés devant une voyelle paraissent se dédoubler en *ṛr*, *ṇṇ* etc. V. Sievers, Lautphysiol., p. 27 au milieu. Et, bien qu'on puisse dire que *i* et *u* sont aussi consonnes durant un instant dans le passage des organes à une autre voyelle, dans *ia* ou *ua* par exemple, il n'en reste pas moins certain que la triple combinaison phonique 1) *iā*. 2) *ia* c.-à-d. *iā*. 3) *iā*, transportée dans la série nasale se réduit à 1) *na* et 2. 3) *ṇna*, dans la série de l'*r* : à 1) *ra* et 2. 3) *ṛra*. – *i* désigne l'*i* consonne.

⁴¹Le mot choisi plus haut pour exemple (skr. *nāman*) ne convenait plus ici, parce que la forme primitive de sa syllabe initiale est assez incertaine.

⁴²Dans son principe seulement, car il faudrait supposer en tous cas un *i* indo-européen à la place de la spirante du sanskrit classique, et le *v* de la même langue serait encore bien plus éloigné de la consonne primitive (*ṽ*). – Nous ajoutons que dans la restitution des formes indo-européennes nous nous servons des signes *w* et *y* sans essayer de distinguer l'*u* et l'*i* consonnes (*ṽ* et *i* de Sievers), des spirantes correspondantes (*w* et *j* de Sievers). Dans le cas de *madhw_ṇapi*, *w* représenterait certainement *ṽ*.

O indiano *dātṛ*, que se citou, posto diante de uma palavra que comece por vogal, como *api*, daria, segundo as regras de sândi: *dātrapi*. Em outras palavras, o *dātṛ* do paradigma não é real, a não ser se for seguido por uma consoante ou terminando a frase; diante de vogais só se tem *dātr*. E ainda assim o *r* (isto quer dizer: o *r* com acento silábico pode muito bem se manter diante de vogais. É assim que a frase inglesa: *the father is* será pronunciada fluentemente: *the fathṛ is*, e não: *the fathr is*¹¹¹. É o mesmo para o *ṛ* em alemão *siebṛ-und-zwanzig* (*sieben-und-zwanzig*).

Uma palavra indo-europeia como *stāmn* (nom.-ac. de *stāman-* = sânscr. *sthāman*-¹¹²) (pôde portanto fazer diante de uma vogal, diante

de *api* por exemplo: *stāmn_̣api* – ou melhor *stāmṇ_̣api* (cf. nota 2). Decidir-se pela primeira alternativa será talvez admitir implicitamente que se dizia *madhw_̣api* e não *madhu_̣api*, isto é || reconstruir a 27 regra de sândi sânscrita relativa a *i* e *u* diante das vogais, ao menos em seu princípio¹¹³, até o período proétnico e o uso védico não depo-

ria a favor dessa tese. Não nos ocuparemos aqui da discussão deste ponto, pois cremos que a hipótese: *stāmṇ_̣api* é, com efeito, a mais provável; mas desejamos comparar adiante aquilo que diz respeito

¹¹¹É verdade que *r*, *ṛ* etc. postos diante de uma vogal parecem se redobrar em *ṛr*, *ṛṛ* etc. V. Sievers, *Lautphysiol.*, p. 27 no meio. E, ainda que se pudesse dizer que *i* e *u* são também consoantes durante um instante na passagem dos órgãos a uma outra vogal, em *ia* ou *ua* por exemplo, não fica menos certo que a tripla combinação fônica 1) *īa*. 2) *ia* isto é *ī̇a*. 3) *ī̇a*, transportada para a série nasa se reduz a 1) *na* et 2. 3) *ṇna*, na série do *r*: a 1) *ra* et 2. 3) *ṛra*. – *ī̇* designa o *i* consoante.

¹¹²A palavra escolhida mais acima como exemplo (sânscr. *nāman*) não convém mais aqui, pois a forma primitiva de sua sílaba inicial é incerta demais.

¹¹³Em seu princípio somente, pois seria de se supor em todo caso um *ī̇* indo-europeu no lugar da espirante do sânscrito clássico, e o *v* da mesma língua seria ainda mais distante da consoante primitiva (*ū*). – Aditamos que na reconstituição das formas indo-europeias servimo-nos dos sinais *w* e *y* sem buscar distinguir o *u* e *l'i* consonantes (*ū* e *ī̇* de Sievers), das espirantes correspondentes (*w* et *j* de Sievers). No caso de *madhw_̣api*, *w* representaria certamente *u*.

ble ; mais qu'on veuille bien comparer plus loin ce qui a rapport à l'accusatif singulier des thèmes consonantiques. – On a donc dans la phrase indo-européenne : *stāmṇṇ tasya* et *stāmṇṇ api*.

A l'époque où la nasale sonante devint incommode à la langue, époque où Hindous et Iraniens parlaient encore un même idiome, l'ancien *stāmṇṇ tasya* devint nécessairement *stāma tasya*, skr. *sthāma tasya*. Placé à la fin de la phrase, *stāmṇṇ* devait également donner *stāma*. Quant à *stāmṇṇ api*, son développement normal a dû être, en vertu du dédoublement dont il a été question : *stāma-n-api*. Cette dernière forme a péri : il y a eu unification comme dans une foule de cas analogues pour lesquels il suffit de citer les récents travaux de M. Curtius : *Zu den Auslautsgesetzen des Griechischen*, Stud. X 203 seq. et de M. Sievers dans les *Beiträge de Paul et Braune* V 102.

Dans le grec et le slave la marche de cette sélection a dû être à peu de chose près la même que dans les langues ariennes.

Flexion des neutres en *-man*, dans la langue grecque. – La flexion grecque (ὄνοματος, -ματι etc.) présente partout la nasale sonante grâce à la création d'un thème en *-τ* difficile à expliquer. Il faut naturellement mettre cette déclinaison en regard de celle de ἦπαρ, ἦπατος. ὄνοματος répond au skr. *nāmnaś*, ἦπατος au skr. *yaknās* ; et pour ce qui est de cette dernière classe de thèmes, nous pouvons être certains, quelle que soit l'origine du *τ* grec, que la déclinaison indienne *yákṛt*, *yaknās*, qui ne connaît l'*r* qu'au nom.-acc. sing. reflète
28 fidèlement celle de la langue mère⁴³. ||

⁴³Partir d'un ancien génitif *ἦπατος serait récuser le témoignage du sanskrit et en même temps admettre inutilement en grec un cas d'altération phonétique, dont les exemples, s'ils existent (v. p. 8), sont en tous cas très sporadiques. Il est vrai que *yákṛt* s'est aussi, plus tard, décliné en entier ; mais le fait important, c'est que *yakan* ne peut point avoir d'autre nominatif que *yákṛt*. – Le lat. *jecinoris* a remplacé l'ancien **jecinis*, grâce à la tendance à l'uniformité qui fit passer l'*or* du nominatif dans les cas obliques. – M. Lindner (p. 39 de son *Altindische Nominalbildung*) voit aussi dans ἦπατος le pendant du skr. *yaknās*.

ao acusativo singular dos temas consonânticos. – Tem-se então na frase indo-europeia: *stām̃ṇ tasya* e *stām̃ṇ api*.

Na época em que a nasal soante se tornou incômoda à língua, época em que os hindus e iranianos falavam ainda um mesmo idioma, o antigo *stām̃ṇ tasya* tornou-se necessariamente *stāma tasya*, sânscrito *sthāma tasya*. Posto no fim da frase, *stām̃ṇ* deve igualmente dar *stāma*. Quanto a *stām̃ṇ api*, seu desenvolvimento normal deve ter sido, em virtude da duplicação que foi discutida: *stāma-n-api*. Essa última forma pereceu: houve uma unificação, como também em uma multidão de casos análogos sobre que é suficiente citar os trabalhos recentes de Curtius : *Zu den Auslautsgesetzen des Griechischen*, Stud. X 203 seq. e de Sievers nos *Beiträge de Paul et Braune* V 102.

Em grego e em eslavo o passo dessa seleção deve ter sido um pouco próximo ao das línguas árias.

Flexão dos neutros em *-man*, na língua grega – A flexão grega (*onómatos*, *-mati* etc.) mostra em toda parte a nasal soante graças à criação de um tema em *-t* difícil de explicar. Deve-se naturalmente comparar esta declinação com a de *hēpar*, *hēpatos*. *onómatos* corresponde ao sânscr. *nāmnas*, [gr.] *hēpatos* ao sânscr. *yaknás* ; e quanto a essa última classe de temas, podemos estar certos, qualquer que seja a origem do *t* grego, que a declinação indiana *yákrt*, *yaknás*, que só conhece o *r* no nom.-ac. sing. reflete fielmente essa declinação na língua mãe¹¹⁴. ||

28

¹¹⁴Partir de um antigo genitivo [gr.]**hēpartos* seria recusar o testemunho do sânscrito e ao mesmo tempo admitir inutilmente em grego um caso de alteração fonética, cujos exemplos, se existem (v. p. 8), são em todo caso esporádicos. É verdade que *yákrt* é também, mais tarde, declinado inteiro assim; mas o importante é que *yakan* não pode ter outro nominativo que *yákrt*. – O lat. *jecinoris* substituiu o antigo **jecinis*, graças à tendência à uniformidade que fez passar o *or* do nominativo para os casos oblíquos. – Lindner (p. 39 de son *Altindische Nominalbildung*) vê também em *hēpatos* o equivalente do sânscr. *yaknás*.

Mais quant à savoir si l'insertion du τ est partie des thèmes en -μα, ou des thèmes en -αρ, ou si elle s'est développée de pair sur les deux classes de thèmes, sans qu'il y ait eu de contamination entre elles, c'est une question qui peut se trancher de plusieurs façons, sans qu'aucune solution soit bien satisfaisante.

Voici quelques points à considérer dans la discussion des probabilités :

1^o Les langues parentes possèdent un suffixe *-mḡ-ta*, élargissement du suff. *-man* ; en latin par exemple ce suffixe a donné *augmentum*, *cognomentum*. Ce suffixe manque en grec. – Un suffixe *-ḡ-ta* parallèle à un neutre grec en -αρ, -ατος existe probablement dans le lat. *Oufens* (masc), *Oufentina* : cf. οὔθαρ, -ατος. Car *Oufens* remonte à **Oufento-s*.

2^o Le *t* qui se montre au nom.-acc. du skr. *yákṛ-t* pourrait bien malgré tout avoir joué un rôle dans le phénomène. On aurait un parallèle frappant dans le lat. *s-an-gu(-en)* en regard du sanskrit *ás-ṛ-g*, g. *as-n-ás*⁴⁴; là nous voyons clairement l'élément consonantique

ajouté au *ṛ* du nom.-acc. se propager sur le thème en *-n*. D'autre part il y a quelque vraisemblance pour que la dentale de *yákṛt* (*yakṛd*) ne soit autre que celle qui marque le neutre dans les thèmes pronominaux⁴⁵;

dans ce cas c'est en réalité un *d*, et il n'y a plus à s'en préoccuper dans la question du τ grec.

3^o Dans le cas où l'insertion du τ serait partie des thèmes en -αρ, il est remarquable que le nom.-acc. de mots en -μα ait subi lui aussi un métaplasme venant de ces thèmes, car les formes ἦ-μαρ, τέκ-μαρ, τέκ-μωρ n'ont point d'analogue dans les langues congénères. Il est vrai que, selon l'étymologie qu'on adoptera, il faudra peut-être

⁴⁴Excellent rapprochement de Bopp, en faveur duquel nous sommes heureux de voir intervenir M. Ascoli (*Vorlesungen über vgl. Lautlehre*, p. 102). La chute de l'*a* initial a sa raison d'être ; v. le registre.

⁴⁵Cf. *yúvat* (*yúvad*), neutre védique de *yúvan*.

Mas quanto a saber se a inserção do *t* surgiu dos temas em *-ma*, ou dos temas em *-ar*, ou se ela se desenvolveu junto das duas classes de temas, sem que tenha havido contaminação entre elas é uma questão que pode se resolver de muitas formas, sem que nenhuma solução seja muito satisfatória.

Eis alguns pontos a considerar na discussão das probabilidades:

1º As línguas aparentadas possuem um sufixo *-mḡ-ta*, alargamento do suf. *-man* ; em latim por exemplo esse sufixo resultou em *augmentum*, *cognomentum*. O grego não tem esse sufixo. – Um sufixo *-ḡ-ta* paralelo a um neutro grego em *-ar*, *-atos* existe provavelmente no lat. *Oufens* (masc), *Oufentina*: cf. *oũthar*, *-atos*. Pois *Oufens* vem de **Oufento-s*.

2º O *t* que se mostra no nom.-ac. do sânscr. *yákṛ-t* bem poderia apesar de tudo ter tido um papel no fenômeno. Ter-se-ia um paralelo impressionante no lat. *s-an-gu(-en)* em comparação ao sânscrito *ás-ṛ-g*, g. *as-n-ás*¹¹⁵; vemos aí claramente o elemento consonântico adici-

onado ao *ṛ* do nom.-ac. se propagar pelo tema em *-n*. Por outro lado há alguma possibilidade de que a dental de *yákṛt* (*yakṛd*) seja a mesma que a que marca o neutro nos temas pronominais¹¹⁶; nesse caso é na

verdade um *d*, e não há mais com que se preocupar na questão do *t* grego.

3º No caso onde a inserção do [gr.]*t* teria surgido dos temas em *-ar*, é notável que o nom.-ac. de palavras em *-ma* tenham sofrido também um metaplasmo vindo desses temas, pois as formas [gr.]*hẽ-mar*, *ték-mar*, *ték-mōr* nada têm de análogo nas línguas congêneres. É verdade que, segundo a etimologia que se aadote, talvez seja preciso dividir

¹¹⁵Excelente reconciliação de Bopp, em favor de que ficamos felizes de ver Ascoli intervir (*Vorlesungen über vgl. Lautlehre*, p. 102). A perda do *a* inicial tem sua razão de ser; v. o índice.

¹¹⁶Cf. *yúvat* (*yúvad*), neutro védico de *yúvan*.

diviser ainsi : ἦμ-αρ, τέ-κμ-αρ, τέ-κμ-ωρ.

4° Les thèmes neutres δουρατ, γουνατ, qui, dans la plus grande partie de la flexion, remplacent δόρυ, γόνυ, sont peut-être au skr. *dāru-ḥ(-as)*, *gānu-ḥ(-as)* ce que ὄνοματ est au skr. *nāmn(-as)*. Ceci, sans vouloir préjuger la valeur morphologique de la nasale de *dāru-ḥ-*, et surtout sans insister sur le choix de ces deux thèmes en *u* dont la flexion primitive soulève une foule d'autres questions.

5° Même en sanskrit, certaines formes faibles de thèmes terminés en *an* s'adjoignent un *t* ; ainsi *yuvatí* (= *yuvṇti*) à côté de *yūnī*, tous deux dérivés de *yuvan-*. A son tour l'indien *yuvatí* nous remet en mémoire la formation grecque : *προφρητῆα, πρόφρασσα, féminin de προφρον-. Cf. encore *yúvat* pour **yúva* au neutre, forme qui comporte aussi une autre explication (p. 28, note 2), et *varimátā*, *ḥkvatā*, instrumentaux védiques de *varimán*, *ḥkvan*.

6° Les mots paléoslaves comme *žrěbę*, gén. *žrěbęt-e* « poulain », *telę* *telęt-e* « veau » etc. ont un suffixe qui coïncide avec l'ατ- du grec dans une forme primitive -ḥt. Seulement ces mots sont des diminutifs de formation secondaire, || et le grec n'a peut-être qu'un seul exemple de ce genre, l'homérique προσώπατα qui semble être dérivé de πρόσωπο-ν. On peut conjecturer néanmoins que les formes slaves en question sont bien la dernière réminiscence des thèmes comme ἦπαρ, -ατος et *yákr̥t*, -νάς. D'après ce qui a été dit plus haut, le nom.-acc. en -ę ne pourrait qu'être récent ; nous trouvons semblablement en latin le nom.-acc. : *ungu-en*, en grec : ἄλειφα à côté d'ἄλειφαρ.

Voilà quelques-uns des rapprochements qui se présentent à l'esprit dans la question de l'origine du τ dans les suffixes -ατ et -ματ. Nous nous abstenons de tout jugement ; mais personne ne doutera, en ce qui concerne l'α, qu'il ne soit le représentant d'une nasale sonante.

A côté de skr. *nāma* se placent, sous le rapport du traitement de la

assim: *hēm-ar*, *té-km-ar*, *té-km-ōr*.

4º Os temas neutros ^[gr.]*dourat*, *gounat*, que, na maior parte da flexão, substituem *dóru*, *gónu*, são talvez para o sânscr. *dāru-ṅ(-as)*, *jānu-n(-as)* aquilo que *onomat* é para o sânscr. *nāmn(-as)*. Isto, sem querer prejudicar o valor morfológico da nasal de *dāru-ṅ-*, e sobretudo sem insistir sobre a escolha desses dois temas em *u*, cuja flexão primitiva levanta um grande número de outras questões.

5º Mesmo em sânscrito, certas formas fracas de temas terminados em *an* se unem a um *t*; assim *yuvatí* (= *yuvṅti*) junto *yūnī*, ambos derivados de *yuvan-*. Por sua vez o indiano *yuvatí* lembra-nos a formação grega: **prop^hrṅtya*, *próp^hrassa*, feminino de *prop^hron-*. Cf. novamente *yúvat* no lugar de **yúva* no neutro, forma que admite também uma outra explicação (p. 28, nota 2), e *varimátā*, *ṛkvatā*, instrumentais védicos de *varimán*, *ṛkvan*.

6º As palavras do antigo eslavônico como *žrěbę*, gén. *žrěbęt-e* “potro”, *telę telęt-e* “bezerro” etc. têm um sufixo que coincide com o *at*-do grego em uma forma primitiva *-ṅt*. No entanto, essas palavras são diminutivos de formação secundária, || e o grego talvez tenha um só exemplo desse gênero, o homérico *prosōpata* que parece ser derivado de *prosōpo-n*. Pode-se conjecturar ainda assim que as formas eslavas em questão sejam mesmo a última lembrança de temas como ^[gr.]*hēpar*, *-atos* e *yákrt*, *-nás*. Segundo o que se disse acima, o nom.-ac. em *-ę* só poderia ser recente; encontramos provavelmente em latim o nom.-ac.: *ungu-en*, em grego: *áleip^ha* junto de *d’áleip^har*.

Eis algumas conexões que vêm à mente na questão da origem do ^[gr.]*t* nos sufixos *-at* e *-mat*. Nós nos abstermos de de qualquer julgamento; mas ninguém duvidará, no que concerne ao *a*, que ele não represente uma nasal soante.

Junto do sânscr. *nāma* estão, com relação ao tratamento da nasal

nasale sonante finale, les noms de nombre suivants :

saptá = lat. *septem*, got. *sibun*, gr. ἑπτὰ

náva = lat. *novem*, got. *niun*, gr. ἑννέα

dáça = lat. *decem*, got. *taihun*, gr. δέκα

C'est là la forme du nomin.-accusatif, la seule qui donne matière à comparaison. A la question : « quels sont les thèmes de ces noms de nombre ? » la grammaire hindoue répond : *saptan-*, *navan-*, *daçan-*, et à son point de vue elle a raison, car un instr. pl. comme *saptabhis* ne se distingue en rien de la forme correspondante du thème *nāman-*, qui est *nāmabhis*. Cependant, si nous consultons les langues congénères, deux d'entre elles nous montrent la nasale labiale, le latin et le lituanien (*dészintis*⁴⁶), et ces deux langues sont les seules qui puissent

éclairer la question, vu que le gotique convertit l'*m* final en *n*.

Seconde preuve en faveur de la nasale labiale. Le sanskrit termine ses noms de nombre ordinaux, de deux à dix, par *-tīya*, *-tha* ou *-ma*.⁴⁷ En omettant pour un instant l'adjectif ordinal qui correspond à

páñca, et en mettant ensemble les formes dont le suffixe commence par une dentale, on a une première série composée de :

dvi-tīya ; *ṭṛ-tīya*, *ćatur-thá*, *šaṣ-ṭhá*,

et une seconde où se trouvent :

saptamá, *aṣṭamá*, *navamá*, *daçamá*.

Dans les langues européennes la première formation est la plus répandue, et en gotique elle a complètement évincé la seconde. Il est encore visible néanmoins que les deux séries du sanskrit remontent telles quelles, à part les changements phonétiques, à la langue indo-européenne. En effet aucun idiome de la famille ne montre la

⁴⁶*septyni*, *devyni* sont de formation secondaire. Leskien, *Declin. im Slavisch-Lit.*, p. XXVI.

⁴⁷Nous ne tenons pas compte de *prathamá* et *turīya*, étrangers à la question.

soante final, os nomes de número seguintes:

saptá = lat. *septem*, gót. *sibun*, gr. *heptá*

náva = lat. *novem*, gót. *niun*, gr. *ennéa*

dása = lat. *decem*, gót. *taihun*, gr. *déka*

A forma do nominativo-acusativo é a única que fornece material para comparação. À questão: “quais são os temas desses nomes de número?” a gramática hindu responde: *saptan-*, *navan-*, *daśan-*, e em seu ponto de vista ela tem razão, pois um instr. pl. como *saptabhis* não se distingue em nada da forma correspondente do tema *nāman-*, que é *nāmabhis*. No entanto, se consultamos as línguas congêneres, duas entre elas nos mostram a nasal labial, o latim e o lituano (*déšimtis*¹¹⁷),

e essas duas línguas são as únicas que podem esclarecer a questão, visto que o gótico converteu o *m* final em *n*.

Segunda prova em favor da nasal labial. O sânscrito termina os seus nomes de número ordinais, de dois a dez, por *-tīya*, *-tha* ou *-ma*.¹¹⁸ Omitindo por um instante o adjetivo ordinal que corresponde

a *pāñca*, e juntando as formas onde o sufixo começa por uma dental, tem-se uma primeira série, composta de:

dvi-tīya ; *tṛ-tīya*, *catur-thá*, *ṣaṣ-ṭhá*,

e uma segunda onde se encontram:

saptamá, *aṣṭamá*, *navamá*, *daśamá*.

Nas línguas européias a primeira formação é a mais difundida, e em gótico ela substituiu completamente a segunda. Ainda assim é visível, entretanto, que as duas séries do sânscrito remontam, exatamente, exceto pelas mudanças fonéticas, à língua indo-europeia. De fato nenhum idioma da família mostra a terminação *-ma* onde o

¹¹⁷*septyni*, *devyni* são de formação secundária. Leskien, *Declin. im Slavisch-Lit.*, p. XXVI.

¹¹⁸Não levamos em conta *prathamá* e *turīya*, estranhos à questão.

30 terminaison *-ma* là où le sanskrit a *-tha* ou *-tīya*, || tandis qu'à chaque forme de notre seconde série répond, au moins dans une langue, un adjectif en *-ma* : nous ne citons pas l'iranien, trop voisin du sanskrit pour changer beaucoup la certitude du résultat.

En regard de *saptamá*: gr. ἑβδομος, lat. *septimus*, pruss. *septmas*, paléosl. *sedmŭ*, irland. *sechtmad*.

En regard de *aṣṭamá*: lit. *ašmas*, paléosl. *osmŭ*, irl. *ochtmad*.

En regard de *navamá*: lat. *nonus* pour **nomus* venant de **noumos*, v. Curtius Grdz., p 534.

En regard de *daśamá*: lat. *decimus*.

Donc les noms de nombre sept, huit, neuf et dix, et ceux-là seuls, formaient dans la langue mère des adjectifs ordinaux en *-ma*. Or il se trouve précisément que ces quatre noms de nombre et ceux-là seuls, se terminent par une nasale. Ou bien il y a là un jeu singulier du hasard, ou bien la nasale des cardinaux et celle des ordinaux sont en réalité une seule et même chose ; en d'autres termes, pour autant qu'on a le droit de regarder les premiers comme bases des seconds, le suffixe dérivatif des ordinaux est *-a*, non pas *-ma*⁴⁸.

La nasale latente de *saptá*, identique à celle qui apparaît dans *saptamá*, est donc un *m*. Même conclusion, en ce qui concerne *aṣṭá*, *náva*, *dáça*.

Nous revenons au nom de nombre cinq. Bopp (Gr. Comp. II, p. 225 seq. de la trad. française) fait remarquer l'absence de la nasale finale dans les langues européennes⁴⁹, ainsi que l'ε du grec πέντε en regard

de l'α de ἑπτά, ἑννέα, δέκα « conservé par la nasale ». – « De tous ces

⁴⁸Quant à savoir si, en tout dernier ressort, on ne trouverait pas telle ou telle parenté entre le *-ma* du superlatif et le *-m-a* des adjectifs ordinaux, de façon par exemple que déjà dans la période proethnique, la terminaison *ma* de ces derniers aurait produit l'impression du superlatif et aurait été étendue de là à d'autres thèmes pour les élever à cette fonction, ce sont des questions que nous n'avons pas à examiner ici.

⁴⁹Le gotique *fimf* ferait « *fimfun* » s'il avait eu la nasale finale.

sânscrito tem *-tha* ou *-tīya*, || enquanto que a cada forma da nossa 30 segunda série responde, ao menos numa língua, um adjetivo em *-ma*: não citamos o iraniano, vizinho demais do sânscrito para mudar muito a certeza do resultado.

Quanto a *saptamá*: gr. *hébdomos*, lat. *septimus*, pruss. *septmas*, esl. *sedmŭ*, irl. *sechtmad*.

Quanto a *aṣṭamá*: lit. *ašmas*, ant. esl. *osmŭ*, irl. *ochtmad*.

Quanto a *navamá*: lat. *nonus* no lugar de **nomus* vindo de **noumos*, v. Curtius Grdz., p 534.

Quanto a *daśamá*: lat. *decimus*.

Assim os nomes do número sete, oito, nove e dez, e só eles formavam na língua mãe adjetivos ordinais em *-ma*. Ora, ocorre exatamente que esses quatro nomes de número e só eles, terminam numa nasal. Ou isso é um fruto singular do acaso, ou a nasal dos cardinais e a dos ordinais são em verdade uma só e a mesma; em outras palavras, até onde se tem direito de considerar os primeiros como bases dos segundos, o sufixo derivativo dos ordinais é *-a*, e não *-ma*¹¹⁹.

A nasal latente de *saptá*, idêntica àquela que aparece em *saptamá* é, assim, um *m*. Mesma conclusão, no que concerne a *aṣṭá*, *náva*, *dáśa*.

Voltamos ao nome do número cinco. Bopp (Gr. Comp. II, p. 225i seq. da tradução francesa) assinala a ausência da nasal final nas línguas europeias¹²⁰, assim como o *e* do grego *pénte* junto do *a* de *heptá*,

ennéa, *déka* “conservado pela nasal”. – “De todos esses fatos, diz ele,

¹¹⁹Quanto a saber se, como último recurso, não se acharia um parentesco particular entre o *-ma* do superlativo e o *-m-a* dos adjetivos ordinais, de uma maneira que, por exemplo, já no período proétnico, a terminação *ma* destas teria produzido o significado do superlativo, e teria sido estendida a partir daí a outros temas para elevá-los a essa função, estas são questões que não examinaremos aqui.

¹²⁰O gótico *fimf* seria “*fimfun*” se tivesse uma nasal final.

31 faits, dit-il, on est tenté de conclure || que la nasale finale de *pañćan*, en sanskrit et en zend, est une addition de date postérieure. » C'est trop encore que de la laisser aux langues ariennes : en effet, le gén. skr. *pañćānām* (zd. *pañćanām*) serait tout à fait irrégulier s'il dérivait d'un thème en *-an* ; il est simplement emprunté aux thèmes en *-a*⁵⁰.

Les composés artificiels tels que *priyapañćānas* (Benfey, Vollst. Gr., § 767) n'ont aucune valeur linguistique, et les formes *pañćábhis*, *-bhyas*, *-su* ne prouvent rien ni dans un sens ni dans l'autre⁵¹. Ainsi rien ne

fait supposer l'existence d'une nasale.

Les adjectifs ordinaux de ce nombre sont :

gr. πέμπτος, lat. *quin(c)tus*, (got. *fimfta*), lit. *pėnkta*s, paléosl. *pętŭ*, zd. *puχδα*, skr. véd. *pañćathá*.

Le nombre cardinal n'ayant pas la nasale finale, ces formations sont conformes à la règle établie plus haut. Si, à côté de *pañćathá*, le sanskrit – mais le sanskrit seul – nous montre déjà dans le Véda la forme *pañćamá*, c'est que, pour nous servir de la formule commode de M. Havet, étant donnés *pañća* et le couple *saptá-saptamá*, ou bien *dáça-daçamá* etc., l'Hindou en tira tout naturellement la *quatrième proportionnelle* : *pañćamá*.⁵²

M. Ascoli, dans son explication du suffixe grec *-τατο*, prend pour point de départ les adjectifs ordinaux *ἕνατος* et *δέκατος*. Notre thèse ne nous force point à abandonner la théorie de M. Ascoli ; il suffit

⁵⁰Le point de départ de tous ces génitifs de noms de nombre en *-ānām* paraît être *trayānām*, lequel dérive de *trayá-*, et non de *trí-*. L'accentuation s'est dirigée sur celle des autres noms de nombre. Le zend *θrayām* qui permet de supposer **θrayanām* (cf. *vehrkām*, *vehrkanām*), atteste l'ancienneté de ce génitif anormal.

⁵¹Ces mêmes formes dont le témoignage est nul dans la question de savoir si le nom de nombre cinq a ou non une nasale finale, ne pèsent naturellement pas davantage dans la balance, lorsqu'il s'agit de savoir si la nasale de *náva*, *dáça* etc. – dont l'existence n'est pas douteuse – est un *n* ou un *m*.

⁵²On trouve inversement *saptátha*, zd. *haptaða*, à côté de *saptamá*. En présence de l'accord à peu près unanime des langues congénères, y compris le grec qui a cependant une préférence bien marquée pour le suff. *-to*, on ne prétendra point que c'est là la forme la plus ancienne.

vem a tentação de concluir || que a nasal final de *páñcan*, em sânscrito 31 e em avéstico, é uma adição de data posterior.” Mas também é exagero atribuí-la às línguas árias: com efeito, o gen. sânscr. *pañcānām* (avést. *pañcanām*) seria completamente irregular se derivasse de um tema em *-an*; ele foi simplesmente emprestado dos temas em *-a*¹²¹.

Os compostos artificiais tais como *priyapañcānas* (Benfey, Vollst. Gr., §767) não têm valor linguístico algum, e as formas *pañcábhish*, *-bhyas*, *-su* não provam nada para qualquer uma das opções¹²². Assim, nada

nos faz supor a existência de uma nasal.

Os adjetivos ordinais desse número são:

gr. *péemptos*, lat. *quin(c)tus*, (gót. *fimfta*), lit. *pènkta*, ant. esl. *peřŭ*, avést. *puřḍa*, sânscr. véd. *pañcathá*.

O número cardinal não tendo a nasal final, essas formações se conformam à regra estabelecida acima. Se, junto de *pañcathá*, o sânscrito – mas só o sânscrito – mostra-nos já no Veda a forma *pañcamá*, é porque, para usar a fórmula conveniente de Havet, sendo dados *pañca* e o par *saptá-saptamá*, ou mesmo *dása-dasamá* etc., o hindu tirou disso, naturalmente, a *quarta proporcional*: *pañcamá*.¹²³

Ascoli, em sua explicação do sufixo grego *-tato*, toma como ponto de partida os adjetivos ordinais [gr.] *énatos* e *dékatos*. Nossa tese não nos força a abandonar a teoria de Ascoli; basta adicionar uma fase

¹²¹O ponto de partida de todos os genitivos de nomes de número em *-ānām* parece ser *trayānām*, que deriva de *trayá-*, e não de *trí-*. A acentuação norteou-se pela acentuação de outros nomes de número. O avéstico *θrayām*, que permite supor **θrayanām* (cf. *vehrkām*, *vehrkanām*), atesta a antiguidade desse genitivo anormal.

¹²²Essas mesmas formas cujo testemunho não importa na questão de saber se o nome do número cinco tem ou não nasal final, naturalmente não pesando mais na balança, ainda que se trate de saber se a nasal de *náva*, *dása* etc. – cuja existência não é duvidosa – é um *n* ou um *m*.

¹²³Encontra-se ao contrário *saptátha*, avést. *haptada*, junto de *saptamá*. Na presença do acordo quase unânime das línguas congêneres, incluindo o grego, ainda que tenha uma preferência bem marcada pelo suf. *-to*, não se suporá que esta é a forma mais antiga.

d'ajouter une phase à l'évolution qu'il a décrite et de dire que ἕνατος, δέκατος sont eux-mêmes formés sur sol grec à l'image de τρίτος, τέταρτος, πέμπτος, ἕκτος⁵³.

La valeur phonétique primitive de la terminaison *-ama* des formes sanskrites, et de ce qui lui correspond dans les autres langues, est examinée ailleurs.

Il n'était pas inutile pour la suite de cette étude d'accentuer le fait, assez généralement reconnu, que la nasale finale des noms de nombre est un *m*, non pas un *n*. La valeur morphologique de cet *m* n'est du reste pas connue, et en le plaçant provisoirement sous la rubrique *syllabes suffixales* nous n'entendons en aucune manière
32 trancher cette obscure question. ||

Outre la flexion proprement dite, deux opérations grammaticales peuvent faire subir aux suffixes des variations qui engendreront la nasale – ou la liquide – sonante, savoir la composition et la dérivation. Ce sont elles que nous étudierons maintenant.⁵⁴

C'est une loi constante à l'origine, que les suffixes qui expulsent leur *a* devant certaines désinences prennent aussi cette forme réduite, lorsque le thème auquel ils appartiennent devient le premier membre d'un composé. Brugmann K. Z. XXIV 10. Cf. plus haut p. 19.

Le second membre du composé commence-t-il par une consonne, on verra naître la sonante à la fin du premier. Les langues ariennes sont toujours restées fidèles à cette antique formation :

Cette forme en *-a*, qui ne se justifie que devant les consonnes, s'est ensuite généralisée de la même manière qu'au nomin.-acc. neutre :

⁵³Nous n'avons malheureusement pas réussi à nous procurer un autre travail de M. Ascoli qui a plus directement rapport aux noms de nombre, intitulé : *Di un gruppo di desinenze Indo-Europee*.

⁵⁴Le nombre des liquides sonantes dues à la même origine étant très minime, nous n'avons fait qu'effleurer ce sujet à la page 19.

à evolução que ele descreveu, e dizer que *énatos*, *dékatos* são eles mesmos formados em solo grego à imagem *trítos*, *tétartos*, *pémptos*, *héktos*¹²⁴.

O valor fonético primitivo da terminação *-ama* das formas sânscritas, e aquilo que corresponde a ele nas outras línguas, é discutido alhures.

Não foi inútil para o começo deste estudo de acentuar o fato, em geral muito conhecido, de que a nasal final dos nomes de número é um *m*, e não um *n*. O valor morfológico desse *m*, de resto, não é conhecido, e ao pô-lo provisoriamente sob a rubrica *sílabas sufixais* não queremos de maneira alguma decidir esta questão obscura. || 32

Além da flexão propriamente dita, duas operações gramaticais podem causar nos sufixos variações que engendrarão a nasal – ou a líquida – soante, a saber a composição e a derivação. Essas são as que estudaremos agora.¹²⁵

É uma lei constante desde origem que os sufixos que expulsam o seu *a* diante de certas desinências tomam também essa forma reduzida, quando o tema ao qual eles pertencem torna-se o primeiro membro de um composto. Brugmann K. Z. XXIV 10. Cf. acima p. 19.

O segundo membro do composto começa por uma consoante, ver-se-á nascer a soante no fim do primeiro. As línguas árias foram sempre fiéis a essa antiga formação:

Essa forma em *-a*, que só se justifica diante das consoantes, é então generalizada da mesma maneira que no nom.-ac. neutro: tem-

¹²⁴Procuramos, infelizmente sem sucesso, uma outra obra de Ascoli que tem relação mais direta aos nomes de número, intitulado: *Di un gruppo di desinenze Indo-Europee*.

¹²⁵O número de líquidas soantes devidas à mesma origem sendo bem pequena, só tocamos neste assunto na página 19.

on a donc en sanskrit *nāmāṅka* au lieu de **nāmnāṅka*. – *açmāsyā* de *açman* « rocher » et *āsyā* « bouche » est un exemple védique de cette formation secondaire ; c'est aussi le seul qui se trouve dans le dictionnaire du Rig-Véda de Graßmann⁵⁵, et l'on a simultanément

une quantité de composés dont le premier membre est *vṛṣan* et qui offrent les restes du procédé ancien : *vṛṣan* composé avec *āçva* par exemple donne, non pas *vṛṣāçva*, mais *vṛṣaṅaçvā*, ce qu'il faut traduire : *vṛṣṅ-n-açvā*. D'après l'analogie des thèmes en *-r* (*pitrartha* de *pitar* et *artha*), on attendrait **vṛṣṅaçvā* ; et nous retrouvons ici l'alternative formulée plus haut dans *stāmn_āpi*, *stāmn_āpi*. Peut-être que dans la composition il faut comme dans la phrase s'en tenir à la seconde formule, et que *pitrartha* doit en fait d'ancienneté céder le pas à *vṛṣaṅaçva*.

Dans les composés grecs dont le premier membre est un neutre en *-μα*, *ὄνομα-κλυτός* par exemple, on peut avec M. Brugmann (*Stud. IX 376*) reconnaître un dernier vestige de la formation primitive, à laquelle s'est substitué dans tous les autres cas le type *ἄρρεν-ο-γόνοϛ*. Cf. p. 34 *ἄπαξ* et *ἄπλόϛ*.

Dérivation. Il va sans dire qu'ici comme partout ailleurs la sonante ne représente qu'un cas particulier d'un phénomène général
33 || d'affaiblissement ; qu'elle n'apparaîtra que si l'élément dérivatif commence par une consonne. Voyons d'abord quelques exemples du cas inverse, où le suffixe secondaire commence par une voyelle. Déjà dans le premier volume du *Journal de Kuhn* (p. 300), Ebel mettait en parallèle la syncope de l'*a* aux cas faibles du skr. *rāḡan* (gén. *rāḡñas*) et la formation de *λίμν-η*, *ποιμν-η*, dérivés de *λιμήν*, *ποιμήν*. M. Brugmann (*Stud. IX 387 seq.*) a réuni un certain nombre d'échantillons de ce genre qui se rapportent aux thèmes en *-ar*, et parmi lesquels

⁵⁵Ajouter cependant les composés des noms de nombre, tels que *saptāçva*, *dāçāritra*. Leur cas est un peu différent.

se então em sânscrito *nāmāñka* no lugar de **nāmnāñka*. – *aśmāsyā* de *aśman* “pedra” et *āsyā* “boca” é um exemplo védico dessa formação secundária; é, assim, o único que se encontra no dicionário do Ṛgveda de Graßmann¹²⁶, e há simultaneamente uma quantidade

de compostos onde o primeiro membro é *vṛṣan* e que oferecem os resquícios do procedimento antigo: *vṛṣan* composto com *áśva* por exemplo dá, não *vṛṣāśva*, mas *vṛṣaṇaśvá*, que se deve traduzir: *vṛṣṇ-n-áśvá*. Da analogia com os temas em *-r* (*pitṛartha* de *pitar* e *artha*), seria de se esperar **vṛṣṇaśvá*; e encontramos aqui a alternativa formulada acima em *stāmṇapi*, *stāmṇapi*. Talvez na composição seja preciso, como na frase, manter a segunda fórmula, e que *pitṛartha* deva, por ser mais novo, dar ordem de precedência a *vṛṣaṇaśva*.

Nos compostos gregos onde o primeiro membro é um neutro em *-ma*, *onoma-klutós* por exemplo, pode-se, junto com Brugmann (Stud. IX 376) reconhecer um último vestígio da formação primitiva, que foi substituída em todos os outros casos pelo tipo *arren-o-gónos*. Cf. p. 34 *hápaks* e *haplóos*.

Derivação. Nem é preciso dizer que aqui como em todo lugar a soante só representa um caso particular de um fenômeno geral || de enfraquecimento; que ela só aparecerá se o elemento derivativo 33 começar por uma consoante. Vejamos primeiro alguns exemplos do caso inverso, onde o sufixo secundário começa por uma vogal. Já no primeiro volume do *Journal de Kuhn* (p. 300), Ebel punha em paralelo a síncope do *a* nos casos fracos do sânscr. *rājan* (gén. *rājñas*) e a formação de *límñ-ē*, *poímñ-ē*, derivados de *limén*, *poimén*. Brugmann (Stud. IX 387 seq.) reuniu um certo número de exemplos desse tipo que se referem aos temas em *-ar*, e entre eles notar-se-á sobretudo

¹²⁶ Adicione-se no entanto os compostos de nomes de número, como *saptáśva*, *dásā-ritra*. O caso deles é um pouco diferente.

on remarquera surtout lat. *-sobrīnus* = **-sosr-īnus*, de *soror*. Cf. loc. cit. p. 256, ce qui est dit sur ὕμν-ο-ς, considéré comme un dérivé de ὕμν.

L'élément dérivatif commence par une consonne :

Le suffixe *-man* augmenté de *-ta* devient *-mṇta*. Un exemple connu est : skr. *çrómata* = v. haut-all. *hliu-munt*. Le latin montre, régulièrement, *-mento* : *cognomentum*, *tegumentum* etc.

Un suffixe secondaire *-bha* qui s'ajoute de préférence aux thèmes en *-an* sert à former certains noms d'animaux. Sa fonction se borne à *individualiser*, suivant l'expression consacrée par M. Curtius. Ainsi le thème qui est en zend *arshan* « mâle » n'apparaît en sanskrit que sous la forme amplifiée *ṛṣa-bhá* (= *ṛṣṇ-bhá*) « taureau ». De même : *vṛṣan*, *vṛṣa-bhá*. A l'un ou à l'autre de ces deux thèmes se rapporte le grec Εἶραφ-ιώτης, éol. Ἐρραφ-εώτης, surnom de Bacchus⁵⁶, v. Curtius

Grdz. 344.

Le grec possède comme le sanskrit un assez grand nombre de ces thèmes en *-ṇ-bha*, parmi lesquels ἔλ-αφο-ς est particulièrement intéressant, le slave *j-elen-ī* nous ayant conservé le thème en *-en* dont il est dérivé. M. Curtius ramène ἔλλός « faon » à **ἔλν-ό-ς* ; ce serait une autre amplification du même thème *el-en*.

Les mots latins *columba*, *palumbes*, appartiennent, semble-t-il, à la même formation ; mais on attendrait *-emba*, non *-umba*.

Le skr. *yúvan* « jeune », continué par le suff. *-ça*, donne *yunaçá*. A qui serait tenté de dire que « la nasale est tombée », il suffirait de rappeler le lat. *juven-cu-s*. Le thème primitif est donc bien *yawṇ-k₁á*. Le got. *juggs* semble être sorti de **jivuggs*, **jiuggs* ; cf. *niun* pour **nivun*.

Skr. *párvata* « montagne » paraît être une amplification de *párvan* « articulation, séparation ». On en rapproche le nom de pays 34 Παρρασία, v. Vaniček, *Gr.-Lat. Et. W.* 523. ||

⁵⁶L'ε initial n'est probablement qu'une altération éolo-ionienne (cf. ἔρσην) de l'α que doit faire attendre le ṛ de la forme sanskrite.

o lat. *-sobrīnus* = **-sosr-īnus*, de *soror*. Cf. loc. cit. p. 256, o que se disse sobre *húmn-o-s*, considerado como um derivado de *humén*.

O elemento derivativo começa por uma consoante:

O sufixo *-man* aumentado com *-ta* torna-se *-mṅta*. Um exemplo conhecido é: sânscr. *śró-mata* = antigo alto alemão *hliu-munt*. O latim mostra, regularmente, *-mento* : *cognomentum*, *tegmentum* etc.

Um sufixo secundário *-bha* que se une de preferência aos temas em *-an* serve para formar certos nomes de animais. Sua função se limita a *individualizar*, seguindo a expressão consagrada por Curtius. Assim o tema que é em avéstico *arshan* “macho” só aparece em sânscrito na forma ampliada *ṛṣa-bhá* (= *ṛṣṇ-bhá*) “touro”. Igualmente: *vṛṣan*, *vṛṣa-bhá*. A algum desses dois temas se relaciona o grego *Eiraph^h-iôtēs*, eól. *Ἐραφ^h-εὐτῆς*, epíteto de Baco¹²⁷, v. Curtius Grdz. 344.

O grego possui como o sânscrito um número enorme desses temas em *-ḥ-bha*, entre eles *él-ap^ho-s* é particularmente interessante, o eslavo *j-elen-ĭ* conservando-nos o tema em *-en* de onde é derivado. Curtius reconstrói *ellós* “corça” de **eln-ó-s*; este seria uma outra ampliação do mesmo tema *el-en*.

As palavras latinas *columba*, *palumbes*, pertencem, ao que parece, à mesma formação; mas seria de se esperar *-emba*, não *-umba*.

O sânscr. *yúvan* “jovem”, continuado pelo sufixo *-śa*, dá *yuvaśá*. A quem seja tentado a dizer que “a nasal caiu” bastaria lembrar o lat. *juven-cu-s*. O tema primitivo é, assim, *yawṇ-k₁á*. O gót. *juggs* parece vir de **jivuggs*, **jiuggs*; cf. *niun* no lugar de **nivun*.

O Sânscr. *párvata* “montanha” parece ser uma ampliação de *párvan* “articulação, separação”. Compare-se o nome de país *Parrasía*, v. Vaniček, *Gr.-Lat. Et. W.* 523. ||

¹²⁷O [gr.]e inicial é provavelmente só uma alteração eólo-jônica (cf. *érsēn*) do a que deve fazer esperar um ṛ na forma sânscrita.

Le thème grec ἐν- « un », plus anciennement *σεμ-, donne ἄ-παξ et ἄ-πλόος qui sont pour *σηπαξ, σηπλοος. La même forme ση- se retrouve dans le lat. *sim-plex* = **semplex* et dans l'indien *sa-kṛt*.

Dans le Véda, les adjectifs en *-vant* tirés de thèmes en *-an*, conservent souvent l'*n* final de ces thèmes devant le *v* : *ómanvant*, *vṛṣāṇvant* etc. Cela ne doit pas empêcher d'y reconnaître la nasale sonante, car devant *y* et *w*, soit en grec soit en sanskrit, c'est *an* et non pas *a* qui en est le représentant régulier⁵⁷. C'est ce que nous aurions pu

constater déjà à propos du participe parf. actif, à la page 22 où nous citions *sasavān*. Cette forme est seule de son espèce, les autres participes comme *gaghanvān*, *vavanvān*, montrant tous la nasale. *sasavān* lui-même répugne au mètre en plusieurs endroits ; Grassmann et M. Delbrück proposent *sasanvān*⁵⁸. C'est en effet *-anvān* qu'on doit

attendre comme continuation de *-ṇwān*, et *-ṇwān* est la seule forme qu'on puisse justifier morphologiquement : cf. *ṣuṣukvān*, *čakṛvān*. Le zend *gāyṇvāo* est identique à *gaghanvān*.

La formation des féminins en *-ī* constitue un chapitre spécial de la dérivation. Relevons seulement ceux que donnent les thèmes en *-vant* dont il vient d'être question : *nṛ-vātī*, *re-vātī* etc. Le grec répond par *-φεισα* et non **-φασσα* comme on attendrait. Homère emploie certains adjectifs en *φεις* au féminin : ἐς Πύλον ἡμαθόεντα, mais il ne s'en suit pourtant point que le fém. *-φεισα* soit tout moderne : cela est d'autant moins probable qu'un primitif *-φεντυα* est impossible : il eût donné *-φεισα*. Mais l'absence de la nasale s'explique par le **-φασσα* supposé, qui a remplacé son *α* par *ε* et qui, à part cela, est resté

⁵⁷Cette évolution de la nasale sonante ne doit pas être mise en parallèle avec les phonèmes *ř* et *ŕ*, p. ex. dans *titirvān*, *pūryāte*, ou du moins seulement avec certaines précautions dont l'exposé demanderait une longue digression. L'existence du *r* dans *čakṛvān*, *gāgṛvān*, *papṛvān* etc., suffit à faire toucher au doigt la disparité des deux phénomènes.

⁵⁸On pourrait aussi conjecturer *sasāvān* ; cf. *sātā*, *sāyāte*.

O tema grego *hen-* “um”, mais antigamente **sem-*, dá *há-paks* e *haplóos*, que estão no lugar de **sm̥paks*, *sm̥ploos*. A mesma forma *sm̥-* se encontra no lat. *sim-plex* = **semplex* e no indiano *sa-kṛt*.

No Veda, os adjetivos em *-vant* tirados de temas em *-an*, conservam frequentemente o *n* final desses temas diante de *v*: *ómanvant*, *vṛṣaṇvant* etc. Isto não deve impedir de reconhecer a nasal soante, pois diante de *y* e *w*, quer seja em grego ou em sânscrito, é *an* e e não *a* que é o representante regular¹²⁸. É isso que pudemos constatar já quanto

ao particípio perf. ativo, na página 22 onde citamos *sasaván*. Essa forma é a única de sua espécie, os outros particípios como *jaghanván*, *vavanván*, mostrando todos a nasal. *sasaván* não se encaixa no metro em muitas passagens; Grassmann e Delbrück propõem *sasanván*¹²⁹. É

com efeito *-anván* que se deve esperar como continuação de *-ṇwán*, e *-ṇwán* é a única forma que se pode justificar morfológicamente: cf. *śúsukvān*, *caḅṛvān*. O avéstico *jagñvāo* é idêntico a *jaghanván*.

A formação dos femininos em *-ī* constitui um capítulo especial da derivação. Tomemos somente aqueles que são dados pelos temas em *-vant* dos quais acabamos de falar: *ṇṛ-vátī*, *re-vátī* etc. O grego responde com *-wessa* e não **-wassa* como se esperaria. Homero usa certos adjetivos em [gr.]-*weis* no feminino: *es Púlon ēmat^hóenta*, mas disso no decorre no entanto que o fem. [gr.]-*wessa* seja completamente moderno: isto é tanto menos provável quanto um primitivo [gr.]-*wentya* é impossível: ele teria dado *-weisa*. Mas a ausência da nasal se explica pelo [gr.]-**-wassa* hipotético, que substituiu *a* por *e* e que,

¹²⁸Essa evolução da nasal soante não deve ser posta em paralelo com os fonemas *ř* e *ũ*, p. ex. em *titirván*, *pūryáte*, ou ao menos só com certas precauções cuja explicação exigiria uma grande digressão. A existência do *ř* em *caḅṛvān*, *jāḅṛvān*, *papṛvān* etc., basta para entrever a disparidade dos dois fenômenos.

¹²⁹É possível também conjecturar *sasāván*; cf. *sātá*, *sāyáte*.

tel quel, se bornant à imiter le vocalisme du masculin.

Nous arrivons aux nasales sonantes des syllabes désinentielles, et par là au second mode de formation de ces phonèmes (v. page 20), celui où l'*a*, au lieu d'être expulsé comme dans les cas précédents, n'a
 35 existé à aucune époque. Il sera indispensable de tenir compte || d'un facteur important, l'accentuation du mot, dont nous avons préféré faire abstraction jusqu'ici, et cela principalement pour la raison suivante, c'est que la formation des nasales – et liquides – sonantes de la première espèce coïncidant presque toujours avec un *éloignement* de la tonique, l'histoire de leurs transformations postérieures est de ce fait même à l'abri de ses influences.

Au contraire, la formation des nasales sonantes de la seconde espèce est évidemment tout à fait indépendante de l'accent ; il pourra donc leur arriver de supporter cet accent, et dans ce cas le traitement qu'elles subiront s'en ressentira souvent.

Nous serons aussi bref que possible, ayant peu de chose à ajouter à l'exposé de M. Brugmann.

Pour les langues ariennes, la règle est que la nasale sonante portant le ton se développe en *an* et non pas en *a*.

Désinence -nti de la 3^e personne du pluriel. Cette désinence, ajoutée à des thèmes verbaux consonantiques, donne lieu à la nasale sonante. La plupart du temps cette sonante est frappée de l'accent, et se développe alors en *an* :

2^a classe : *lih-ánti* = *lih-ńti* 7^a cl. : *yuńg-ánti* = *yuńg-ńti*

Dans la 3^e classe verbale, la 3^e pers. du pluriel de l'actif a la par-

além disso, permaneceu igual, limitando-se a imitar o vocalismo do masculino.

Chegamos às nasais soantes das sílabas desinenciais, e assim ao segundo modo de formação desses fonemas (v. página 20), onde o *a*, ao invés de ser expulso como nos casos precedentes, nunca existiu em época alguma. Será indispensável ter em mente || um fator im- 35 portante, a acentuação da palavra, que preferimos ignorar até aqui, e isto principalmente pela razão seguinte, que a formação das nasais – e líquidas – soantes da primeira espécie coincidindo quase sempre com um distanciamento da tônica, a história de suas transformações posteriores é por isso mesmo isenta suas influências.

Ao contrário, a formação das nasais soantes da segunda espécie é evidentemente de todo independente do acento: é possível que lhes aconteça carregar esse acento, e nesse caso o tratamento que elas sofrerão refletirá isso.

Seremos o mais breve possível, tendo pouco a acrescentar à explicação de Brugmann.

Para as línguas árias, a regra é que a nasal soante que tenha o acento se desenvolva em *an* e não em *a*.

A desinência *-nti* da 3ª pessoa do plural. Essa desinência, adicionada a temas verbais consonânticos, dá lugar à nasal soante. Na maior parte do tempo o acento incide nessa soante, e se desenvolve então em *an* :

2ª classe : *lih-ánti* = *lih-ŕti* 7ª cl. : *yuñj-ánti* = *yuñj-ŕti*

Na 3ª classe verbal, a 3ª pessoa do plural da voz ativa tem a parti-

ticularité de rejeter l'accent sur la syllabe de redoublement ; aussi la nasale de la désinence s'évanouit : *pí-pr-ati* = *pí-pr-ṅti*. Il en est de même pour certains verbes de la 2^e classe qui ont l'accentuation des verbes redoublés, ainsi *çás-ati* de *çās* « commander ».

En ce qui concerne *dádhati* et *dádati*, il n'est pas douteux que l'*a* des racines *dhā* et *dā* n'ait été élidé devant le suffixe, puisqu'au présent de ces verbes l'*a* n'est conservé devant aucune désinence du pluriel ou du duel : *da-dh-más*, *da-d-más* etc. La chose serait plus discutable pour la 3^e pers. du pl. *gáhati* d'un verbe comme *hā* dont la 1^e pers. du pl. fait *ga-hī-más*, où par conséquent l'*a* persiste, du moins devant les désinences commençant par une consonne. Néanmoins, même dans un cas pareil, toutes les analogies autorisent à admettre l'élision de l'*a* radical ; nous nous bornons ici à rappeler la 3^e pers. pl. du parf. *pa-p-ús* de *pā*, *ya-y-ús* de *yā*, etc. L'*a* radical persistant, il n'y aurait jamais eu de nasale sonante et l'*n* se serait conservé dans « *gá-ha-nti* », aussi bien qu'il s'est conservé dans *bhára-nti*. – Ceci nous amène à la forme correspondante de la 9^e classe : *punánti*. Ici aussi nous diviserons : *pu-n-ánti* = *pu-n-ṅti*, plutôt que d'attribuer l'*a* au thème ; seulement || la nasale est restée, grâce à l'accent, absolument comme dans *lihánti*⁵⁹.

La désinence *-ntu* de l'impératif passe par les mêmes péripéties que *-nti*.

La désinence *-nt* de l'imparfait apparaît, après les thèmes consonantiques, sous la forme *-an* pour *-ant*. Cette désinence recevant l'accent – ex. *vr-án* de *var* –, elle n'a rien que de régulier.

La désinence du moyen *-ntai* devient invariablement *-ate* en sanskrit, lorsqu'elle s'ajoute à un thème consonantique. C'est que, primitivement, la tonique ne frappait jamais la syllabe formée par la nasale, ce dont témoignent encore les formes védiques telles que

⁵⁹S'il y a un argument à tirer de l'imparfait *apunata*, il est en faveur de notre analyse.

cularidade de fazer remontar o acento à sílaba do redobro; também a nasal da desinência desaparece: *pí-pr-ati* = *pí-pr-ṅti*. É o mesmo para certos verbos da 2ª classe que têm a acentuação de verbos reduplicados, assim *śás-ati* de *śās* “comandar”.

No que tange a *dádhati* e *dádati*, não é duvidoso que o *a* das raízes *dhā* e *dā* não seja elidido diante do sufixo, pois no presente desses verbos o *a* não é conservado diante de *nenhuma* desinência do plural ou do dual: *da-dh-más*, *da-d-más* etc. Isto seria mais discutível para a 3ª pess. do pl. *jáhati* de um verbo como *hā* em que a 1ª pes. do pl. faz *ja-hī-más*, onde por conseguinte o *a* persiste, ao menos diante das desinências que começam por uma consoante. Ainda assim, mesmo num caso equivalente, todas as analogias autorizam a admitir a elisão do *a* radical; limitamo-nos aqui a lembrar a 3ª pes. pl. do perf. *pa-p-ús* de *pā*, *ya-y-ús* de *yā*, etc. O *a* radical persistindo, nunca haveria nasal soante e *n* seria conservado em “*já-ha-nti*”, assim como se conservou em *bhāra-nti*. – Isto nos leva à forma correspondente da 9ª classe: *punánti*. Aqui dividiremos: *pu-n-ánti* = *pu-n-ṅti*, ao invés de atribuir o *a* ao tema; a nasal || sobreviveu graças ao acento, exatamente como *lihánti*¹³⁰.

A desinência *-ntu* do imperativo passa pelas mesmas peripécias que *-nti*.

A desinência *-nt* do imperfeito aparece, nos temas consonânticos, na forma *-an* no lugar de *-ant*. Essa desinência, recebendo o acento – ex. *vr-án* de *var* –, não tem nada de irregular.

A desinência do médio *-ntai* torna-se invariavelmente *-ate* em sânscrito, quando ela se une a um tema consonântico. Primitivamente a tônica nunca incidia na sílaba formada pela nasal, como mostram novamente as formas védicas como *rihaté*, *añjaté*. Brugmann,

¹³⁰Se há um argumento a tirar do imperfeito *apunata*, ele é em favor de nossa análise.

rihaté, ańgáté. Brugmann, Stud. IX 294.

Au sujet de l'imparfait *liháta*, l'accentuation indo-européenne *righntá* ne peut faire l'objet d'aucun doute, dès l'instant où l'on admet *righntái* (*rihaté*). Quant à l'explication de la forme indienne, on peut faire deux hypothèses : ou bien le ton s'est déplacé dans une période relativement récente, comme pour le présent (véd. *rihaté*, class. *liháte*). Ou bien ce déplacement de l'accent remonte à une époque plus reculée (bien que déjà exclusivement arienne) où la nasale sonante existait encore, et c'est ce que suggère le védique *kránta* (Delbrück, A. Verb. 74) comparé à *ákrata*. On dirait, à voir ces deux formes, que la désinence *-ata* n'appartient en réalité qu'aux formes pourvues de l'augment⁶⁰ et que dans toutes les autres la

nasale sonante accentuée a dû devenir *an*, d'où la désinence *-anta*. Plus tard *-ata* aurait gagné du terrain, et *kránta* seul aurait subsisté comme dernier témoin du dualisme perdu. Cette seconde hypothèse serait superflue, si *kránta* était une formation d'analogie, comme on n'en peut guère douter pour les formes que cite Bopp (*K. Gramm. d. Skr. Spr.*, § 279) : *práyuńgánta* etc. Cf. plus haut p. 11.

Participe présent en *-nt*. Le participe présent d'une racine comme *vaç* « vouloir » (2^e classe) fait au nom. pl. *uçantas*, au gén. sg. *uçantás*. Dans les deux formes il y a nasale sonante ; seulement cette sonante se traduit, suivant l'accent, par *an* ou par *a*. Au contraire dans le couple *tudántas*, *tudatás*, de *tud* (6^e classe), la seconde || forme seulement contient une nasale sonante, et encore n'est-elle point produite de la même manière que dans *uçantás* : **tudntás* (*tudatás*) vient du thème *tuda₂nt-* et a perdu un *a*, comme **tń-tá* (*tatá*) formé sur *tan* ; tandis que **uçantás* (*uçantás*) vient du thème *uçant-* et n'a jamais eu ni perdu d'*a*. – Certaines questions difficiles se rattachant aux différents participes

⁶⁰Il est certain que l'accentuation de ces formes a été presque partout sans influence sur le vocalisme, et qu'il faut toujours partir de la forme *sans augment*. Mais cela n'est pas vrai nécessairement au delà de la période proethnique.

Stud. IX 294.

Quanto ao imperfeito *liháta*, a acentuação indo-europeia *righntá* não pode causar nenhuma dúvida, logo que se admita *righntái* (*rihaté*). Quanto à explicação da forma indiana, podem-se fazer duas hipóteses: ou o acento desloca-se em um período relativamente recente, como para o presente (véd. *rihaté*, cláss. *liháte*), ou esse deslocamento remonta a uma época mais recuada (ainda que já só ária) onde a nasal soante ainda existia, e é isso que sugere o védico *kránta* (Delbrück, *A. Verb.* 74) comparado a *ákrata*. Dir-se-ia, ao ver essas duas formas, que a desinência *-ata* só pertence na verdade às formas providas do aumento¹³¹ e que em todas as outras a nasal soante acentuada

deve ter-se tornado *an*, donde a desinência *-anta*. Mais tarde *-ata* ganharia terreno, e só *kránta* teria resistido como última testemunha do dualismo perdido. Essa segunda hipótese seria supérflua, se *kránta* fosse uma formação analógica, como não se pode duvidar quanto às formas que cita Bopp (*K. Gramm. d. Skr. Spr.*, §279): *práyuñjanta* etc. Cf. acima p. 11.

O particípio presente em *-nt*. O particípio presente de uma raiz como *vas* “querer” (2ª classe) faz no nom. pl. *usántas*, no gen. sg. *usátás*. Nas duas formas há a nasal soante; somente essa soante se traduz, seguindo o acento, em *an* ou em *a*. Ao contrário, no par *tudántas*, *tudatás*, de *tud* (6ª classe), só a segunda || forma contém uma nasal 37 soante, e de novo ela não é produzida da mesma maneira que em *usátás*: **tudntás* (*tudatás*) vem do tema *tuda₂nt-* e perdeu um *a*, comme **tñ-tá* (*tatá*) formado com *tan*; ao passo que **usntás* (*usátás*) vem do tema *usnt-* e nunca teve nem perdeu o *a*. – Certas questões difíceis que se associam aos diferentes particípios em *-t* serão mencionadas

¹³¹É certo que a acentuação dessas formas foi quase toda sem influência sobre o vocalismo, e que é preciso sempre partir da forma *sem aumento*. Mas isto não é necessariamente verdadeiro além do período proético.

en *-nt* trouveront mention au chapitre VI.

Jusqu'ici l'existence de la nasale sonante dans les désinences verbales en *-nti* etc., n'est assurée en réalité que par l'absence de *n* dans les formes du moyen et autres, dans *rihaté* par exemple. Les langues d'Europe avec leur vocalisme varié apportent des témoignages plus positifs.

Les verbes slaves qui se conjuguent sans voyelle thématique ont *-ętĭ* à la 3^e pers. du plur. : *jadętĭ*, *vędętĭ*, *dadętĭ* ; cf. *nesętĭ*. De même les deux aoristes en *-s* font *nęsę*, *nesosę*, tandis que l'aoriste, à voyelle thématique fait *nesę*.

Le grec montre, après les thèmes consonantiques, les désinences suivantes : à l'actif, *-αντι* (*-āσι*), *-ᾶτι* (*-ăσι*) ; au moyen, *-αται*, *-ατο*.⁶¹ Les deux dernières formes n'offrent pas de difficulté ; il s'agit

seulement de savoir pourquoi l'actif a tantôt *-ατι*, tantôt *-αντι*. La désinence *-ατι* n'apparaît qu'au parfait : *ἐθώκατι*, *πεφήνᾶσι*, mais le même temps montre aussi *-αντι* (*-āσι*) : *γεγράφᾶσι* etc. Le présent n'a que *-αντι*. M. Brugmann attribue à l'influence de l'accent la conservation de *n* au présent : *ῥᾶσι* = *sánti*. En ce qui concerne le parfait, il voit dans *-ατι* la forme régulière⁶² : *-αντι* y a pénétré par l'analogie

du présent ou plus probablement par celle de parfaits de racines en *α* comme *ἔστα-ντι*, *τέθνα-ντι*. – Ce qui est dit sur l'accent ne satisfait pas entièrement, car, ou bien il s'agit de l'accentuation que nous trouvons en grec, et alors *ῥαντι*, *ἐθώκατι* se trouvent tous deux dans les mêmes conditions, ou bien il s'agit du ton primitif pour lequel celui du sanskrit peut servir de norme, et ici encore nous trouvons parité de conditions : *sánti*, *tutudús*. L'hypothèse *tútuđati* ou *tutudatí*, comme forme plus ancienne de *tutudús* (p. 320) est sans fondement

⁶¹Hésychius a cependant une forme *ἑσούανται*.

⁶²Ici il faut se souvenir que l'auteur regarde à bon droit le parfait grec comme dénué de voyelle thématique ; l'*α* n'appartient pas au thème.

no capítulo VI.

Até aqui a existência da nasal soante nas desinências verbais em *-nti* etc., só é assegurada em verdade pela ausência de *n* nas formas do médio e outras, em *rihaté* por exemplo. As línguas da Europa com seu vocalismo variado trazem testemunhos mais positivos.

Os verbos eslavos que se conjugam sem vogal temática têm *-ęĩ* na 3ª pess. do plur.: *jadęĩ, vědęĩ, dadęĩ* ; cf. *nesęĩ*. Igualmente os dois aoristos em *-s* fazem *něšę, nesošę*, enquanto que o aoristo com vogal temática faz *nesę*.

O grego mostra, junto dos temas consonânticos, as desinências seguintes: no ativo, *-anti* (*-āsi*), *-āti* (*-āsi*) ; no médio, *-atai, -ato*.¹³²

As duas últimas formas não oferecem dificuldade alguma; trata-se somente de saber por que o ativo tem às vezes *-ati*, às vezes *-anti*. A desinência *-ati* só aparece no perfeito: *et^hókati, pep^hénāsi*, mas o mesmo tempo mostra também *-anti* (*-āsi*): *gegráp^hāsi* etc. O presente só tem *-anti*. Brugmann atribui à influência do acento a conservação de *n* no presente: *éāsi = sánti*. No que tange ao perfeito, ele vê em *-ati* a forma regular¹³³: [gr.]*-anti* penetrou por analogia com o presente,

ou mais provavelmente com o perfeito nas raízes em *a* como *héstanti, tét^hna-nti*. – O que se disse sobre o acento não é inteiramente satisfatório, porque ou se trata da acentuação que vimos em grego, e então *éanti, et^hókati* encontram-se ambos nas mesmas condições, ou ele é o tom primitivo para que o do sânscrito pode servir de norma, e aqui novamente encontramos uma paridade de condições: *sánti tudús*. A hipótese *túdati* ou *tutudatí*, como forma mais antiga de *tutudús* (p. 320) não tem base sólida. A ação do acento sobre o desens-

¹³²Hesíquio tem, porém, uma forma *essúantai*.

¹³³Aqui deve-se lembrar que o autor considera justo o perfeito grego como não tendo vogal temática; o *a* não pertence ao tema.

solide. L'action de l'accent sur le développement de la nasale sonante
38 en grec demeure donc enveloppé de bien des doutes.⁶³ ||

A la 3^e pers. du plur. ἔλυσαν, -αν est désinence ; le thème est λυσ, ainsi que le montre M. Brugmann (p. 311 seq.). L'optatif λύσειαν est obscur. Quant à la forme arcadienne ἀποτίνοϊαν, rien n'empêche d'y voir la continuation de -ητ, et c'est au contraire la forme ordinaire τίνοϊεν qu'on ne s'explique pas. Elle peut être venue des optatifs en ιη, comme δοίην, 3^e pl. δοῖεν.

Parmi les participes, tous ceux de l'aoriste en σ contiennent la nasale sonante : λύσ-αντ. Au présent il faut citer le dor. ἕασσα (Ahrens II 324) et γεκαθά (έκοῦσα, Hes.) que M. Mor. Schmidt change à bon droit en γεκαῖσα. Toute remarque sur une de ces deux formes ferait naître à l'instant une légion de questions si épineuses que nous ferons infiniment mieux de nous taire.

Désinence -ns de l'accusatif pluriel. L'arien montre après les thèmes consonantiques : -as : skr. *ap-ás*, ce qui serait régulier, n'était l'accent qui frappe la désinence et qui fait attendre **-án* = **-áns*. M. Brugmann a développé au long l'opinion que cette forme de la flexion a subi dans l'arien une perturbation ; que primitivement l'accusatif pluriel a été un cas fort, comme il l'est souvent en zend et presque toujours dans les langues européennes, et que l'accent reposait en conséquence sur la partie thématique du mot. Nous ne pouvons que nous ranger à son avis. – La substitution de l'a à la

⁶³La question est inextricable. Est-on certain que les formes du présent n'ont pas, elles aussi, cédé à quelque analogie ? Au parfait, on n'est pas d'accord sur la désinence primitive de la 3^e pers. du pluriel. Puis il faudrait être au clair sur l'élision de l'a final des racines, devant les désinences commençant par une sonante : lequel est le plus ancien de τίθε-ντι ou de *gáhati* = *gah-ητι* ? Plusieurs indices, dans le grec même, parleraient pour la seconde alternative (ainsi τιθέασι, arcad. ἀπυδόας seraient un vestige de *τιθαντι – ou *τιθατι ? –, *ἀποδας ; la brève de γνούς, ἔγνον s'expliquerait d'une manière analogue). Enfin les formes étonnantes de la 3^e p. pl. de la rac. *as* « être » ne contribuent pas, loin de là, à éclaircir la question, et pour brocher sur le tout, on peut se demander, comme nous le ferons plus loin, si la 3^e pers. du plur. indo-européenne n'était pas une forme à syllabe radicale forte, portant le ton sur la racine.

volvimento da nasal soante em grego permanece assim envolvida por várias dúvidas.¹³⁴ ||

38

Na 3ª pess. do pl. [gr.]élusan, -an é a desinência; o tema é *lus*, como mostra Brugmann (p. 311 seq.). O optativo *lúseian* é obscuro. Quanto à forma arcádica *apotínoian*, nada impede de ver nela a continuação de -*nt*, e é ao contrário a forma ordinária *tínoien* que não se explica. Ela pode ter vindo de optativos em *iē*, como *doīēn*, 3ª pl. *doīēn*.

Entre os participios, todos os do aoristo em [gr.]s contêm a nasal soante: *lús-ant*. No presente deve-se citar o dór. *éassa* (Ahrens II 324) e *gekat^há* (*hekoūsa*, Hes.) que Schmidt muda com justeza para *gekāsa*. Qualquer comentário sobre essas duas formas faria nascer num instante uma legião de questões tão espinhosas que faremos muito melhor em nos calar.

A desinência -ns do acusativo plural. O ário mostra nos temas consonânticos: -as: sânscr. *ap-ás*, que seria regular, não sendo o acento que cai na desinência e que faz esperar *-*án* = *-*áns*. Brugmann desenvolveu por extenso a opinião de que essa forma da flexão sofreu uma perturbação, que originalmente o acusativo plural foi um caso forte, como é ainda em avéstico e quase sempre nas línguas europeias, e que o acento caía em consequência na parte temática da palavra. Só podemos nos alinhar da sua opinião. – A substituição do *a* na nasal soante precede essa inversão do acusativo plural; daí vem a ausência

¹³⁴A questão é inextricável. Acaso temos certeza de que as formas do presente não cederam, até elas, à alguma analogia? No perfeito, não se está de acordo sobre a desinência primitiva da 3ª pess. do plural. Além disso, seria necessário ter bem clara a natureza da elisão do *a* final das raízes, diante das desinências que começam por uma soante: entre [gr.]*tít^he-nti* e *jáhati* = *jah-nti*, qual o mais antigo? Muitos indícios, no grego mesmo, diriam em favor da segunda alternativa (assim [gr.]*tít^héasi*, arcád. *apudós* seriam um vestígio de **tít^hanti* – ou **tít^hati*? –, **apodás*; a vogal breve de *gnóús*, *égnon* se explicaria de uma maneira análoga). Por fim as formas impressionantes da 3ª pess. do plur. da raiz *as* “ser” não ajudam, muito pelo contrário, a esclarecer a questão, o cúmulo da história, pode-se perguntar, como faremos mais abaixo, se a 3ª pess. do plur. indo-européia não era uma forma com sílaba radical forte, levando o acento na raiz.

nasale sonante précède ce bouleversement de l'accusatif pluriel ; de là l'absence de nasale.

Le grec a régulièrement -ας : πόδ-ας, cf. ἵππους. Les formes crétoises comme φοινίκ-ανς ne sont dues qu'à l'analogie de πριγευτά-νς etc. Brugmann *loc. cit.*, p. 299. – Le lat. -ēs peut descendre en ligne directe de -ης, -ens ; l'ombr. *nerf* = **nerns*. – L'acc. got. *broþrun*s est peut-être, malgré son antiquité apparente, formé secondairement sur *broþrum*, comme le nom. *broþrjus*. Cf. p. 45. ||

Désinence -m. (*Accusatif singulier et 1^e pers. du sing.*) L'acc. sing. *pādam* et la 1^e pers. de l'imparf. *āsam* (rac. *as*) se décomposent en *pād + m*, *ās + m*.

D'où vient que nous ne trouvons pas « *pāda*, *āsa* », comme plus haut *nāma*, *dāça* ? La première explication à laquelle on a recours est infailliblement celle-ci : la différence des traitements tient à la différence des nasales : *pādam* et *āsam* se terminent par un *m*, *nāma* et *dāça* par un *n*. C'est pour prévenir d'avance et définitivement cette solution erronée, que nous nous sommes attaché (p. 29 seq.) à établir que la nasale de *dāça* ne peut être que la nasale labiale ; il faut donc chercher une autre réponse au problème. Voici celle de M. Brugmann (*loc. cit.*, p. 470) : « laissée à elle-même, la langue semble avoir incliné à rejeter la nasale, et dans *dāça* elle a donné libre cours à ce penchant, mais l'*m* dans *pādam* était tenu en bride par celui de *āçva-m*, et dans *āsam* par celui de *ābhara-m*. » Ceci tendrait à admettre une action possible de l'analogie sur le cours des transformations phonétiques, qu'on regarde d'ordinaire comme étant toujours purement mécaniques ; principe qui n'a rien d'inadmissible en lui-même, mais qui demanderait encore à être éprouvé. Si nous consultons les

da nasal.

O grego tem *-as* regularmente: *pód-as*, cf. *híppous*. As formas cretenses como *p^hoiník-ans* só se devem à analogia de *preigeutá-ns* etc. Brugmann *loc. cit.*, p. 299. – O lat. *-ēs* pode descender em linha direta de *-ŋs*, *-ens*; o umbro *nerf* = **nerns*. – O acus. gót. *broþrunns* foi talvez, apesar de sua antiguidade aparente, formado secundariamente de *broþrum*, como o nom. *broþrjus*. Cf. p. 45. || 39

A desinência *-m*. (*Acusativo singular e 1ª pess. do sing.*) O acus. sing. *pádam* e a 1ª pess. do imperf. *ásam* (raiz *as*) decompõem-se em *pād + m*, *ās + m*.

Como é que não encontramos “*páda, ása*”, como acima *náma, dása*? A primeira explicação à qual se recorre é infalivelmente a seguinte: a diferença de tratamento se deve à diferença de nasais: *pádam* e *ásam* terminam em *m*, *náma* e *dása* em *n*. É para prevenir de uma vez por todas essa solução errônea que nós somos obrigados (p. 29 seq) a estabelecer que a nasal de *dása* só pode ser a nasal labial; é preciso então procurar outra resposta para o problema. Eis a de Brugmann (*loc. cit.*, p. 470): “deixada à sua própria sorte, a língua parece ter-se inclinado a rejeitar a nasal, e em *dása* ela deu rédeas soltas a essa inclinação, mas o *m* em *pádam* foi freado pelo de *ásvam*, e em *ásam* pelo de *ábhara-m*.” Isto tenderia a admitir uma ação possível de analogia ao longo das transformações fonéticas, que são consideradas normalmente como sendo sempre mecânicas; princípio que nada tem de inadmissível em si mesmo, mas que exigiria novamente ser provado. Se consultamos as línguas congêneres, o eslavo nos mostra o acus. sing. *matere*¹³⁵ = sânscr. *mātáram*, mas *imę*

¹³⁵Scholvin em sua obra *Die declination in den pannon.-sloven. denkmälern des Kirchensl.* (*Archiv f. Slav. Philol.* II 523), diz que a sintaxe eslava não permite decidir com certeza se *matere* é algo que não um genitivo, e admite que há de fato toda a probabilidade de que essa forma seja realmente vinda de um antigo acusativo.

langues congénères, le slave nous montre l'acc. sing. *matere*⁶⁴ = skr.

mātáram, mais *imę* = skr. *náma* ; le gotique a l'acc. sing. *fadar* = skr. *pitáram*, mais *taihun* = skr. *dáča*. Ceci nous avertit, je crois, d'une différence primordiale. Plus haut nous avons admis qu'un mot indo-européen *stám̃ñ* (skr. *stháma*) restait toujours disyllabique, que, suivi d'une voyelle, il ne devenait point *stāmn*.⁶⁵ On peut se représenter

au contraire que l'acc. *patarm* faisait *patarm_ąpi*, et admettre même que *patarm* restait disyllabique devant les consonnes : *patarm_tasya*.⁶⁶

Sans doute on ne doit pas vouloir poser de règle parfaitement fixe, et la consonne finale du thème amenait nécessairement des variations ; dans les accusatifs comme *bharantm*, une prononciation disyllabique est impossible devant les consonnes. Mais nous possédons encore les indices positifs d'un effort énergique de la langue tendant à ce que l'*m* de l'accusatif ne formât pas une syllabe : ce sont les formes comme skr. *ušám*, zd. *ushām* = **ušásm*, *pánthām*, zd. *pañtām* = **pánthanm*⁶⁷, et une foule d'autres que M. Brugmann a traitées *Stud.*

- 40 307 seq., || K. Z. XXIV 25 seq. Certains cas comme Ζῆν = *dyám*, βῶν = *gám*, semblent remonter plus haut encore. De même, dans le verbe, on a la 1^{re} pers. *vam* = **varm* (Delbrück, *A. Verb.*, p. 24). Si cette prononciation s'est perpétuée jusqu'après la substitution de l'*a* à la nasale

⁶⁴M. Scholvin dans son travail *Die declination in den pannon.-sloven. denkmälern des Kirchensl.* (*Archiv f. Slav. Philol.* II 523), dit que la syntaxe slave ne permet pas de décider avec sûreté si *matere* est autre chose qu'un génitif, concède cependant qu'il y a toute probabilité pour que cette forme soit réellement sortie de l'ancien accusatif.

⁶⁵Pour les neutres en *-man* qui sont dérivés d'une racine terminée par une consonne, c'est la seule supposition possible, attendu que *n* se trouvait alors précédé de deux consonnes (*vakm̃ñ*, *sadm̃ñ*) et que dans ces conditions il était presque toujours forcé de faire syllabe même devant une voyelle. – Pour ce qui est des noms de nombre on remarquera que le dissyllabisme de *saptm̃* est prouvé par l'accent concordant du skr. *saptá*, du gr. ἑπτά et du got. *sibun*, lequel frappe la nasale.

⁶⁶Cf. la prononciation de mots allemands comme *harm*, *lärm*.

⁶⁷Ces formes, pour le dire en passant, sont naturellement importantes pour la thèse plus générale que la désinence de l'accus. des thèmes consonantiques est *-m* et non *-am*.

= sânscr. *nāma*; o gótico tem o acus. sing. *fadar* = sânscr. *pitáram*, mas *taihun* = sânscr. *dása*. Isto nos adverte, creio, sobre uma diferença primordial. Acima admitimos que uma palavra indo-europeia *stám̃n* (sânscr. *stháma*) sempre foi dissilábica e que, seguida de uma vogal, ela não se tornava *stāmn*.¹³⁶ Pode-se imaginar ao contrário que o

acus. *patarm* fazia *patarm₁api*, e admitir até que *patarm* permanecia dissilábico diante de consoantes: *patarm₁tasya*.¹³⁷ Sem dúvida não se

deve querer propor uma regra completamente fixa, e a consoante final do tema acarretava variações, necessariamente; nos acusativos como *bharantm*, uma pronúncia dissilábica é impossível diante de consoantes. Mas ainda temos os indícios positivos de um esforço enérgico da língua que tendia a que o *m* do acusativo não formasse uma sílaba: são as formas como o sânscr. *úṣám*, avést. *ushām* = **úṣásm*, *pánthām*, avést. *pañtām* = **pánthanm*¹³⁸, e uma multidão de outros

de que Brugmann tratou *Stud.* 307 seq., || *K. Z.* XXIV 25 seq. Certos 40 casos como *Zēn* = *dyám*, *bōn* = *gām*, parecem ser ainda mais antigos. Da mesma forma, no verbo, tem-se a 1ª pess. *vam* = **varm* (Delbrück, *A. Verb.*, p. 24). Se essa pronúncia se perpetuou até a substituição da nasal soante pelo *a*, imagina-se que o *m* de *patarm* e *ásm* foi salvo e se desenvolveu então em *-am* por *svarabhakti*. – O gót. *fadar* no lugar de

¹³⁶Para os neutros em *-man* que são derivados de uma raiz terminada por uma consoante, é a única hipótese possível, visto que *n* se encontra então precedido de duas consoantes (*vakm̃n*, *sadm̃n*) e que nessas condições ele é quase sempre forçado a fazer uma sílaba mesmo diante de uma vogal. – Quanto aos nomes de número, será observado que o dissilabismo de *saptm̃n* se prova pelo acento que concorda no *saptá*, no gr. *heptá* e no gót. *sibun*, que cai sobre a nasal.

¹³⁷Cf. a pronúncia de palavras alemãs como *harm*, *lärm*.

¹³⁸Essas formas, diga-se de passagem, são naturalmente importantes para a tese mais geral de que a desinência do acus. dos temas consonânticos seja *-m* e não *-am*.

sonante, on conçoit que l'*m* de *patarm* et *ásm* ait été sauvé et se soit ensuite développé en *-am* par svarabhakti. – Le got. *fadar* pour **fadarm* a perdu la consonne finale, tandis que **tehṃ* se développait en *taihun*. En ce qui concerne la première personne du verbe, M. Paul a ramené le subjonctif *bairau* à **bairaj-u* = skr. *bhárey-[a]m* ; si cet *-u* ne s'accorde guère avec la disparition totale de la désinence dans *fadar*, il laisse subsister du moins la différence avec les noms de nombre, qui ont *-un*. M. Brugmann a indiqué (p. 470) une possibilité suivant laquelle l'acc. *tunḅu* appartiendrait à un thème *tunḅ-* ; l'accord avec *bairāu* serait alors rétabli ; mais pourquoi *fadar* et non « *fadaru* » ? Doit-on admettre une assimilation de l'accusatif au nominatif ? – Le slave **materem*, *matere* doit s'être développé sur **materm* encore avant l'entrée en vigueur de la loi qui a frappé les consonnes finales. La première personne des aoristes non-thématiques *něsŭ*, *nesochŭ* n'est plus une forme pure : elle a suivi l'analogie de l'aoriste thématique. Du côté opposé nous trouvons *imę* pour *imṇ*. – Nous aurions dû faire remarquer plus haut déjà que la règle établie par M. Leskien suivant laquelle un *q* final contient toujours un ancien *ā long* n'entraîne pas d'impossibilité à ce que *ę* dans les mêmes conditions continue une nasale sonante ; car ce dernier phonème a pu avoir une action toute spéciale (cf. got. *taihun* etc. où il a conservé la nasale contre la règle générale), et l'*ę* ne termine le mot que dans ce cas-là. – En grec et en latin les deux finales se sont confondues dans un même traitement.

Mentionnons encore la 1^e pers. du parf. skr. *véd-a*, gr. *οἶδ-α*. Aux yeux de M. Brugmann la désinence primitive est *-m*. Dans ce cas, dit M. Sievers, le germ. *vait* est parti de la 3^e personne, car le descendant normal de *vaidṃ* serait « *vaitun* ».

En résumé, la somme de faits dont il a été question dans ce chapitre et dont nous devons la découverte à MM. Brugman et Osthoff⁶⁸

⁶⁸L'hypothèse des liquides sonantes indo-européennes a été faite il y a deux ans par M. Osthoff, *Beiträge de Paul et Braune* III 52, 61. La loi de correspondance plus générale qu'il établissait a été communiquée avec son autorisation dans les *Mémoires de la Soc. de Ling.* III 282 seq. Malheureusement ce savant n'a donné nulle part de monographie complète du sujet.

**fadarm* perdeu a consoante final, enquanto **tehṃ* se desenvolveu em *taihun*. No que tange à primeira pessoa do verbo, Paul reconstruiu o subjuntivo *bairau* de um **bairaj-u* = sânscr. *bhárey-[a]m*; se esse -u não está de acordo com o desaparecimento total da desinência em *fadar*, deixa subsistir ao menos a diferença com os nomes de número, que têm -un. Brugmann indicou (p. 470) uma possibilidade segundo qual o acus. *tunḡu* pertenceria a um tema *tunḡ-*; o acordo com *bairāu* seria então recuperado; mas por que *fadar* e não “*fadaru*”? Deve-se admitir uma assimilação do acusativo ao nominativo? O eslavo **materem*, *matere* deve ter-se desenvolvido em **materm* ainda antes da entrada em vigor da lei que incidiu sobre as consoantes finais. A primeira pessoa dos aoristos não-temáticos *něsŭ*, *nesochŭ* não é mais uma forma pura: ela seguiu a analogia do aoristo temático. No lado oposto encontramos *imę* no lugar de *imṇ*. – Deveríamos ter mencionado já mais acima que a regra estabelecida por Leskien segundo qual um *q* final sempre contém um antigo *ā* longo não afasta a possibilidade de que *ę* nas mesmas condições continue uma nasal soante; pois este último fonema pôde ter uma ação toda especial (cf. gót. *taihun* etc. onde ele conservou a nasal, contra a regra geral), e *oę* só está no fim da palavra nesse caso. – Em grego e em latim os dois finais são confundidos num mesmo tratamento.

Mencionemos de novo a 1ª pess. do perf. sânscr. *véd-a*, *oīd-a*. Aos olhos de Brugmann a desinência primitiva é -*m*. Nesse caso, diz Sievers, o germ. *vait* vem da 3ª pessoa, pois o descendente normal de *vaidṃ* seria “*vaitun*”.

Em resumo, a soma dos fatos discutidos neste capítulo e cuja descoberta devemos a Brugmann e Osthoff¹³⁹ é extremamente digna

¹³⁹A hipótese das líquidas soantes indo-europeias foi feita faz dois anos por Osthoff, *Beiträge de Paul et Braune* III 52, 61. A lei de correspondência mais geral que ele estabeleceu foi divulgada com sua autorização nos *Mémoires de la Soc. de Ling.* III 282 seq. Infelizmente este estudioso não publicou nenhuma monografia completa sobre o assunto.

est extrêmement digne d'attention. Ces faits trouvent leur explication dans l'hypothèse des mêmes savants de liquides et de nasales sonantes proethniques, que nous regardons à l'avenir comme parfaitement assurée. – Résumons les arguments les plus saillants qui parlent en sa faveur :

1. Pour ce qui est des liquides, quiconque ne va pas jusqu'à nier le lien commun que les faits énumérés ont entre eux, devra reconnaître aussi que l'hypothèse d'un *r* voyelle est celle qui en rend compte de la
41 manière la plus simple, celle qui se présente le plus || naturellement à l'esprit, puisque ce phonème existe, puisqu'on le trouve à cette place dans une des langues de la famille, le sanskrit. – Dès lors il y a une forte présomption pour que les nasales aient pu fonctionner de la même manière.

2. Certaines variations du vocalisme au sein d'une même racine, qui s'observent dans plusieurs langues concordamment, s'expliquent par cette hypothèse.

3. L'identité théorique des deux espèces de nasales sonantes – celles qui doivent se produire par la chute d'un *a* (τατός) et celles qu'on doit attendre de l'adjonction à un thème consonantique d'une désinence commençant par une nasale (ῥῆται) – est vérifiée par les faits phonétiques.

4. Du même coup les dites désinences se trouvent ramenées à une unité : il n'est plus nécessaire d'admettre les doublets : *-anti*, *-nti* ; *-ans*, *-ns* etc.

5. L'idée qu'on avait, que les nasales ont pu dans certains cas être rejetées dès la période proethnique, conduit toujours, si l'on regarde les choses de près, à des conséquences contradictoires. La théorie de

de atenção. Estes fatos encontram sua explicação na hipótese desses estudiosos sobre as líquidas e nasais soantes proétnicas, que consideramos doravante como completamente garantida. – Resumamos os argumentos mais salientes que falam em seu favor:

1. Quanto às líquidas, quem quer que negue o vínculo comum que os fatos enumerados têm entre eles, deverá reconhecer também que a hipótese de um *r* vogal é a que dá conta da maneira mais simples, a que se apresenta o mais || naturalmente à mente, dado 41 que este fonema existe, dado que ele se encontra nesse lugar numa das línguas da família, o sânscrito. Logo há uma fortes indícios de que as nasais possam ter funcionado da mesma forma.

2. Certas variações do vocalismo dentro de uma mesma raiz, que se observam em concordância em muitas línguas, explicam-se por esta hipótese.

3. A identidade teórica das duas espécies de nasais soantes – as que devem-se produzir pela perda de um *a* (^[gr.]*tatós*) e as que devemos esperar da união a um tema consonântico de uma desinência começando por nasal (^[gr.]*hēatai*) – é assegurada pelos fatos fonéticos.

4. Ao mesmo tempo as ditas desinências encontram-se reduzidas a uma unidade: não é mais necessário admitir pares: *-anti*, *-nti* ; *-ans*, *-ns* etc.

5. A ideia que se tinha, de que as nasais puderam em certos casos ser expulsas desde o período proétnico, conduz sempre, se se consideram as coisas de perto, a duas consequências contraditórias.

la nasale sonante supprime ces difficultés en posant en principe que dans la langue mère aucune nasale n'a été rejetée.

En fait d'objections, on pourrait songer à attaquer la théorie précisément sur ce dernier terrain, et soutenir la possibilité du rejet des nasales en se basant sur le suffixe sanskrit *-vaṃs* qui fait *-uṣ* aux cas très faibles ; le grec *-υια* = *-uši* prouve que cette dernière forme est déjà proethnique. Dans l'hypothèse de la nasale sonante la forme la plus faible n'aurait jamais pu donner que *-vas* = *-wṃs*. Mais il est hautement probable, comme l'a fait voir M. Brugmann K. Z. XXIV 69 seq., que la forme première du suffixe est *-was*, qu'il n'a été infecté de la nasale aux cas forts que dans le rameau indien de nos langues, et cela par voie d'analogie.⁶⁹

M. Joh. Schmidt, tout en adhérant en général à la théorie de M. Brugmann dans la recension qu'il en a faite *Jenaer Literaturz.* 1877, p. 735, préférerait remplacer la nasale sonante par une nasale précédée
 42 d'une voyelle irrationnelle : *ās^antai* = ἤαται. Il ajoute : « si || l'on voulait, en se fondant sur *ukṣṇás*, ramener *ukśábhīś* à *ukṣṇbhīś*, il faudrait aussi, pour être conséquent, faire sortir *çvábhis*, *pratyágbhis* de **çunbhís*, *pratígbhís*. » L'argument est des mieux choisis, mais on ne doit pas perdre de vue le fait suivant, c'est que les groupes *i + n*, *u + n*, ou bien *i + r*, *u + r* peuvent toujours se combiner de deux manières différentes, suivant qu'on met l'accent syllabique sur le premier élément ou sur le second – ce qui ne change absolument rien à leur nature. On obtient ainsi : *in* ou *yṇ* (plus exactement *iṇ*), *un* ou *wṇ* (*uṇ*) etc. Or l'observation montre que la langue se décide pour la première ou pour la seconde alternative, suivant que le groupe est suivi d'une voyelle ou d'une consonne : *çu + n + as* devient *çunas*, non

⁶⁹On peut faire valoir entre autres en faveur de celle thèse le mot *anaḍ-vah*, nomin. *anaḍvān* qui vient de la racine *vah* ou de la racine *vadh* : on n'a jamais connu de nasale à aucune des deux. Puis le mot *púmān* dont l'instr. *pumśá* ne s'explique qu'en partant d'un thème *pumas* sans nasale. Il est vrai que ce dernier point n'est tout à fait incontestable que pour qui admet déjà la nasale sonante.

A teoria da nasal soante remove essas dificuldades ao propor em princípio que na língua mãe nenhuma nasal foi expulsa.

Quanto às objeções, poder-se-ia pensar em atacar a teoria precisamente neste último terreno, e propor a possibilidade da rejeição das nasais baseando-se no sufixo sânscrito *-vaṃs* que faz *-úṣ* nos casos muito fracos; o grego *-uia* = *-úṣī* prova que essa última forma já é proétnica. Na hipótese da nasal soante, a forma mais fraca teria podido dar algo diferente de *-vas* = *-wṃs*. Mas é muito provável, como mostra Brugmann K. Z. XXIV 69 seq., que forma primeira do sufixo é *-was*, que ele só foi infectado pela nasal nos casos fortes no ramo indiano das línguas, e isto por analogia.¹⁴⁰

Joh. Schmidt, aderindo completamente, em geral, à teoria de Brugmann na resenha que fez na *Jenaer Literaturz.* 1877, p. 735, preferiria substituir a nasal soante por uma nasal precedida de uma vogal irracional: *āś^antaí* = *hēatai*. Ele acrescenta: “se || se quisesse, 42 baseando-se em *ukṣṇás*, reconstruir *ukṣábhī* de *ukṣṇbhī*, seria preciso também, para ser coerente, fazer descender *śvábhī*, *pratyágbhī* de **śunbhī*, *pratīgbhī*.” O argumento é dos mais bem escolhidos, mas não se deve perder de vista o fato seguinte, de que os grupos *i + n*, *u + n*, ou mesmo *i + r*, *u + r* podem sempre se combinar de duas maneiras diferentes, conforme se ponha o acento silábico no primeiro elemento ou no segundo – o que não muda em absolutamente nada a natureza deles. Obtém-se assim: *in* ou *yṇ* (mais exatamente *ṇ*), *un* ou *wṇ* (*uṇ*) etc. Ora, a observação mostra que a língua se decide pela primeira ou pela segunda alternativa, conforme o grupo é seguido por uma vogal ou uma consoante: *śu + n + as* se torna *śunas*, não *śwṇ(n)as*; *śu +*

¹⁴⁰Pode argumentar, entre outras coisas, a favor desse a palavra *anaḍ-vah*, nom. *anaḍvān* que vem da raiz *vah* ou da raiz *vadh*: nunca houve nasal em nenhuma das duas. Então a palavra *púmān* cujo instr. *pumsá* só se explica partindo-se de um tema *pumas* sem nasal. É verdade que este último ponto só é completamente incontestável para quem admitir já a nasal soante.

çwṇ(n)as ; çu + n + bhis devient çwṇbhis (= çvabhis), non çunbhis. Les liquides attestent très clairement cette règle : la racine *war*, privée de son *a*, deviendra *ur* devant le suff. *-u* : *uru*, mais *wṛ* devant le suff. *-ta*: *vṛta*.⁷⁰

On pourrait encore objecter que *ukṣṇbhis* est une reconstruction inutile, puisque dans *dhaníbhis* de *dhanín* où il n'est pas question de nasale sonante nous remarquons la même absence de nasale que dans *ukšábhish*. Mais les thèmes en *-in* sont des formations obscures, probablement assez récentes, qui devaient céder facilement à l'analogie des thèmes en *-an*. On peut citer à ce propos la forme *maghóṣu* de *maghávan* assurée par le mètre R. V. X 94, 14 dans un hymne dont la prosodie est, il est vrai, assez singulière. Des cas très faibles comme *maghónas* on avait abstrait un thème *maghon-* : de ce thème on tira *maghóṣu*, comme de *ukšan* *ukšásu*.

La chronologie de la nasale sonante est assez claire pour les langues asiatiques où elle devait être remplacée dès la période indo-iranienne par une voyelle voisine de l'*a*, mais qui pouvait en être
43 encore distincte. Pour le cas où la nasale sonante suivie d'une || semi-voyelle apparaît en sanskrit sous la forme *an* (p. 34), le zend *ǵaynvāo* = *ǵaghanvān* prouve qu'à l'époque arienne il n'y avait devant la nasale qu'une voyelle irrationnelle.⁷¹

⁷⁰Les combinaisons de deux sonantes donnent du reste naissance à une quantité de questions qui demanderaient une patiente investigation et qu'on ne doit pas espérer de résoudre d'emblée. C'est pourquoi nous avons omis de mentionner plus haut les formes comme *ćinvánti*, *δεικνύασι* (cf. *δεικνῶσι*) ; *ćinvánt*, cf. *δεικνύς*. La règle qui vient d'être posée semble cependant se vérifier presque partout dans l'arien, et probablement aussi dans l'indo-européen. Certaines exceptions comme *purūn* (et non « *purvas* ») = *puru* + *ns*, pourront s'expliquer par des considérations spéciales : l'accent de *purú* repose sur l'*u* final et ne passe point sur les désinences casuelles – le gén. pl. *purūṇām* à côté de *purúṇām* a un caractère récent – ; l'*u* est par conséquent forcé de rester voyelle : dès lors la nasale sera consonne, et la forme **purúns* se détermine. Les barytons en *-u* auront ensuite suivi cette analogie.

⁷¹Si le skr. *amā* « domi » pouvait se comparer au zd. *nmāna* « demeure », ou aurait un exemple de *a* = *ṇ* produit dans la période indienne. Mais le dialecte des Gāthās a *demāna* (Spiegel, *Gramm. der Ab. Spr.*, p. 346), et cette forme est peut-être plus ancienne ?

n + bhis se torna *śwṅbhis* (= *śvabhis*), não *śunbhis*. As líquidas atestam muito claramente essa regra: a raiz *war*, privada de seu *a*, tornar-se-á *ur* diante do suf. *-u*: *uru*, mas *wṛ* diante do suf. *-ta*: *vṛta*.¹⁴¹

Poder-se-ia objetar ainda que *ukṣṅbhis* é uma reconstrução inútil, pois em *dhaníbhis* de *dhanín* onde a nasal soante está em observamos a mesma ausência da nasal que em *ukṣábhis*. Mas os temas em *-in* são formações obscuras, provavelmente muito recentes, que deviam ceder facilmente à analogia dos temas em *-an*. Pode-se citar quanto a isto a forma *maghóṣu* de *maghávan* confirmada pelo metro *ṚV X 94, 14* num hino onde a prosódia é, é verdade, bastante singular. Dos casos muito fracos como *maghónas* abstraiu-se um tema *maghon-*: desse tema tira-se *maghóṣu*, como de *ukṣan ukṣásu*.

A cronologia da nasal soante é bastante clara para as línguas asiáticas, onde ela deve ter sido substituída desde o período indo-iraniano por uma vogal vizinha ao *a*, mas que podia ser ainda distinta. Para o caso onde a nasal soante seguida de uma || semivogal aparece em sânscrito como *an* (p. 34), o avéstico *jaynvāo* = *jaghanvān* prova que na época ária só havia antes da nasal uma vogal irracional.¹⁴²

¹⁴¹As combinações de duas soantes criam, além disso, uma série de questões que demandariam uma investigação paciente e que não se deve esperar resolver imediatamente. É por isso que omitimos mais acima as formas como *cinvánti*, [gr.] *deiknúasi* (cf. *deiknúsi*); *cinvánt*, cf. *deiknús*. A regra que vem a ser proposta parece, no entanto, verificar-se quase em todas as circunstâncias no ário, e provavelmente também em indo-europeu. Certas exceções como *purūn* (e não “*purvas*”) = *puru + ns*, podem ser explicadas por considerações especiais: o acento de *purú* cai sobre o *u* final e não passa para as desinências casuais – o gen. plur. *purūṅām* junto de *purūṅām* tem um caráter recente –; o *u* é, por conseguinte, forçado a permanecer uma vogal: então a nasal será uma consoante, e a forma **puríns* se define. As paroxítonas em *-u* terão seguido então essa analogia.

¹⁴²Se o sânscr. *amā* “em casa” pudesse ser comparado ao avést. *nmāna* “moradia”, ter-se-ia um exemplo de *a = ŋ* no período indiano. Mas o dialeto dos Gāthās tem *demāna* (Spiegel, *Gramm. der Ab. Spr.*, p. 346), e essa forma é, talvez, mais antiga?

Les indices que fournissent les langues classiques, ceux du moins que j'ai aperçus, sont trop peu décisifs pour qu'il vaille la peine de les communiquer. Dans les langues germaniques, M. Sievers (*Beiträge de P. et B.* V 119) montre que la naissance de l'u devant les sonantes *r, l, m, n, ŋ* date de la période de leur unité et ne se continue point après la fin de cette période. Ainsi le got. *sitls*, c'est-à-dire *sitls*, qui, ainsi que l'a prouvé l'auteur, était encore **set-las* à l'époque de l'unité germanique, n'est point devenu « *situls* ».

§ 3. Complément aux paragraphes précédents.

Il faut distinguer des anciennes liquides et nasales sonantes différents phénomènes de svarabhakti plus récents qui ont avec elles une certaine ressemblance.

C'est ainsi qu'en grec le groupe *consonne + nasale + y* devient *consonne + avy*⁷² : *ποιμν + yω* donne **ποιμανyω*, *ποιμαίνω* ; *τι-τυ + yω*

donne **τιτανyω*, *τιταίνω* ; le dernier verbe est formé comme *ἴζω* qui est pour *σι-σδ-yω* (v. Osthoff, *Das Verbum etc.*, p. 340). Les féminins *τέκταινα* pour **τεκτυ-γα*, *λάκαινα*, *ζύγαινα* etc. s'expliquent de la même manière.

Les liquides sont moins exposées à ce traitement, comme

⁷²On peut néanmoins considérer l'av ainsi produit comme représentant une nasale sonante, la nasale, comme dans le skr. *śaghanvān* = **śaghnvān* (p. 34) ayant persisté devant la semi-voyelle. Ainsi *ποιμαίνω* = *ποιμnyω*. Dans un mot comme **ποιμnyον*, s'il a existé, la langue a résolu la difficulté dans le sens inverse, c'est-à-dire qu'elle a dédoublé y en iy : **ποιμnyον*, grec historique *ποίμνιον*. Nous retrouvons les deux mêmes alternatives dans les adverbes védiques en *-uyā* ou *-vīyā* : **āçwyā* se résout en *āçuyā*, tandis que **urwyā* devient *urvīyā*. Dans ces exemples indiens on ne voit pas ce qui a pu déterminer une forme plutôt que l'autre. Dans le grec au contraire, il est certain que la différence des traitements a une cause très profonde, encore cachée il est vrai ; le suffixe de *ποίμνιον* est probablement non *-γα*, mais *-ια* ou *-iya* : il y a entre *ποιμαίνω* et *ποίμνιον* la même distance qu'entre *ἄζομαι* et *ἄγιος* ou qu'entre *οὔσα* et *οὔσια*. La loi établie par M. Sievers, *Beitr. de P. et B.* V 129, n'éclaircit pas encore ce point.

Os indícios que as línguas clássicas fornecem, ao menos aqueles que eu vi, são bem pouco decisivos para que valha a pena comunicá-los. Nas línguas germânicas, Sievers (*Beiträge de P. et B. V 119*) mostra que o nascimento do *u* diante das soantes *r, l, ŋ, ŋ, ŋ* data do período de sua unidade, e não continua depois do fim desse período. Assim, o gót. *sitls*, isto é *sitʌs* que, assim como provou o autor, era ainda **set-las* na época da unidade germânica, não se tornou “*situls*”.

0.1.4 § 3. Complemento aos parágrafos precedentes.

É preciso distinguir das antigas líquidas e nasais soantes diferentes fenômenos de svarabhakti mais recentes que têm com elas alguma semelhança.

É assim que em grego o grupo *consonne + nasale + y* torna-se *consonne + any*¹⁴³: *poimn + yō* dá **poimanyō, poimaínō*; *ti-tn + yō* dá **titanyō,*

titaínō; o último verbo é formado como *hízō* que está no lugar de *si-sd-yō* (v. Osthoff, *Das Verbum etc.*, p. 340). Os femininos *téktaina* no lugar de **tektn-ya, Láakaina, zúgaina* etc. explicam-se da mesma forma.

As líquidas são menos sujeitas a esse tratamento, como mostra,

¹⁴³Pode-se no entanto considerar o *an* assim criado como representando uma nasal soante; a nasal, como no sânscr. *jaghanvân = *jaghṇwân* (p. 34) tendo persistido diante da semivogal. Igualmente *poimaínō = poimnyō*. Numa palavra como **poimnyon*, se tiver existido, a língua resolveu a dificuldade no sentido inverso, quer dizer, ela dividiu o *y* em *iy*: **poímnion*, grego histórico *poímnion*. Encontramos as mesmas duas alternativas nos advérbios védicos em *-uyā** ou *-viyā*: **āçwyā* se resolve em *āsuyā*, enquanto que **urwyā* torna-se *urviyā*. Nesses exemplos indianos não se vê o que exatamente poderia determinar uma forma e não outra. No grego, ao contrário, é certo que a diferença de tratamento tem uma causa muito profunda, ainda que escondida é verdade; o sufixo de *poímnion* é provavelmente não *-ya*, mas *-ia* ou *-iya*: tem-se entre *poimaínō* e *poímnion* a mesma distância que entre *házomai* e *hágios* ou entre *oūsa* e *ousía*. A lei fixada por Sievers, *Beitr. de P. et B. V 129*, não ainda esclareceu este ponto.

l'indique par exemple ψάλτρια en regard de Λάκαινα. Le verbe ||
 44 ἔχθαίρω dérive peut-être du thème ἔχθρό, mais les lexicographes
 donnent aussi un neutre ἔχθαρ. – En revanche l'éolique offre:
 Πέρραμος = Πρίαμος, ἀλλότερρος = ἀλλότριος, μέτερρος = μέτριος,
 κόπερρα = κόπρια (Ahrens I 55) ; ces formes sont bien dans le ca-
 ractère du dialecte : elles ont été provoquées par le passage de l'i à la
 spirante jod – d'où aussi φθέρρω, κτέννω – qui changea Πρίαμος en
 *Πρjαμος. C'est alors que la liquide développa devant elle une voyelle
 de soutien, qui serait certainement un α dans tout autre dialecte,
 mais à laquelle l'éolien donne la teinte ε. Dans des conditions autres,
 ἄμ-ǎ est, suivant une explication que M. Brugmann m'autorise à
 communiquer, sorti de *σμ-α qui est l'instrumental de εἷς « un »
 (thème *sam-*), tandis que μία pour *σμ-ία (Curtius, *Grdz.* 395) s'est
 passé du soutien vocalique.

On peut ramener la prépos. ἄνευ à *σνευ qui serait le locatif de *snu*
 « dos » ; le Vêda a un loc. *sāno* qui diffère seulement en ce qu'il vient
 du thème fort. Pour le sens cf. νόσφι (*Grdz.* 320). On trouve du reste
 en sanskrit : *sanutár* « loin », *sánutya* « éloigné » qui semblent être
 parents de *snu* ; *sanutár* est certainement pour *snutár* ; cf. *sanúbhis* s. v.
snú chez Grassmann. Ce savant fait aussi de *sanitúr* un adverbe voisin
 de *sanutár* ; dans ce cas le got. *sundro* nous donnerait l'équivalent
 européen. Cf. enfin le latin *sine*.

La 1^{re} pers. du pl. ἐλύσαμεν est pour *ἐλυσμεν. Cette forme est
 avec ἔλυσα, ἔλυσαν et le part. λύσας la base sur laquelle s'est édifié
 le reste de l'aoriste en -σα.

L'aor. ἔκτανον de κτεν appartient à la même formation que ἔ-σχ-
 ον (p. 10 seq.). Il doit son α à l'accumulation des consonnes dans *ἐ-
 κτην-ον. L'α de ἔδραμον a la même origine, à moins, ce qui revient
 assez au même, que ρα ne représente r̥ et qu'on ne doive assimiler
 ἔδραμον à ἔτραπον. – σπαρέσθαι, s'il existe (Curtius *Verb.* II 19), re-

45 monte semblablement à *σπρέσθαι.⁷³ ||

⁷³Les aoristes du passif en -θη et en -η sont curieux, en ce sens que la racine prend chez eux la forme réduite, et cela avec une régularité que la date récente de ces formations ne faisait pas attendre. Exemples : ἐτάθη, ἐτάρφθη ; ἐκλάπη, ἐδράκη. A l'époque où ces aoristes prirent naissance, non seulement une racine δερκ avait perdu la faculté de devenir δγκ, mais il n'est même plus question d'existence propre des racines ; leur vocalisme est donc emprunté à d'autres thèmes verbaux (par exemple l'aoriste thématique actif, le parfait moyen), et il nous apprend seulement que le domaine des liquides et nasales sonantes était autrefois fort étendu. Néanmoins certaines formes de l'aor. en -η restent inexplicables : ce sont celles comme ἐάλη, ἐδάρη, où αλ, αρ est suivi d'une voyelle. Ces formes, comme nous venons de voir, se présentent et se justifient à l'aoriste actif *après une double consonne*, mais non dans d'autres conditions : il faut donc que ἐάλη, ἐδάρη soient formés secondairement sur l'analogie de ἐτάρπη, ἐδράκη etc., qui eux-mêmes s'étaient dirigés sur ἐταρπόμεν, ἔδρακον etc.

por exemplo, *psáltria* junto de *Λákaina*. O verbo || *ek^ht^hairō* deriva talvez do tema *ek^ht^hhró*, mas os lexicógrafos dão também um neutro *ék^ht^har*. – Por outro lado o eólico oferece: *Pérramos* = *Príamos*, *allóterros* = *allótrios*, *méterros* = *métrios*, *kóperra* = *kópria* (Ahrens I 55); essas formas são bem da **índole** do dialeto: elas foram provocadas pela passagem do *i* à espirante iode – donde também *p^ht^hérrō*, *kténnō* – que transformou *Príamos* em **Prjamos*. É então que a líquida se desenvolveu diante dela uma vogal de apoio, que seria certamente um *a* em qualquer outro dialeto, mas à qual o eólico dá a coloração ^[gr.]*e*. Em outras condições, *hám-ã* vem, seguindo uma explicação que Brugmann me autoriza a comunicar, de **sm-a* que é o instrumental de *ehīs* “um” (tema *sam-*), enquanto que *mía*, no lugar de **sm-ía* (Curtius, *Grdz.* 395), preferiu não usar o apoio vocálico.

Pode-se reconstruir a prepos. *áneu* de **sneu* que seria o locativo de *snu* “trás”; o Veda tem um loc. *sāno* que difere somente em que ele vem do tema forte. Quanto ao sentido cf. *nósp^hi* (*Grdz.* 320). Encontra-se além disso em sânscrito: *sanutár* “longe”, *sánutya* “afastado” que parecem ser parentes de *snu*; *sanutár* está certamente no lugar de *snutár*; cf. *sanúbhis* s.v. *snú* em Grassmann. Este estudioso faz, também de *sanitúr* um advérbio vizinho de *sanutár*; neste caso o gót. *sundro* nos daria o equivalente europeu. Cf. por fim o latim *sine*.

A 1ª pess. do pl. ^[gr.]*elúsamen* vem de **elusmen*. Essa forma é, junto de *élusa*, *élusan* e o part. *lúsas*, a base sobre que se edificou o resto do aoristo em *-sa*.

O aor. *éktanon* de ^[gr.]*kten* pertence à mesma formação que *é-sk^h-on* (p. 10 seq.). Ele deve seu *a* ao acúmulo de consoantes em **e-ktn-on*. O *a* de *édramon* tem a mesma origem, ao menos, o que dá bem no mesmo, que *ra* não representa *r̥* e que não se devia assimilar *édramon* à *étrapon*. – *sparést^hai*, se existir (Curtius *Verb.* II 19), vem provavelmente de

*sprést^hai.¹⁴⁴ ||

¹⁴⁴Os aoristos do passivo em [gr.]-t^hē e em -ē são curiosos, pois a raiz toma junto deles a forma reduzida, e isto com uma regularidade que a data recente dessas formações não nos faria esperar. Exemplos: *etát^hēn*, *etárp^ht^hēn*; *eklápēn*, *edrákēn*. À época onde esses aoristos surgiram, não só uma raiz *derk* tinha perdido a capacidade de se tornar *dyk*, mas não é nem mesmo questão da existência de raízes; o seu vocalismo é, logo, emprestado de outros temas verbais (por exemplo o aoristo temático ativo, o perfeito médio), e ele nos ensina somente que o domínio das líquidas e nasais soantes era antigamente bem abrangente. No entanto, certas formas do aoristo em -ē continuam inexplicadas: formas como *eálēn*, *edárēn*, onde *al*, *ar* é seguido por uma vogal. Essas formas, como veremos, apresentam-se e se justificam num aoristo ativo após uma consoante dupla, mas não em outras condições: [gr.]*eálēn*, *edárēn* devem ter sido formadas secundariamente, então, por analogia de *etárpēn*, *edrákēn* etc., que em si mesmas seguiram o modelo de *etarpómēn*, *édracon* etc.

Le germanique est très riche en phénomènes de ce genre ; c'est, comme on pouvait attendre, l'u qui tient ici la place de l'a grec. M. Sievers (loc. cit., p. 119) ramène la 1^e pers. pl. parf., *bitum* à *bitm̄* né lors de la chute de l'a de *(bi)bitmá. Cf. plus haut p. 11 i. n. – M. Sievers explique semblablement *lauhmuni*, p. 150.

M. Osthoff considère le dat. pl. *broþrum* (l'u de ce cas est commun à tous les dialectes germaniques) comme étant pour *broþrm*, skr. *bhrátr̥bhyas*. Mais il reste toujours la possibilité que la syllabe *um* soit ici de même nature que dans *bitum*. En d'autres termes l'accent syllabique pouvait reposer sur la nasale, aussi bien que sur la liquide. Cf. les datifs du pluriel gotiques *bajoþum*, *menoþum*, où la liquide n'est point en jeu.

Quant aux participes passifs des racines à liquides ou à nasales de la forme A (p. 9), comme *baurans* en regard du skr. *babhrāṇá*, il faut croire que la voyelle de soutien est venue, le besoin d'ampleur aidant, de certains verbes où la collision des consonnes devait la développer mécaniquement, ainsi dans *numans* pour **nmans*, *stulans* pour **stlans*. Ajoutons tout de suite que les formes indiennes comme *ça-çram-āṇá* (= *ça-çr̥m̄m-āṇá*) présentent le même phénomène, et que dans certaines combinaisons il date nécessairement de la langue mère. En thèse générale, les insertions récentes dont nous parlons se confondent souvent avec certains phonèmes indo-européens dont

O germânico é muito rico em fenômenos desse tipo; é que, como se poderia esperar, o *u* que tem aqui o lugar do *a* grego. Sievers (loc. cit., p. 119) reconstrói a 1ª pess. pl. do perf., *bitum* como *bitŭ* nascido durante a queda do *a* de **(bi)bitmá*. Cf. acima p. 11 i. n. – Sievers explica *lauhmuni* similarmente, p. 150.

Osthoff considera o dat. pl. *broþrum* (o *u* deste caso é comum a todos os dialetos germânicos) como estando no lugar de *broþŕm*, sânscr. *bhrátŕbhyas*. Mas resta sempre a possibilidade de que a sílaba *um* seja aí da mesma natureza que em *bitum*. Em outras palavras, o acento silábico podia cair tanto na nasal como na líquida. Cf. os dativos do plural góticos *bajoþum*, *menoþum*, onde a líquida não está em jogo.

Quanto aos participios passivos de raízes em líquida ou às nasais da forma A (p. 9), como *baurans* em face do sânscr. *babhrāṇá*, deve-se crer que a vogal de apoio veio, com ajuda da necessidade de alongamento, de certos verbos onde a colisão de consoantes deve tê-la desenvolvido mecanicamente, como em *numans* no lugar de **nmans*, *stulans* de **stlans*. Acrescentamos logo que as formas indianas como *śa-śram-āṇá* (= *śa-śrṃm-āṇá*) apresentam o mesmo fenômeno, e que em certas combinações ele data necessariamente da língua mãe. Numa tese geral, as inserções recentes de que falamos confundem-se frequentemente com certos fonemas indo-europeus de que falare-

nous aurons à parler plus tard, et qu'il suffit d'indiquer ici par un exemple : got. *kaurus* = gr. βαρύς, skr. *gurú*.

On sait l'extension qu'a prise dans l'italique le développement des voyelles irrationnelles. Le groupe ainsi produit avec une liquide coïncide plus ou moins avec la continuation de l'ancienne liquide sonante ; devant *m* au contraire nous trouvons ici *e*, là *u* : (*e*)*sm*(*i*) devient *sum*, tandis que *pedm* devient *pedem*. Un *n* semble préférer la voyelle *e* : *genu* est pour **gnu*, *sinus* pour **snus* (skr. *snú* Fick, W. I³ 226).

En zend, ce genre de phénomènes pénètre la langue entière ; c'est en général un *e* qui se développe de la sorte. – Le sanskrit insère un *a* devant les nasales ; nous en avons rencontré quelques cas précédemment ; la prosodie des hymnes védiques permet, comme on sait, d'en
46 restituer un grand nombre. D'autres fois l'*a* se || trouve écrit : *tatane* à côté de *tatné*, *kšamá* à côté de *kšmás*. L'accent de *kšamá* suffirait pour déterminer la valeur de son *a* ; si cet *a* avait été de tout temps une voyelle pleine, il porterait le ton : « *kšámā* ».

En quittant les liquides et nasales sonantes, phonèmes dûs la plupart du temps à la chute d'un *a*, il est impossible de ne pas mentionner brièvement le cas où l'*a* est empêché d'obéir aux lois phonétiques qui demandent son expulsion. Ce cas ne se présente jamais pour les racines de la forme A et B (p. 9), le coefficient sonantique étant toujours prêt à prendre le rôle de voyelle radicale. Au contraire les racines de la forme C ne peuvent, sous peine de devenir imprononçables, se départir de leur *a* que dans certaines conditions presque exceptionnelles.

Devant un suffixe commençant par une *consonne* elles ne le pourront jamais.⁷⁴ Les formes indiennes comme *taptá*, *sattá*, *taštá*, les

⁷⁴On a cependant en sanskrit *gdha*, *gdhi*, *sá-gdhi*, zd. *ha-yδaīhu*, venant de *ghas* par expulsion de l'*a* et suppression de la sifflante (comme dans *pumbhís*).

mos mais tarde, e que basta indicar aqui por um exemplo: gót. *kaurus* = gr. *barús*, sânscr. *gurú*.

A extensão que assumiu no itálico o desenvolvimento das vogais irracionais é sabida. O grupo assim produzido com uma líquida coincide mais ou menos com a continuação de uma antiga líquida soante; diante de *m* ao contrário encontramos *e* aqui, *u* lá: *(e)sm(i)* torna-se *sum*, enquanto *pedṃ* torna-se *pedem*. Um *n* parece preferir a vogal *e*: *genu* está no lugar de **gnu*, *sinus* de **snus* (sânscr. *snú* Fick, W. I³ 226).

Em avéstico, esse tipo de fenômeno penetra na língua inteira; é em geral um *e* que se desenvolve dessa forma. – O sânscrito insere um *a* diante das nasais; encontramos alguns casos anteriormente; a prosódia dos hinos védicos permite, como se sabe, restituir um grande número deles. Outras vezes o *a* se || acha escrito: *tatane* ao lado de *tatné*, *kṣamā* ao lado de *kṣmās*. O acento de *kṣamā* bastaria para determinar o valor de seu *a*; se esse *a* tivesse tido sempre uma vogal plena, ele levaria o acento: “**kṣámā*”.

Deixando as líquidas e nasais soantes, fonemas criados na maior parte do tempo pela perda de um *a*, é impossível deixar de mencionar brevemente o caso onde o *a* é impedido de obedecer às leis fonéticas que exigem a sua expulsão. Esse caso não se apresenta nunca nas raízes da forma A e B (p. 8), o coeficiente sonântico sendo sempre disponível para tomar o papel de vogal radical. Ao contrário, as raízes da forma C só podem, sob pena de se tornarem impronunciáveis, renunciarem ao seu *a* em certas condições quase excepcionais.

Diante de um sufixo começando por uma *consoante* elas não poderão jamais.¹⁴⁵ As formas indianas como *taptá*, *sattá*, *taṣṭá*, as formas

¹⁴⁵Tem-se no entanto em sânscrito *gdha*, *gdhi*, *sá-gdhi*, avést. *ha-ydāñhu*, vindo de *ghas* pela expulsão do *a* e supressão da sibilante (como em *pumbhís*).

formes grecques comme ἐκτός, σκεπτός etc., pouvaient-elles perdre leur *a*, leur *ε* ? Non, évidemment ; et par conséquent elles n'infirmement en aucune façon le principe de l'expulsion de l'*a*.

Le suffixe commence-t-il par une *voyelle* et demande-t-il en même temps l'affaiblissement de la racine, cet affaiblissement pourra avoir lieu dans un assez grand nombre de cas. Nous avons rencontré plus haut σχ-εῖν, σπ-εῖν, πτ-έσθαι etc. des racines σεχ, σεπ, πετ etc. En sanskrit on a par exemple *bá-ps-ati* de *bhas*, *á-kš-an* de *ghas*, lequel donne aussi par un phénomène analogue la racine secondaire *ḡa-kš*. Le plus souvent l'entourage des consonnes ne permettra pas de se passer de l'*a*. Prenons par exemple le participe parfait moyen sanskrit, lequel rejette l'*a* radical : les racines *bhar* de la forme A et *vart* de la forme B suivront la règle sans difficulté : *ba-bhr-āṇá*, *vavṛt-āṇá*. De même *ghas*, bien qu'étant de la forme C, donnerait s'il se conjugait au moyen : **ḡa-kš-āṇá* ; mais telle autre racine de la forme C, *spaç* par exemple, sera contrainte, de garder l'*a* : *pa-spaç-āṇá*. Ce simple fait éclaire tout un paradigme germanique : à *babhrāṇá* répond le got. *baurans*, à *vavṛtāṇá* le got. *vaurþans* ; le type *paspaçāṇá*, c'est *gibans*. Tous les verbes qui suivent l'*ablaut giba, gab, gebun, gibans*, ont au participe passif un *e (i)* pour ainsi dire illégitime et qui, bien
47 que très ancien, n'est là que par raccroc. ||

Il y a dans les différentes langues une multitude de cas de ce genre, que nous n'avons pas l'intention d'énumérer ici. La règle pratique très simple qui s'en dégage, c'est que, lorsqu'on pose la question : «telle classe de thèmes a-t-elle l'habitude de conserver ou de rejeter l'*a (e)* radical ?», on doit se garder de prendre pour critère des formes où l'*a (e)* ne pouvait pas tomber.

C'est ici le lieu de parler brièvement de ce qui se passe dans les

gregas como *hektós*, *skeptós* etc., por acaso podiam perder seu *a*, seu *e*? Não, evidentemente; e por conseguinte elas não invalidam de modo algum o princípio de expulsão do *a*.

Se o sufixo começar por uma vogal e exigir ao mesmo tempo o enfraquecimento da raiz, esse enfraquecimento poderá ter lugar num grande número de casos. Encontramos acima *sk^h-eîn*, *sp-eîn*, *pt-ést^hai* etc. de raízes *sek^h*, *sep*, *pet* etc. Em sânscrito tem-se por exemplo *bá-ps-ati* de *bhas*, *á-kṣ-an* de *ghas*, que dá também por um fenômeno análogo a raiz secundária *ja-kṣ*. Mais frequentemente o ambiente de consoantes não permitirá perder o *a*. Vejamos por exemplo o particípio perfeito médio em sânscrito, que rejeita o *a* radical: as raízes *bhar* da forma A e *vart* da forma B seguirão a regra sem dificuldade: *ba-bhr-āṇá*, *va-vṛt-āṇá*. Igualmente *ghas*, ainda que tendo a forma C, daria se se conjugasse no médio: **ja-kṣ-āṇá*; mas esta outra raiz da forma C, *spas* por exemplo, será forçada a manter o *a*: *pa-spas-āṇá*. Este fato simples esclarece todo um paradigma germânico: a *babhrāṇá* responde o gót. *baurans*, a *vavṛtāṇá* o gót. *vaurþans*; o tipo *paspasāṇá* é *gibans*. Todos os verbos que seguem o Ablaut *giba*, *gab*, *gebun*, *gibans* têm no particípio passivo um *e* (*i*) ilegítimo, por assim dizer, e que, ainda que muito antigo, só está aí por acaso. ||

47

Há nas diferentes línguas uma multidão de casos desse tipo, que não temos intenção de enumerar aqui. A regra prática bem simples que surge quando se propõe a questão: “tal classe de temas tem o hábito de conservar ou de rejeitar o *a* (*e*) radical?”, deve-se ter cuidado de tomar como critério formas onde o *a* (*e*) não podia cair.

Aqui é o lugar para falar brevemente do que acontece nas raízes

racines dont *as* et *wak* peuvent servir d'échantillons. Il est permis à la rigueur de les joindre au type C ; mais chacun voit que la nature sonantique de la consonne initiale chez *wak* et son absence totale chez *as* créent ici des conditions toutes particulières.

Chez les racines comme *as*, peu nombreuses du reste, la chute de l'*a* n'entraîne point de conflit ni d'accumulation de consonnes. Elle est donc possible, et en temps et lieu elle devra normalement se produire. De là la flexion indo-européenne : *ás-mi*, *ás(-s)i*, *as-ti* ; *s-mási*, *s-tá* etc. Optatif : *s-yám*. Impératif : (?) *z-dhí* (zend *zdī*). Voy. Osthoff, K. Z. XXIII 579 seq. Plus bas nous rencontrerons skr. *d-ánt*, lat. *d-ens*, participe de *ad* « manger ».

La racine *wak* est en sanskrit *vaç* et fait au pluriel du présent *uç-más* ; on a semblablement *iš-ṭá* de *yaç*, *ṛḡ-ú* de *raç* etc. Quel est ce phénomène ? Un affaiblissement de la racine, sans doute ; seulement il est essentiel de convenir que ce mot *affaiblissement* ne signifie jamais rien autre chose que *chute de l'a*. C'est laisser trop de latitude que de dire avec M. Brugmann (*loc. cit.*, p. 324) « *Vocalwegfall* unter dem Einfluß der Accentuation ». Entre autres exemples on trouve cités à cette place indo-eur. *snusá* « bru » pour *sunusá*, skr. *strī* « femme » pour **sutrī*. Lors même que dans ces mots un *u* serait tombé (la chose est indubitable pour le véd. *çmasi* = *uçmási*), il s'agirait ici d'un fait absolument anormal qu'on ne saurait mettre en parallèle et qui est plutôt en contradiction avec la loi de l'expulsion de l'*a*, car un corollaire de cette loi, c'est précisément que les *coefficients de l'a* se maintiennent. Gardons-nous aussi de prononcer le mot *samprasāraṇa* : ce terme, il est vrai, désigne simplement le passage d'une semi-voyelle à l'état de voyelle ; mais en réalité il équivaut dans tous les ouvrages de linguistique à : rétrécissement des syllabes *ya*, *wa*, *ra* (*ye*, *we* ; *yo*, *wo*) en *i*, *u*, *ṛ*. Dans l'esprit de celui qui emploie le mot

de que *as* e *wa* podem servir de amostra. É possível, a rigor, juntá-las à forma *C*; mas todos vêem que a natureza sonântica da consoante inicial em *wak* e sua ausência total em *as* criam aqui condições bem particulares.

Nas raízes como *as*, pouco numerosas além disso, a perda do *a* não causa nenhum conflito nem acúmulo de consoantes. A perda é assim possível, e no devido tempo ela deverá acontecer normalmente. Daí a flexão indo-europeia: *ás-mi*, *ás(-s)i*, *as-ti*; *s-mási*, *s-tá* etc. Optativo: *s-yám*. Imperativo: (?) *z-dhí* (avéstico *zdī*). Veja-se Osthoff, *K. Z.* XXIII 579 seq. Abaixo encontraremos sânscr. *d-ánt*, lat. *d-ens*, particípio de *ad* “comer”.

A raiz *wak* é em sânscrito *vaś* e faz no plural do presente *uś-más*; há semelhantemente *iṣ-ṭá* de *yaj*, *ṛj-ú* de *raj* etc. Que fenômeno é esse? Um enfraquecimento da raiz, sem dúvida; só é essencial concordar que essa palavra, *enfraquecimento*, não significa nada mais que a perda do *a*. É permitir flexibilidade demais dizer com Brugmann (*loc. cit.*, p. 324) “*Vocalwegfall* unter dem Einfluß der Accentuation”¹⁴⁶.

Entre outros exemplos encontram-se citados aqui o indo-eur. *snusá* “nora” no lugar de *sunusá*, sânscr. *strī* “mulher” no lugar de **sutrī*. Mesmo quando nessas palavras um *u* caia (o que é indubitável para o véd. *śmasi* = *uśmási*), tratar-se-ia aqui de um fato absolutamente anormal e sem paralelo e que está, além disso, em contradição com a lei da expulsão do *a*, pois um corolário dessa lei é precisamente que os *coeficientes do a* se mantêm. Cuidemos também de dizer a palavra *samprasāraṇa*: este termo, é verdade, designa simplesmente a passagem de uma semivogal ao estado de vogal; mas na verdade equivale em todas as obras de linguística a: estreitamento das sílabas *ya*, *wa*, *ra* (*ye*, *we* ; *yo*, *wo*) em *i*, *u*, *ṛ*. Na mente daquele que emprega a palavra *samprasāraṇa*, é inevitavelmente a ideia de uma ação especial

¹⁴⁶“Eliminação da vogal pela influência da acentuação”.

samprasāraṇa, il y a inévitablement l'idée d'une action spéciale de *y*, *w*, *r* sur la voyelle qui suit, et d'une force absorbante dont jouiraient ces phonèmes. Si tel est le sens qu'on attache au mot *samprasāraṇa*,
 48 il faut affirmer || nettement que les affaiblissements proethniques n'ont rien à faire avec le *samprasāraṇa*. L'a tombe, voilà tout. Et ce n'est point par plusieurs phénomènes différents, mais bien par un seul et même phénomène que *pa-pt-ús* est sorti de *pat*, *s-mási* de *as*, *rih-mási* de *raigh*, *uç-mási* de *wak*. – D'ailleurs, lorsque dans des périodes plus récentes nous assistons véritablement à l'absorption d'un *a* par *i* ou *u*, la voyelle qui en résulte est dans la règle une longue.

Plus haut, nous n'avons fait qu'indiquer ce mode de formation des liquides sonantes, ainsi *τρέπω* donnant *ἔτραπον* ; *mṛdú*, *pṛthú* des racines *mrad* et *prath*. La liste serait longue. Il vaut la peine de noter le gr. *τρεφ* qui, outre *ἔτραπον* et *τέθραμμαί*, présente encore la sonante régulière dans l'adjectif *ταρφύς*.

de *y*, *w*, *r* sobre a vogal que segue, e de uma força absorvente que esses fonemas experimentariam. Se este é o sentido que se associa à palavra *samprasāraṇa*, deve-se afirmar || claramente que os enfra- 48 quecimentos proétnicos não têm nada a ver com o *samprasāraṇa*. O *a* cai, e é tudo. E não é por vários fenômenos diferentes, mas para um só fenômeno que *pa-pt-ús* vem de *pat*, *s-mási* de *as*, *rih-mási* de *raigh*, *uś-mási* de *wak*. – De toda forma, quando nos períodos mais recentes vemos realmente a absorção de um *a* por *i* ou *u*, a vogal que resulta é, pela regra, uma longa.

Acima nós indicamos meramente este modo de formação das líquidas soantes, assim ^[gr.]*trépō* dando *étrapon*; *mṛdú*, *pṛthú* das raízes *mrad* e *prath*. A lista seria longa. Vale a pena notar o gr. *trep^h* que, além de *étrap^hon* e *tét^hrammai*, apresenta ainda a soante regular no adjetivo *tarp^hús*.

Considerações Finais

Esta pesquisa investigou, sobretudo o contexto e o conteúdo do *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* de Ferdinand de Saussure, tanto em seu contexto como em seu conteúdo. Quanto ao contexto, buscamos recuperar a história externa dos desenvolvimentos no campo da Gramática Comparada desde o seu começo, com a ‘chegada’ do sânscrito ao Ocidente no começo do século XIX, até as vésperas da publicação do *Mémoire*, em 1879. Mapeamos, ainda que limitadamente, a relação entre os estudiosos que constam no horizonte de retrospeção de Saussure, tanto entre eles mesmos, como entre eles e os pioneiros do Comparativismo.

Ademais, recuperamos uma série de conceitos que operavam nessa linha de investigação, e que definiam, ao mesmo tempo, os problemas que seus estudiosos buscavam resolver, e o modo como se propunham a resolvê-los. Vimos, por exemplo, a longevidade do pressuposto de que havia apenas três vogais no indo-europeu, desde Bopp (1816) até depois da publicação do *Mémoire*. Vimos também os conceitos de *mecanicidade* e *organicidade*, tão antigos quanto o campo de pesquisa, de que também Saussure se vale em seu trabalho.

Em especial, investigamos o sentido de *sistema* no *Mémoire* de Saussure, a partir do uso que a palavra tem no texto mesmo, e das acepções encontradas em publicações vizinhas à sua publicação. Parece-nos que aqueles que vêem neste *sistema de vogais* algum parentesco com o *sistema* do *Curso de Linguística Geral* fazem-no somente por meio

de uma leitura anacrônica do¹⁴⁷ *Mémoire*.

Dessa forma, esperamos ter contribuído, com esta dissertação, ao fornecer uma introdução ao *Mémoire* de Saussure, sobre cuja dificuldade de leitura todos os autores parecem concordar. Buscamos, neste trabalho, escrever um texto parcimonioso, que nem fosse hagiográfico, exaltando Saussure como um herói sobre-humano, nem excessivamente crítico, ao notar todas as divergências que a reconstrução de Saussure tem com a reconstrução de hoje, de mais de um século depois.

Quanto à crítica, é patente, a quem quer que tenha estudado o indo-europeu com algum cuidado, que Saussure ‘erra’ ao reconstruir a raiz **v_{pel}* ‘encher’ ao invés de **v_{pla}₁A*, com o coeficiente sonântico, mesmo que em grego antigo a forma do presente seja *pímplēmi* (na página 14); ou que tenha conjecturado que o particípio perfeito passivo grego *batós* possa vir do grau-zero de uma raiz **bā*, mesmo que se proponha antes a alternativa aceita hoje, de que seja o grau-zero da raiz **v_g^wem*, que ele reconstroi como **v_g₂am*, na notação de Ascoli (na página 23). Consensos como esse levaram décadas para serem construídos, e foram corroborados pela descoberta do hitita (em 1917) e do micênico (em 1952). Tendo falecido em 1913, parecemos razoável que Saussure seja excusado por não ser onisciente.

Esperamos que nossa tradução do primeiro capítulo do *Mémoire* sirva como digna contribuição epi-historiográfica, e que possa minorar a dificuldade ao se enfrentar uma obra, até para os contemporâneos de Saussure, tão difícil.

¹⁴⁷ Chegou ao nosso conhecimento, já depois de completa esta dissertação, o artigo precioso de Stanislao Sofia (SOFIA 2017), em que o autor também se debruça sobre a noção de *sistema* no *Mémoire* de Saussure, e cuja conclusão coaduna com a nossa:

Seria, pois, um erro – que se repita, para concluir – afirmar que a noção de ‘sistema’ está ausente do *Mémoire*, mas afirmar que o conceito está presente nele comportaria, igualmente, um erro de interpretação: não há, neste texto, nem uma delimitação consciente e refletida, nem uma definição do que seria um ‘sistema’. (SOFIA 2017: 59)

Bibliografia

- ADELUNG, Johann Christoph (1801). *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der hochdeutschen Mundart: mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen*. JGI Breitkopf.
- ALLEN, William Sidney (1962). *Sandhi: The Theoretical, Phonetic, and Historical Bases of Word-Juncture in Sanskrit*. Vol. 17. *Janua Linguarum*. 's-Gravenhage: Mouton & Co.
- ALTER, S.G. (2005). *William Dwight Whitney and the Science of Language*. The Johns Hopkins University Studies in Historical and Political Science. Johns Hopkins University Press.
- AMSTERDAMSKA, Olga (1987). *Schools of thought: The development of linguistics from Bopp to Saussure*. Vol. 6. Springer Science & Business Media.
- (2012). *Schools of thought: The development of linguistics from Bopp to Saussure*. Vol. 6. Springer Science & Business Media.
- ASCOLI, Graziadio Isaia (1870). *Corsi di glottologia*. Torino e Firenze: E. Loescher.
- AUROUX, Sylvain (1992). “O nascimento das metalinguagens”. Em: *A revolução tecnológica da gramatização*, 11–34.
- AUROUX, Sylvain et al. (2000). *History of the Language Sciences*. Vol. 18.1. *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)*. de Gruyter Mouton.
- BENES, Tuska (2008). *In Babel's Shadow: Language, Philology, and Nation in Nineteenth Century Germany (Kritik: German Literary Theory and*

- Cultural Studies*). Kritik: German Literary Theory and Cultural Studies. Detroit: Wayne State University Press.
- BENWARE, W.A. (1974). *The Study of Indo-European Vocalism in the 19th Century: From the Beginnings of Whitney and Scherer: a Critical-historical Account*. Vol. 3. Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Benjamins.
- BERGOUNIOUX, Gabriel (2009). "L'ENJEU DE L'APOPHONIE DANS LE MÉMOIRE SOIXANTE ANNÉES D'ÉTUDES INDO-EUROPÉENNES". Em: *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62, 33–46.
- BOPP, Franz (1989). *Analytical Comparison of the Sanskrit, Greek, Latin, and Teutonic Languages, shewing the original identity of their grammatical structure: New edition*. Vol. 3. John Benjamins Publishing.
- BOPP, Franz e Karl Josef Hieronymus WINDISCHMANN (1816). *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache: Nebst Episoden des Ramajan und Mahabharat und einigen Abschnitten aus den Vedas*. Frankfurt am Main: Andreae.
- BOUISSAC, Paul (2010). *Saussure: A Guide For The Perplexed*. Guides for the Perplexed. Continuum.
- BRUGMANN, Karl (1876). "Nasalis sonans in der germanischen Grundsprache". Em: *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik*, 285–338.
- CANNON, Garland (1991). *The Life and Mind of Oriental Jones: Sir William Jones, the Father of Modern Linguistics*. Cambridge University Press.
- CHAPMAN, S. e C. ROUTLEDGE (2005). *Key Thinkers in Linguistics and the Philosophy of Language*. Oxford University Press.
- COHN, B.S. (1996). *Colonialism and Its Forms of Knowledge: The British in India*. Princeton Paperbacks. Princeton University Press.
- COLLINGE, Neville Edgar (1985). *The laws of Indo-european*. Vol. 35. John Benjamins Publishing.
- CULLER, J.D. (1986). *Ferdinand de Saussure*. Cornell paperbacks : Linguistics, literary criticism. Cornell University Press.

- DAVIES, Anna Morpurgo (1986). "Karl Brugmann and Late Nineteenth-century Linguistics". Em: *Studies in the history of Western linguistics. In honour of R. H. Robins*. Ed. por Thomas BYNON e F. R. PALMER. Cambridge: Cambridge University Press, 150–171.
- (1987). "'Organic' and 'Organism' in Franz Bopp". Em: HOENIGSWALD, H.M. e L.F. WIENER. *Biological Metaphor and Cladistic Classification: An Interdisciplinary Perspective*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 81–107.
- (1998). *Nineteenth-century linguistics*. Vol. 4. History of Linguistics. London e New York: Longman.
- (2009). "Dynamic, organic, mechanical: the general significance of the debate about Indo-European Ablaut in the early nineteenth century". Em: *La Grammatica tra storia e teoria. Scritti in onore di Giorgio Graffi*. Ed. por Paola Cotticelli KURRAS e Alessandra TOMASELLI. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 133–152.
- DEUMERT, A. e W. VANDENBUSSCHE (2003). *Germanic Standardizations: Past to Present*. IMPACT: Studies in Language and Society. John Benjamins Publishing Company.
- DIDEROT, Denis e Jean Le Rond D'ALEMBERT (1751). *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers...* Chez Briasson.
- DOLEZAL, Fredric (1997). "Re-constructing ideology, Part one: Animadversions of John Horne Tooke on the origins of affixes and non-designative words". Em: *Historical, Indo-European, and Lexicographical Studies: A Festschrift for Ladislav Zgusta on the Occasion of his 70th Birthday*.
- DONALDSON, John William (1839). *The New Cratylus: Or, Contributions Towards a More Accurate Knowledge of the Greek Language*. J. e J.J. Deighton.
- DWIGHT, Benjamin Woodbridge (1859). *Modern philology: Its discoveries, history, and influence*. New York: A. S. Barnes & Burr.
- FINKELBERG, Margalit (2011). *The Homer Encyclopedia, 3 Volume Set*. Wiley.

- FOX, Anthony (1995). *Linguistic Reconstruction: An Introduction to Theory and Method*. Oxford linguistics. Oxford University Press.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm GRIMM (1854). *Deutsches wörterbuch*. Leipzig: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- GRIMM, Jacob, Wilhelm GRIMM et al. (1984). *Deutsches wörterbuch*. Vol. 9. Deutscher Taschenbuch Verlag.
- HAVET, Louis (1978). “Compte rendu de Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes par Ferdinand de Saussure”. Em: *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32, 103–122.
- HOENIGSWALD, H.M. (1963). “On the history of the comparative method”. Em: *Anthropological Linguistics*, 1–11.
- HOENIGSWALD, H.M. e L.F. WIENER (1987). *Biological Metaphor and Cladistic Classification: An Interdisciplinary Perspective*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- HOFFMAN, Karl e Bernhard FROSSMAN (1996). “Avestische Laut- und Flexionslehre Innsbruck”. Em: *Institut für Sprachwissenschaft der Universität*.
- HYMES, Dell H. (1983). *Essays in the history of linguistic anthropology*. Vol. 25. John Benjamins Publishing.
- JESPERSEN, Jens Otto Harry (1922). *Language: its nature, development and origin*. New York: Henry Hold & Company.
- JONES, W. e M.J. FRANKLIN (1995). *Sir William Jones: Selected Poetical and Prose Works*. CYMRU-Contemporary German Writers Series. University of Wales Press.
- JOSEPH, John Earl (2012). *Saussure*. Oxford University Press.
- KEILER, A.R. (1970). *A Phonological Study of the Indo-European Laryngeals*. Janua Linguarum. Series Practica. De Gruyter.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad (1985). “The place of Saussure’s ‘Mémoire’ in the development of historical linguistics”. Em: *Papers from the VIth International Conference on Historical Linguistics*. Ed. por Jacek FISIĄK, 323–345.
- (1989). *Practicing linguistic historiography: selected essays*. 3]. J. Benjamins Publishing Company.

- (1999). *Linguistic Historiography: Projects & prospects*. Studies in the History of the Language Sciences. John Benjamins Publishing Company.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad e Ronald E. ASHER (2014). *Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the cognitivists*. Elsevier.
- LEHMANN, Winfred Philipp (1967). *A reader in nineteenth century historical Indo-European linguistics*. Indiana University Press.
- LIDDELL, Henry George, Robert SCOTT e Henry DRISLER (1894). *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press.
- MATEUS, Samuel (2012). “A Querela dos Antigos e dos Modernos. um mapeamento de alguns topoi”. Em: *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 29, 179–200.
- NĀGEŚABHAṬṬA, Franz KIELHORN e Kashinath Vasudev ABHYANKAR (1962). *The Paribhāṣenduśekhara of Nāgojībhaṭṭa*. Bhandarkar Oriental Research Institute.
- NORTON, Glyn P. (1999). *The Cambridge History of Literary Criticism: Volume III: The Renaissance*.
- OERTEL, Hanns (1901). *Lectures on the Study of Language*. Yale bicentennial publications. C. Scribner’s sons.
- PAULIN, R. (2016). *The Life of August Wilhelm Schlegel, Cosmopolitan of Art and Poetry*: Open Book Publishers.
- PEDERSEN, Holger (1931). *Discovery of language: linguistic science in the nineteenth century*. Trad. por John Webster SPARGO. Tradução do original dinamarquês de 1924. Bloomington: Harvard University Press.
- PULLEYBLANK, Edwin George (1965). “The Indo-European Vowel System and the Qualitative Ablaut”. Em: *WORD* 21.1, 86–101.
- RASK, Rasmus Kristian (1811). *Vejledning til det Islandske eller gamle Nordiske Sprog*. Thiele.
- RINGE, Donald (2006). *From Proto-Indo-European to Proto-Germanic*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press.

- ROBINS, R.H. (1997). *A short history of linguistics*. 4^a ed. London: Longman.
- ROCHER, Rosane (1968). *Alexander Hamilton, 1762-1824; a Chapter in the Early History of Sanskrit Philology*. Vol. 51. American Oriental Society.
- ROCHER, Rosane e Ludo ROCHER (2012). *The Making of Western Indology: Henry Thomas Colebrooke and the East India Company*. Routledge.
- RONCAGLIA, Aurelio (1991). “Rétrospectives et perspectives dans l’étude des chansonniers d’oc”. Em: *Lyrique romane médiévale, la tradition des chansonniers: actes du colloque de Liège, 1989*, 19–41.
- ROTH, Heinrich (1988). *The Sanskrit Grammar and Manuscripts of Father Heinrich Roth, SJ (1620–68)*, ed. Ed. por Arnulf CAMPS e Jean-Claude MULLER. Leiden: Brill.
- RÜEGG, W. (2004). *A History of the University in Europe: Volume 3, Universities in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries (1800–1945)*. A History of the University in Europe. Cambridge University Press.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1877). “Essai d’une distinction des différents a indo-européens”. Em: *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* 3.5, 359–370.
- (1879). *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipsick: Teubner.
 - (1887). *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. F. Vieweg.
 - (1922). “Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure”. Em: *Société Anonyme des Éditions Sonor*.
- SCHLEGEL, Friedrich (1808). *Ueber die Sprache und die Weisheit der Indier*. Heidelberg, Mohr und Zimmer.
- SCHLEGEL, Friedrich et al. (1837). *Essai sur la langue et la philosophie des Indiens*. Parent-Desbarres.
- SCHLEICHER, August (1852). *Die Formenlehre der kirchenslawischen Sprache, erklärend und vergleichend dargestellt*. Bonn: König.
- (1856). *Handbuch der Litauischen Sprache: Litauische Grammatik*. Prag: J.G. Calve’sche Verlagsbuchhandlung.

- SEUREN, Peter A. M. (1998). *Western Linguistics: An Historical Introduction*. Wiley-Blackwell.
- SOFIA, Stanislao (2017). “A noção de ‘sistema’ no Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes de F. de Saussure (1879)”. Em: *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH 2*, 50–61.
- STIELER, Caspar von (1691). *Der Teutschen Sprache Stammbaum und Fortwachs oder Teutscher Sprachschatz*. Nürnberg: in Verlegung Johann Hofmanns.
- SWIGGERS, Pierre (2004). “Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística”. Em: *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL*. Vol. 1, 113–146.
- (2010). “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações [traduzido por Cristina Altman]”. Em: *EUTOMIA. Revista Online de Literatura e Linguística 3.2*, 1–18.
- (2012). “Linguistic Historiography: object, methodology, modelization”. Em: *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura 14.1*.
- THOMAS, M. (2004). *Universal Grammar in Second-Language Acquisition: A History*. Routledge Studies in the History of Linguistics. Taylor & Francis.
- TSIAPERÁ, Mária, Hans-Josef NIEDEREHE e Ernst Frideryk Konrad KOERNER (1990). “Organic metaphor in early 19th century linguistics”. Em: *History and Historiography of Linguistics: Studies in the History of the Language Sciences 51*, 577–588.
- TURNER, James (2014). *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton, Oxford: Princeton University Press.
- VALLINI, Cristina (2013). *Studi saussuriani*. Napoli: Università degli Studi di Napoli L’Orientale.
- VILLANI, Paola (1990). “Documenti saussuriani conservati a Lipsia e a Berlino”. Em: *Cahiers Ferdinand de Saussure 44*, 3–33.

- WATKINS, Calvert (1978). "Remarques sur la méthode de Ferdinand de Saussure comparatiste". Em: *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32, 59–69.
- WHITNEY, William Dwight (1879). *A Sanskrit Grammar, including both the classical language, and the older dialects, of Veda and Brahmana*. London: Breitkopf e Härtel.